


# A CANÇÃO TRANSFIGURADA DA TERRA

javier alvarado







*A canção transfigurada da terra / La canción transfigurada de la tierra*



Colección Libros Imposibles



*La canción  
transfigurada de la  
tierra*

Javier Alvarado

COLECCIÓN LIBROS IMPOSIBLES

-2024-

*Alvarado, Javier, 1982*

*A canção transfigurada da terra /La canción transfigurada de la tierra Antología poética bilingue* © Javier Alvarado --1ª ed.--

Coedición | EntreTmas Revista Digital & Agulha Revista de Cultura, 2024.

250 pg. 21 x 14 cm. <Colección Libros Imposibles; 29 >

<Digital>

1. Poesía panameña. 2. Literatura panameña. I. Título.

Traduções de Floriano Martins e Nuno Júdice

Prólogo de Gladys Mendía

Colección Libros Imposibles # 29

Capa & ensaio fotográfico © Floriano Martins

Coordenação editorial - Juana M. Ramos



*No ano de 2021, tive a alegria de visitar a grande poeta portuguesa Ana Luísa Amaral em Matosinhos; fiquei profundamente impressionado com a grandeza de seu espírito e sua poesia. Dela surgiu para mim a possibilidade de traduzir uma antologia para o português, mas sua morte prematura impediu; este projeto é dedicado a ela, à sua amizade imaculada e bela na memória; estes poemas vão para ela, traduzidos pela mão de Floriano Martins e Nuno Júdice, a quem agradeço e abraço profundamente.*

JAVIER ALVARADO

## PÓRTICO

*Javier Alvarado, grande poeta do Panamá.*

ANA LUISA AMARAL

*Este é um livro onde brilham o nomadismo e as transfigurações, um livro de migrações e metamorfoses, verdadeiro termómetro verbal plantado sob a pele das viagens que percebe a velocidade com que as temperaturas aquecem a leitura dos sinais de sobrevivência na terra. Um livro da excelência do registro humano em sua forma mais vívida e cheia de revelações. Um livro profundamente humano.*

FLORIANO MARTINS

*Traduzindo estes poemas de Javier Alvarado, encontro muitas coisas em comum com a sua poesia e por isso é um ritmo, uma música que posso dar em português porque este universo de imagens e memórias é familiar.*

NUNO JÚDICE





## GLADYS MENDÍA | Javier Alvarado, a voz da empatia

Javier Alvarado é uma das vozes proeminentes no panorama da poesia escrita na América Hispânica. Amplamente premiado, reconhecido por seus pares, leitor voraz, com uma trajetória impecável e também dotado de uma simpatia única. Javier nos presenteia com esta notável antologia intitulada: *A canção transfigurada da terra*, que nosso querido Floriano Martins traduziu recentemente para o português. Um capítulo final, no entanto, incluído posteriormente e intitulado “A caça dos pirilampos”, foi traduzido pelo poeta português Nuno Júdice.

Esses poemas nos imergem em diversos mundos líricos, onde a morte, o amor, a natureza e a busca interior são temas. A riqueza das imagens, das metáforas e das referências culturais e mitológicas enriquecem a experiência de leitura e nos convidam a refletir sobre nossa condição humana. Em “Cemitério de El Ciprián”, o poeta realiza um profundo exercício de introspecção ao explorar a presença dos mortos em si mesmo. Através de metáforas e descrições evocativas, ele levanta questionamentos sobre a identidade e o legado de seus antepassados. A imagética e as comparações enriquecem o poema e criam uma atmosfera melancólica. A repetição da ideia do epitáfio para todos os habitantes do cemitério ressalta a universalidade da morte e a inevitável condição humana de enfrentá-la. Por outro lado, “O Vento dos Loucos” mergulha no enigma da loucura e sua ligação com o vento. A incerteza e o desconcerto são manifestados no poema por meio de repetições e imagens perturbadoras. A perda da mãe e a busca por sentido em suas ações e memórias evocam uma nostalgia profunda e uma conexão com o ancestral. Em “São Francisco da Montanha”, o poeta explora o fascínio por um lugar que representa uma busca espiritual e existencial. A beleza da natureza e a mística que cercam o local se entrelaçam com a introspecção do eu lírico. A riqueza das metáforas e o uso de referências mitológicas enriquecem a experiência do leitor. “O invento da lâmpada segundo o amor” apresenta uma abordagem diferente e mais íntima, onde o amor é concebido como uma fonte de luz na escuridão. O poema utiliza a metáfora da lâmpada e do fio para expressar a plenitude e a luminosidade que o amor pode trazer à vida. O vagalume e a comparação com vagalumes enriquecem a ideia

de luz como símbolo de esperança e renascimento. Em “Emily com seu firmamento belo”, o poeta presta homenagem à figura de Emily Dickinson e sua busca poética. O poema destaca a capacidade de Emily para encontrar beleza na natureza e seu desejo de se conectar com a divindade por meio da arte. O uso do verso livre e a referência à poesia como fonte de luz e sabedoria adicionam uma nuance reflexiva ao poema.

Os poemas seguintes apresentam uma voz poderosa e uma notável capacidade de criar imagens evocativas e provocativas. Cada poema é um convite a pensar sobre a memória, a espiritualidade e a luta interior que nos define como seres humanos: “Boca la Caja” se destaca por seu tom melancólico e sua descrição de um lugar que está perdendo sua identidade e tradições devido ao avanço da urbanização e da modernidade. O poema evoca uma sensação de perda e tristeza diante do desaparecimento de um passado que nunca mais voltará. “Yemayá, a dos mares” é uma homenagem à divindade afro-brasileira, cheia de imagens evocativas e referências mitológicas. O poema apresenta uma linguagem musical e rítmica que recria a essência do culto a Yemayá. A repetição de versos e o uso de provérbios populares realçam o caráter cerimonial e ritualístico do poema, criando uma atmosfera mística e espiritual. “Corda e mais corda com Marina Tsvetaeva” aborda a figura da escritora Marina Tsvetaeva e sua vida trágica. O poema mostra uma introspecção profunda e dolorosa sobre a luta interna e os dilemas emocionais do ser humano. A descrição da angústia e do desespero se entrelaça com referências culturais e literárias, criando um poema complexo e enigmático. “Volta a Tsvetaeva” continua explorando a figura de Marina Tsvetaeva, mas desta vez por meio de uma conversa fictícia entre um biógrafo e a escritora. O poema mergulha na mente de Tsvetaeva, explorando seus pensamentos e emoções enquanto enfrenta seus demônios internos. A descrição da opressão política e o poder evocativo da linguagem adicionam uma dimensão política e filosófica ao poema.

Prosseguindo na leitura, Javier Alvarado oferece uma profundidade emocional e narrativa que transporta o leitor para uma paisagem histórica e cultural específica, relacionada à experiência dos imigrantes chineses que trabalharam na construção da ferrovia no istmo do

Panamá, durante o século XIX e início do século XX: “Matachín” é um poema que evoca uma atmosfera melancólica e nostálgica. O poeta utiliza imagens vívidas para retratar a partida dos imigrantes chineses de Cantão para uma terra desconhecida e hostil. O poema concentra-se no sentimento de desarraigo e na luta pela sobrevivência em um lugar novo, ao mesmo tempo que destaca a perda da identidade e da cultura em meio a uma paisagem tão distante de sua terra natal. O uso de metáforas e comparações intensifica a evocação da emoção e da realidade desses personagens históricos. “Lembrança de Matachín” é uma reflexão nostálgica sobre esse lugar que o poeta não pode esquecer. O poema foca nas memórias e no impacto emocional que Matachín deixou no coração do eu lírico, evocando o encanto e a dor de uma época passada. O uso de metáforas sobre o mar, as estrelas e o tempo contribui para criar uma atmosfera poética e melancólica que realça o significado simbólico e emotivo desse lugar histórico. “Ling Fen, o imolado de Matachín” é um poema que narra o suicídio de um dos imigrantes chineses que trabalharam na construção da ferrovia. Javier emprega um estilo narrativo e uma linguagem poética para descrever a história desse homem e seus companheiros, cujo destino trágico deixou uma marca indelével no local. O poema aborda temas profundos como a nostalgia, o sacrifício e a luta pela sobrevivência em um ambiente hostil. O uso de imagens vívidas e emocionais cria uma conexão emocional com os personagens e suas circunstâncias, permitindo que o leitor se aprofunde na história e sinta a tragédia desses imigrantes esquecidos.

O próximo conjunto de poemas explora diversos temas como identidade, pobreza, família, esperança e morte. No poema “Asas de pomba”, destaca-se o diálogo entre dois personagens, um senhor de casaco gasto e uma mulher de olhos vidrados. Essa conversa explora a temática da busca de identidade e a possibilidade de renascimento, simbolizada pelas asas de pomba. Através de metáforas e diálogos engenhosos, o poema revela as lutas internas dos seres humanos e seu desejo de superar a adversidade. A utilização da linguagem coloquial e a repetição de algumas frases conferem um ritmo peculiar ao poema. “Ofereças do filho” aborda a relação complexa entre o autor e seu pai, destacando os conflitos e a falta de compreensão mútua. O poema explora a pressão da tradição familiar e a dissonância entre os desejos

personais e as expectativas paternas. A metáfora da oferta e a alusão a passagens bíblicas reforçam a importância da relação pai-filho e suas implicações emocionais. “Poema nos cortiços” apresenta uma série de imagens angustiantes sobre a pobreza e as dificuldades enfrentadas na América Latina. O poema foca nos cortiços, onde as pessoas lutam para sobreviver e enfrentam a desesperança e a falta de recursos. A voz poética demonstra compaixão e empatia pelas comunidades marginalizadas e destaca a importância de reconhecer e enfrentar as desigualdades sociais. Em “Carta 6”, o poema adota a forma de uma carta endereçada a uma amiga chamada Marina. Através de uma série de perguntas e lembranças, a voz poética revela uma profunda introspecção e uma busca por respostas sobre a amizade e a morte. A corda, como elemento recorrente no poema, simboliza a ligação entre a vida e a morte, e a amiguinha imaginária se torna uma metáfora da morte que está sempre presente na vida do poeta.

“Anna de prata” é um poema que homenageia a poetisa Anna Akhmátova, reconhecendo-a como uma figura emblemática que transcende o tempo e o espaço. Os versos evocam imagens poéticas que a enaltecem como uma estrela ou um planeta, e aludem ao seu legado que perdura na memória daqueles que a leram. “Epopéia das regiões” aborda a luta dos povos indígenas contra a exploração e a destruição de seu território. A voz poética denuncia a construção de hidrelétricas que inundam as terras ancestrais, provocando o desaparecimento de uma cultura e o afogamento de uma história. A beleza natural e as tradições são sacrificadas em nome do progresso e da ganância. “A agonia do galo” apresenta uma metáfora poderosa que aborda a crueldade da violência e do sacrifício. O galo torna-se um símbolo da vida e da morte, da luz e da escuridão, enquanto o poeta reflete sobre o poder humano de decidir o destino de outros seres vivos. E, em “Os panamenhos em pedacinhos”, retrata-se o impacto da modernidade e da colonização nas comunidades indígenas. A perda da identidade cultural e a exploração dos recursos naturais são temas centrais que revelam uma realidade dolorosa e angustiante.

A poética de Javier Alvarado é uma amostra de seu talento como poeta comprometido com a realidade social e ambiental, e sua capacidade de explorar a condição humana com profundidade e

sensibilidade. Em “Mineração para um buraco, um buraquinho, um buracão”, denuncia a destruição causada pela mineração na terra e nas comunidades indígenas. Utilizando uma linguagem poética vigorosa e evocativa, o poeta solidariza-se com aqueles que sofrem as consequências da exploração mineradora e faz um apelo para preservar a natureza e a cultura ancestral. A poesia se torna uma ferramenta de resistência e protesto contra a violência ambiental e social. Em “René Char”, presta homenagem ao poeta francês René Char, celebrando seu legado poético e sua capacidade de capturar a essência da vida e da natureza. O poema se torna um diálogo entre poetas, transcendendo fronteiras e conectando-se com a essência da existência humana. Javier mostra sua admiração por Char e sua capacidade de transmitir emoções e pensamentos através da poesia. “Sozinho pela terra” é uma introspecção sobre a vida e a busca de significado na orfandade do poeta. Utiliza a natureza como um espelho para refletir os sentimentos e pensamentos do ser humano. Através de uma série de imagens evocativas, o poema explora a solidão, a nostalgia e a busca de identidade. A poesia se torna uma forma de escapar e encontrar sentido no meio da vida cotidiana e suas lutas. “Os coiotes” é um poema que aborda temas sociais e políticos, apresentando imagens vívidas e poderosas da natureza e da violência humana. O uso dos coiotes como símbolos de força e astúcia destaca a luta pela sobrevivência e a busca de poder em um mundo dominado pela ganância e destruição. Em “Morte de um poeta naturalista”, reflete sobre a morte e a transcendência do legado poético. O poema está impregnado de uma atmosfera melancólica e contemplativa, enquanto o poeta enfrenta a ideia da morte e a continuidade da vida através da poesia. Javier celebra a memória de um poeta e a importância de sua obra na transmissão de conhecimento e experiência. Em “Renovação de cédula”, nos mergulha em um mundo burocrático e existencial, onde a renovação da identidade se torna uma experiência existencial complexa e profunda. O uso da imagem da identidade como símbolo da identidade e da transição da vida evoca uma sensação de transcendência e autoconsciência. “Partida na neve” nos apresenta uma imagem poderosa de perda e morte, onde a mãe fica sozinha tecendo para os netos que nunca terá. O poema evoca um sentimento de nostalgia e

melancolia ao abordar temas como a passagem do tempo, a partida e a ausência. A poesia do autor nos comove e nos conecta com a experiência humana compartilhada da perda e da solidão. “Poema de dolorosa primavera das irmãs de Kafka” mergulha no tema do Holocausto e da memória histórica. O uso das irmãs de Kafka como símbolo de todas as vítimas do Holocausto e o convite para libertar os insetos nos lembram da importância de lembrar e aprender com a história, assim como a necessidade de enfrentar o passado com coragem e compreensão. “Milea Jesenská”, “Felice Bauer”, “Grete Bloch” e “Julie Wohryzek” nos apresentam uma série de poemas que exploram a natureza do amor e da conexão humana. Cada poema apresenta um relacionamento diferente e complexo, explorando a paixão, o desejo, a dor e a esperança que acompanham o amor e os relacionamentos humanos. O poema “Dora Diamant” é uma reflexão emocionante sobre a vida e o amor através da figura de Dora Diamant, uma mulher que teve um relacionamento com Franz Kafka. O autor utiliza imagens vívidas e metáforas evocativas para descrever o relacionamento entre Dora e Kafka, e como suas vidas se entrelaçaram ao longo do tempo e das circunstâncias difíceis. “Os três irmãos e o mar” é um poema que aborda o tema da identidade e da conexão com a terra e os antepassados. O poeta explora a relação entre sua família e a terra de seus ancestrais, utilizando metáforas naturais para transmitir uma sensação de pertencimento e nostalgia.

“O canto da irmã” é um poema lírico que evoca a imagem de uma irmã que canta e se torna uma metáfora da beleza e do significado da vida. O poema destaca a importância das conexões familiares e como a voz e o canto de um ente querido podem deixar uma profunda impressão em nós. “Ronda para uma criança com síndrome de Down” é um poema que aborda o tema da deficiência e da capacidade de amar e encontrar alegria nas pequenas coisas da vida. O poema destaca a importância de apreciar cada momento e encontrar beleza na vida cotidiana. “O vinho” é um poema que explora o tema do amor e do desejo através de metáforas e símbolos relacionados ao vinho. O poeta utiliza imagens sensoriais para evocar a paixão e a intensidade do amor, e como o vinho se torna uma metáfora da experiência humana. “Carta de gelo a Anahí Lazzaroni até o fim do mundo” é um poema que aborda

o tema da amizade e da distância. O poeta reflete sobre a amizade e a passagem do tempo, utilizando imagens evocativas de paisagens e memórias compartilhadas. “Tomas Tranströmer” é um poema que presta homenagem ao poeta sueco Tomas Tranströmer. O autor utiliza imagens de paisagens e viagens para evocar a poesia e a influência do poeta homenageado. “Um caranguejo caribenho para Jesus Cos Causse” é um poema que explora a identidade caribenha e a busca de significado na vida. O autor utiliza imagens do mar e da natureza para transmitir uma sensação de pertencimento e busca de identidade.

Em “Jaculatória por um cavalo”, o poema evoca a figura de um cavalo singular e quase mítico que se torna um símbolo de beleza e resistência. O cavalo com um único olho, abandonado ao sol, é representativo dos amores e destinos interrompidos, assim como da efemeridade da vida. O poeta se conecta com o animal, que cumpriu seu propósito, e encontra nele um eco de sua própria orfandade. Em “O pescador de pérolas”, o poema evoca a figura de um escravo africano na Colônia que mergulha em busca de pérolas. Através desta alegoria, o poeta reflete sobre o sacrifício e a luta pela liberdade. A pérola, símbolo de riqueza e beleza, torna-se metáfora da liberdade conquistada através do trabalho e da coragem. O poema celebra a capacidade do ser humano de superar adversidades e encontrar significado em sua existência. “Taxistas” nos oferece uma visão da vida noturna de um motorista de táxi, que ao longo de sua carreira se torna confiante e conselheiro de seus passageiros. O poema destaca a capacidade do protagonista de compreender e ajudar os outros em meio à complexidade e ao caos da cidade. A vocação de taxista torna-se uma metáfora da própria vida, onde cada passageiro representa uma história única e um desejo de se conectar com os outros. Em “Raspao”, o poema destaca a figura de um homem que vende *raspao* nas ruas. O protagonista encontra na preparação dessas sobremesas uma forma de expressão artística e amorosa. Os *raspaos*, com seus sabores e cores, tornam-se um símbolo da própria vida, com suas alegrias e tristezas. O poema celebra a capacidade do ser humano de encontrar beleza e significado nas coisas mais simples da vida cotidiana. Finalmente, “O fabricante de pipas” é um tributo à infância e à criatividade. O poema lembra com carinho os



momentos da infância em que a confecção e o voo de pipas eram parte da diversão e da imaginação. As pipas se tornam uma metáfora da poesia e da liberdade criativa do ser humano. O poeta, como fabricante de pipas, encontra na escrita uma forma de se libertar e voar em direção a novos horizontes.

Javier Alvarado nos convida a refletir sobre a vida, a liberdade, a beleza e a conexão humana. A poesia se torna um meio de explorar a complexidade da existência e celebrar os momentos e as pessoas que dão significado à nossa vida. A sensibilidade e a maestria de Javier para expressar emoções e experiências tornam esses poemas uma leitura comovente e enriquecedora. Alcançando essa empatia e conexão com outros seres humanos que muitas vezes esquecemos no dia a dia.

Santiago do Chile, agosto de 2023.





**EL VIENTO DE LOS LOCOS**

**O VENTO DOS LOUCOS**

[ tradução de Floriano Martins ]

## ENTERRADERO DE EL CIPRIÁN

En este enterradero todos tenemos epitafio  
Una oscura canción que nos persigue desde el pasado hasta el  
presente  
Como una guirnalda de pobres vegetales,  
Estos muertos que me habitan a veces, que tanto cargo  
Que corrijo en sus posturas, en sus gestos, en sus hábitos,  
Que corren detrás de mí como el niño tras el llanto amargo del agua  
Se van navegando junto a mi sangre  
Como se va escapando el invierno en su fragata.

¿A dónde se fue quedando el ropaje de nuestros primeros abuelos  
Y el disfraz de loca y pordiosera de mi abuela  
Con su legajo estival después de pasar por los chamuscados  
Telares del viento, si eso dicen que la locura entra por el aire  
A su viento, donde todos hemos de ir con el primer himno o la  
campanada  
Terrena de esta suerte, de ser huérfano en la luz,  
En la territorialidad y en el polvo?

¿A dónde está ella y el cruel abuelo  
Que fue dispersando sus hijos por la tierra  
(Vitervo, Bredio, Janeth)  
Como las cuentas prófugas de un collar  
Que halamos con la rabia del tiempo, con esa sacudida  
De los animales que vuelven del espasmo  
Cuando la noche se posa sobre nosotros  
Como un gigantesco amaranto o como un pulpo  
Que se ha sacado partituras con el orgasmo pétreo de su tinta?

Oh, mis primeros muertos que el chubasco del invierno  
Me trae en desordenadas imágenes  
Donde se contemplan el bestiario de las musas  
Si no he podido contemplar la levadura de sus huesos  
¿Dónde está su tumba, abuela inmemorial de maíz y greda

Marcaria Espinoza la que se fue sin ataúd  
Sólo con la mortaja de llanto de sus hijos ausentes  
En su humildad y en su locura?

Nosotros abandonaremos estos cuerpos, habitaremos estas burbujas  
Que el invierno escupe.  
Habrá tumbas desde el cielo a la fragata,  
Nos hospedaremos en tu casa y seremos todos tan reales y  
desconocidos.  
Éste es tu enterradero de El Ciprián, donde todos tendremos epitafio.

## CEMITÉRIO DE EL CIPRIÁN

Neste cemitério todos nós temos um epitáfio  
Uma canção sombria que nos persegue desde o passado até o presente  
Como uma guirlanda de hortaliças pobres,  
Esses mortos que às vezes me habitam, que tanto carrego  
Que corrijo em suas posturas, em seus gestos, em seus hábitos,  
Que correm atrás de mim como a criança após o choro amargo da água  
Eles vão navegando junto com meu sangue  
Enquanto o inverno se esvai em sua fragata.

Para onde foram as roupas dos nossos primeiros avós?  
E a fantasia de louca e mendiga da minha avó  
Com seu arquivo de verão depois de passar pelo chamuscado  
Teares do vento, como dizem que a loucura entra pelo ar  
Ao seu vento, onde todos temos que ir com o primeiro hino ou o  
carrilhão  
Terreno dessa sorte, de ser órfão na luz,  
Na territorialidade e na poeira?

Onde estão ela e o avô cruel  
Que foi espalhando seus filhos pela terra  
(Vítervo, Bredio, Janeth)  
Como as contas fugitivas de um colar  
Que falamos com a fúria do tempo, com aquele solavanco  
Dos animais que voltam do espasmo  
Quando a noite cai sobre nós  
Como um gigantesco amaranto ou como um polvo  
Que exibiu partituras com o orgasmo de pedra de sua tinta?

Oh, meus primeiros mortos que o banho de inverno  
Me traz em imagens confusas  
Onde se contempla o bestiário das musas  
Se não pude contemplar o fermento de seus ossos  
Onde está a tua sepultura, avó imemorial de milho e barro  
Marcaria Espinoza, aquela que saiu sem caixão

Apenas com a mortalha chorosa de seus filhos ausentes  
Em sua humildade e loucura?

Abandonaremos esses corpos, habitaremos essas borbulhas  
Que o inverno cospe.  
Haverá sepulturas do céu à fragata,  
Ficaremos em tua casa e seremos todos tão reais e desconhecidos.  
Este é o seu cemitério em El Ciprián, onde todos teremos um epitáfio.



## EL VIENTO DE LOS LOCOS

*Sopla el viento por las calles.  
Sopla el viento de los locos.  
Sopla el viento de los locos.*

JORGE TEILLIER

*El viento vuelve loco...*

TÍO GUILLERMO

Sopla el viento de los locos  
Y no sé qué quiere decirme.  
Si la locura entra por el aire  
Eran constelaciones que no podías reparar  
Puentes donde cruzaron caballos y niños de leyenda  
Juegos que no alcanzaste a oír  
Pues la infancia de tus hijos  
Les quedó muy lejos, muy tarde fue  
Colocar el mantel en la mesa  
Olvidar las horas y sentir que el día  
Se va apagando, sin una lengua de sol  
Sin el revoloteo de las aves  
O el ruido de las gallinas que vagabundean  
Por el rancho, como si fuera posible  
Pertenercer a un recuerdo y vivir de él

Aferrado para siempre como el último  
Bosquejo de un dibujo indescifrable  
Donde a mi madre le rajan el pecho  
Y le colocan un nido de golondrinas;  
A mí una moneda olvidada  
Para pagar las deudas de libros;  
A mi hermano Antonio una canción

Cuya letra desconoce;  
A Anna una sortija para que deletree  
Las imágenes de este mundo;  
A Braulio, una flauta para que destelle con la música.

¿A dónde se va el fuego que ha de calentar  
A esas generaciones que se advinieron  
De tu carne?  
¿Por qué hubiste de parir cuando soplaban  
El viento de los locos y yo no pude  
Sujetar las crenchas de un Eolo  
Que nunca creí perverso  
Hacia tus pechos que se doblegaban en el campo  
Como dos papos marchitos?  
Creías que nunca habrías de reflejarte  
En nuestras caras como un testamento  
De auguraciones en plena primavera.  
Ya no estás en la casa deshabitada  
Donde te buscamos en vano,  
A su alrededor crecen limoneros  
Pomarrosas y tamarindos tristes.  
Nadie pone la olla de frijoles sobre el fuego  
Nadie nos saldrá a abrir la puerta  
Y tu maternal cuidado, abuela indescifrable.  
Tú te quedaste atrapada en el aire  
Para ser el aire, madre de los aires  
Allá donde se pierden los panderos y las estrellas en el espacio  
Eso que sopla como una centella arrebatada de la espuma  
Los partos innumerables que fueron diezmando  
Tu corazón y tu belleza,  
Si eras como una paloma posada en la grama  
Una quebrada que siempre irradió  
En el campo como un símbolo de uberrimidad y de cosecha.  
Te fuiste gravitando con la carta del relámpago.  
Mi madre y yo te buscamos en un febrero oscuro  
Y no hallamos ni tu aroma, ni tu voz, ni tu retrato.

Sopla el viento de los locos.  
Sopla el viento de los locos  
Y no sé qué quiere decirme.

## O VENTO DOS LOUCOS

*O vento sopra pelas ruas.  
O vento dos loucos sopra.  
O vento dos loucos sopra.*

JORGE TEILLIER

*O vento é louco...*

TIO GUILHERME

Sopra o vento dos loucos  
E eu não sei o que ele quer me dizer.  
Se a loucura entra pelo ar  
Eram constelações que não poderias consertar  
Pontes por onde cruzavam cavalos lendários e crianças  
Brincadeiras que não pudeste ouvir  
Pois a infância de teus filhos  
Ficou muito longe, muito tarde  
Estender a toalha sobre a mesa  
Esquecer as horas e sentir que o dia  
Vai esmaecendo, sem uma língua de sol  
Sem o esvoaçar dos pássaros  
Ou o barulho de galinhas perambulando  
Pelo rancho, como se fosse possível  
Pertencer a uma memória e viver dela

Agarrado para sempre ao último  
Esboço de um desenho indecifrável  
Onde o peito da minha mãe é cortado  
E lhe colocam um ninho de andorinhas;  
Para mim uma moeda esquecida  
Pagar dívidas de livros;  
Ao meu irmão Antonio uma canção

Cuja letra desconhece;  
Para Anna um anel para soletrar  
As imagens deste mundo;  
Ao Bráulio, uma flauta para que brilhe com a música.

Para onde vai o fogo que aquecerá  
Aquelas gerações que vieram  
De sua carne?  
Por que tiveste que dar à luz quando estava soprando  
O vento dos loucos e eu não pude  
Segurar as cristas de um Éolo  
Que nunca imaginei perverso  
Em direção aos teus seios que se curvaram no campo  
Como dois papos murchos?  
Pensaste que nunca irias te refletir  
Em nossos rostos como um testamento  
De presságios no meio da primavera.  
Não estás mais na casa desabitada  
Onde em vão te procuramos,  
Ao seu redor crescem limoeiros  
Maçãs rosas tristes e tamarindos.  
Ninguém põe a panela de feijão no fogo  
Ninguém vai sair para nos abrir a porta  
E teu cuidado maternal, avó indecifrável.  
Foste grudada no ar  
Para ser o ar, mãe dos ares  
Lá onde os pandeiros e as estrelas se perdem no espaço  
Aquilo que sopra como uma faísca arrancada da espuma  
Os partos inúmeros que foram dizimando  
Teu coração e tua beleza  
Se fosses como uma pomba empoleirada na grama  
Uma ravina que sempre irradiou  
No campo como símbolo de abundância e colheita.  
Saíste gravitando com a carta do relâmpago.  
Minha mãe e eu te procuramos em um fevereiro escuro  
E não conseguimos encontrar teu cheiro, tua voz ou teu retrato.

O vento dos loucos sopra.  
O vento dos loucos sopra  
E eu não sei o que ele quer me dizer.

## SAN FRANCISCO DE LA MONTAÑA

*Nunca de ti, ..., he podido irme.*

CZESLAW MILOSZ

Escribo sobre las puertas para llegar a San Francisco.

Nadie me indicó el rastro de sus colas  
Ni el arcoiris amordazado en la boca de los tigres;  
Cada uno de mis pies me conduce a la vastedad que no se alcanza,  
Al hallazgo de sus cazuelas y sus casas cubiertas con escarchas de  
leyenda.

He llegado a tallar la resina de sus troncos  
Con martillos y cinceles que no son más que mi talego de palabras,  
Donde me silbarán  
Las órdenes angélicas con sus misterios piadosos,  
Con una lengua iluminada de verdades convulsas y concretas  
Donde los pájaros trazados recojan utopías con su canto;  
Aquello que puede convertirse en la furia de una nube,  
En la desnudez lírica de un árbol  
Allí donde me tienden un candil y no se apaga,  
Donde se desboca el silabario del musgo,  
Donde despierta Dios con su mágico bostezo.

San Francisco me llama con la campana de sus calles,  
Me hace morder los mangos de su reino caviloso,  
Su iglesia barroca me espera con la luz de sus guijarros,  
Con sus peces antiguos y con el artesonado del milagro en la madera,  
Existiendo en sus ríos como los mendigos que buscan las monedas  
De la sangre,  
La territorialidad de los caminos que van hacia la tregua  
Como astros descalzos o novias que arrastran la vejez de los cocuyos,  
O como el niño que va portando

La hierba del anciano brujo y sus jilgueros.

Se ausenta mi sombra  
Como una mano campesina con innumerables cicatrices,  
Donde siguen bajando los muertos en potrillos  
Para buscar el rocío y el oro en las praderas,  
Lo que no tiene miedo  
Como las pinturas de sus óleos en la prueba de exterminio,  
Donde girarán con la rotación de la tierra  
El amor y sus fantasmas (donde una saloma levantará el origen de sus  
polvos).

Mi madre me alumbró al pie de estas montañas  
Con los silencios del jaguar y sus misterios  
Algo que sueña el mar cuando caen densos los cristales de otra lluvia.

Llego a San Francisco donde nunca he podido irme  
Donde dejo mi poesía  
En las bocas de sus ángeles gordos y barrocos.



## SÃO FRANCISCO DA MONTANHA

*Eu nunca fui capaz de te deixar...*

CZESŁAW MIŁOZ

Escrevo sobre as portas para chegar a San Francisco.

Ninguém me mostrou o rastro de sua cauda  
Nem o arco-íris amordaçado na boca dos tigres;  
Cada um de meus pés me leva à imensidão inalcançável,  
À descoberta das suas caçarolas e das suas casas cobertas de lendária  
geada.

Eu vim para esculpir a resina de seus troncos  
Com martelos e cinzéis que nada mais são do que minha prisão de  
palavras,  
Onde eles vão me assobiar  
As ordens angélicas com seus piedosos mistérios,  
Com uma língua iluminada de verdades convulsivas e concretas  
Onde os pássaros traçados colecionam utopias com seu canto;  
Aquilo que pode se tornar a fúria de uma nuvem,  
Na nudez lírica de uma árvore  
Lá onde eles me servem uma lâmpada e ela não se apaga,  
Onde o silabário do musgo corre solto,  
Onde Deus desperta com seu bocejo mágico.

San Francisco me chama com o sino de suas ruas,  
Ele me faz morder as mangas de seu reino taciturno,  
Sua igreja barroca me espera com a luz de seus seixos,  
Os seus peixes antigos e o caixotão do milagre na madeira,  
Existindo em seus rios como mendigos em busca de moedas  
Do sangue,  
A territorialidade dos caminhos que conduzem à trégua  
Como estrelas descalças ou noivas arrastando a velhice dos vagalumes,  
Ou como a criança que está carregando

A erva do velho mago e seus pintassilgos.

Minha sombra está ausente  
Como uma mão camponesa com inúmeras cicatrizes,  
Onde os mortos continuam a cair em potros  
Para procurar orvalho e ouro nos prados,  
O que nada teme.  
Como as pinturas de seus óleos no teste de extermínio,  
Onde eles vão girar com a rotação da terra  
O amor e seus fantasmas (onde uma favela erguerá a origem de sua  
poeira).

Minha mãe me deu à luz no sopé dessas montanhas  
Com os silêncios da onça e seus mistérios  
Algo que o mar sonha quando os cristais de outra chuva caem densos.

Chego a São Francisco de onde nunca pude sair  
Onde ponho a minha poesia  
Na boca de seus anjos gordos e barrocos.

## EL INVENTO DE LA BOMBILLA SEGÚN EL AMOR

*Durante los meses tristes, centelleó mi vida sólo cuando hice el amor contigo  
como la luciérnaga*

TOMÁS TRANSTRÖMER, *Apuntes de Fuego*

Durante los años de oscuridad,  
Era mi cuerpo un cable de alta tensión y tu cuerpo una bombilla.  
La plenitud y la hermosura en toda la derrota,  
Un camino de la leche que nos guiaba hasta el pomar.  
Un agua sempiterna que dejaba en mis manos los antiguos cauces,  
Las ubérrimas barcazas donde destiló la misericordia de tu piel,  
El amaranto negro de tus bragas y sus soles oscuros que aparecían  
En mi videncia de niño, en mi bitácora de viejo, en mi mocedad y en la  
pizarra.

Durante los días infelices, centelleó mi vida cuando hice el amor  
contigo,  
Como las luciérnagas.

## A INVENÇÃO DA LÂMPADA SEGUNDO O AMOR

*Durante os meses tristes, minha vida brilhou apenas quando fiz amor contigo  
como o vagalume*

TOMÁS TRANSTRÖMER, *Apontamentos de fogo*

Durante os anos de escuridão,  
Meu corpo era um cabo de alta tensão e teu corpo era uma lâmpada.  
Plenitude e beleza em toda derrota,  
Um caminho de leite que nos levava ao pomar.  
Uma água eterna que deixou os antigos canais em minhas mãos,  
As abundantes barcas onde destilou a misericórdia de tua pele,  
O amaranto preto de tua calcinha e seus sóis escuros que apareceram  
Na vidência de menino, no diário de velho, na juventude e na lápide.

Durante os dias infelizes, minha vida brilhou quando fiz amor contigo,  
Como os vagalumes.

## EMILY CON SU FIRMAMENTO HERMOSO

*Hay otro firmamento  
Siempre sereno y hermoso.*

EMILY DICKINSON

Emily mira el jardín interior que está más allá de las murallas  
Quisiera tomar ese territorio            donde pule su cayado el  
peregrino:  
Donde la sombra encuentra su gemelo  
Y donde dice:

Poeta

*Entra en mi jardín, hermano, hay un firmamento hermoso.*

En los días ella toma el hilo y la costura;  
Poda la perfección de la flor en cada paso  
Va sembrando una balada  
En cada pétalo que deshojan las alcobas  
Donde se yergue el mausoleo a la belleza  
En los ojos donde beben fuego las golondrinas de la sangre.

De resistirse al océano de las almas  
Su padre un pastor de iglesia, la conmina  
A la reverencia de las luces  
Y las aguas  
En el rebaño del señor,  
Como una oveja añorada  
Que va del pasto ennoviado  
Hacia pájaros y campanas que se apagan

Es el recuento de una historia y de otra historia,  
Esposa purpúrea y blanca

Donde el sol penetra como una cabra en el bostezo  
De los escarpados soles de nuestras vidas y las vidas.  
Allí plantando un verso,  
Un poema para la bolsa  
La crónica de plata  
Donde la sombra encuentra su gemelo  
Y donde dice:

Poeta

*Entra en mi jardín, hermano, hay un firmamento hermoso.*

## EMILY COM SEU BELO FIRMAMENTO

*Há outro firmamento.  
Sempre belo e sereno.*

EMILY DICKINSON

Emily olha para o jardim interno além dos muros  
Queria tomar aquele território onde o peregrino lapida seu  
cajado:  
Onde a sombra encontra seu irmão gêmeo  
E diz:

Poeta

*Entra em meu jardim, irmão, há um belo firmamento.*

Durante o dia ela pega linha e costura;  
Poda a perfeição de flor de ameixa a cada passo  
Ele está semeando uma balada  
Em cada pétala que desfolham as alcovas  
Onde se ergue o mausoléu da beleza  
Nos olhos onde as andorinhas de sangue bebem fogo.

Para resistir ao oceano de almas  
Seu pai, um pastor da igreja, insiste com ela  
Para a reverência das luzes  
E das águas  
No rebanho do Senhor,  
Como uma ovelha saudosa  
Que vai do pasto enamorado  
A caminho de pássaros e sinos que se apagam

É a narração de uma história e outra história,  
Mulher branca e púrpura

Onde o sol penetra como uma cabra no bocejo  
De sóis íngremes de nossas vidas e vivências.  
Ali plantando um verso,  
Um poema para a bolsa  
A crônica de prata  
Onde a sombra encontra seu irmão gêmeo  
E diz:

Poeta

*Entra em meu jardim, irmão, há um belo firmamento.*



## BOCA LA CAJA

Ya habrán desaparecido las casas  
Y los restos del colmenar en el invierno.  
Ya nadie azotará las redes desde la parquedad  
De las barcazas. Todos se fueron yendo  
Cuando quedó cercada la infancia  
Por los temibles edificios. Ya nada es más distante  
Que el tiempo y su sombra, que el veredicto final  
De las casuchas que desaparecen como el último  
Recuerdo que dejó Dios en la memoria, quizás no fuimos  
Tan mortales y perecieron nuestras huellas.

¿A dónde va Boca la Caja con sus centellas  
Y sus muertes?  
¿A dónde sus fogatas y la pesca que se va desvaneciendo  
Como una temible batahola?  
Ya no se escucharán más las risas y los llantos,  
El arroz con coco y los pescados se nublarán  
Con un bocado de hambre y mansedumbre.  
Sólo miro el avance del concreto y una luz  
Se apaga en el poblacho.  
Mi infancia quedará arrebatada por los altos edificios.  
La Virgen del Carmen se quedará en la tierra.  
Sólo quedaremos en videos y postales.  
Algún cronista nos llamará: un pueblo perdido,  
El invierno lloverá dentro de nosotros  
Y ya nadie azotará las redes  
Desde la parquedad de las barcazas.

## BAIRRO BOCA LA CAJA

As casas já terão desaparecido  
E os restos do apiário no inverno.  
Ninguém mais vai açoitara as redes da escassez  
Das barcaças. Todos se foram  
Quando a infância foi cercada  
Pelos terríveis edifícios. Nada é mais distante  
Que o tempo e sua sombra, que o veredicto final  
Dos barracos que desaparecem como a última  
Lembrança que Deus deixou na memória, talvez não fôssemos  
Tão mortais e nossas pegadas pereceram.

Para onde vai Boca la Caja com suas faíscas  
E suas mortes?  
Onde suas fogueiras e a pesca que segue desaparecendo  
Como um banzé assustador?  
Risos e choros não mais se ouvirão,  
O arroz de coco e os peixes serão turvados  
Com uma pitada de fome e mansidão.  
Não vejo senão o progresso do concreto e uma luz  
Que se dissipa no vilarejo.  
Minha infância será arrebatada pelos altos prédios.  
A Virgem del Carmen permanecerá na terra.  
Restaremos apenas em vídeos e postais.  
Algum cronista nos chamará: uma cidade perdida,  
O inverno vai chover dentro de nós  
E ninguém mais açoitará as redes  
Da escassez das barcaças.

## YEMAYÁ, LA DE LOS MARES

*A Jorge Amado*

### I

Antes he escarbado estas huellas, estas palabras  
Estas historias resueltas en la pared  
Clavadas como ojos vidriosos ante una idea que tiembla  
Que salta en pedazos, da un vuelco  
Grita en el tiempo y muerde siempre.  
Antes he escuchado a la corriente hablar  
A la dulce samaritana gritándome desde el polvo  
Desde la roca primera de su genealogía de arcilla  
Desde los trozos de su jofaina más terrena.  
Yo he grabado y he sacrificado estos animales de Altamira  
La voz verde del fuego, el violeta esqueleto del verdugo.  
Yo vi nacer a mi madre con los llantos de octubre,  
A mi padre lo dejé crecer y lo solté de la mano  
Cuando el temor enfriaba las quebradas.  
He tocado los cascabeles de la gracia sin conocer el milagro;  
Subo hasta el monte, reconozco al gladiador  
Y penetro en la boca de su máscara,  
Donde me espera el aguijón de la canción más terrible.

He dormido como un perro  
Y he escuchado las olas en el mar arrastrar a sus muertos,  
Llevándolos a la tranquilidad de la arena,  
Allí habremos todos de esperar boca arriba  
Aquello que llamamos eternidad  
Oh, Iemanjá, oscura claridad del tiempo.

### II

Iemanjá, la de los mares,  
La de las cítaras muertas, la de las tierras de Aiocá.

Iemanjá, la madre de todos los hombres,  
La madre de la espuma india, la de los corales negros,  
La de las escamas y agallas  
La de los ojos de los peces.

Yo he visto tus ojos desde la gran claridad humana  
Y he caminado por la costa buscando los solares perdidos  
Los horizontes contados desde los dedos más supremos,  
Las canciones de niño que abandoné con el estruendo sordo  
De los fantasmales cañones de Portobelo  
O las lunas que guardé como monedas en la orfandad de mis bolsillos.

(Se oye un rumor de tambor naciendo)  
o-o-o-a-a yemayá  
yemayá  
o-o-o-a-a yemayá  
yemayá

*(Voz de palmar en calma)*  
Iemanjá,  
Virgen de Regla  
Cruz de España  
Mar de los moros  
Mar de los cristianos,  
Tabaco de Cuba.

Una vela y un tambor  
Están velando mi tumba  
Ooa, Iemanjá, la que los recoge a los muertos bajo el agua,  
La que lleva las almas hasta el abanico austral y boreal de la tierra  
Un cuerpo ha descendido al fondo de las edades,  
Se cristaliza húmedamente e inicia su retorno plantando su legajo de  
raíces

Hoy busco un tambor  
Un cuero yoruba de alga y sangre,

Un pez, una almeja, una palabra  
En estas ceremonias donde la jicotea niega su nombre;  
Hoy las espadas marinas dan su toque de calma  
Y los cangrejos habitan el territorio de las vastedades acuáticas

o-o-o-a-a Yemayá  
Yemayá la de los mares

Una vela y un tambor  
Están velando mi tumba

o-o-o-a-a Yemayá  
Yemayá

Quédate por el negro  
Quédate por los pobres

III

Janaína, la de los canoeros,  
Una canción, un delta de río, un instrumento  
Aleta de los metales más sublimes, hacha del leñador certero.  
Todo inició con el coral de la carne, el fuego en las antorchas  
En las canoas donde Dios existe y se mueve con el enjambre del  
    pelicano  
El ojo de la primavera, los brazos del verano  
Los pies del invierno que sostuvieron el primer mundo donde duermes  
    los Orishas.

Iemanjá, yo te llevo en mi canoa  
En todas las velas de los barcos, en las naves,  
En mis embarcaciones nocturnas, en la soledad, en los saveiros.

Todo se queda, todo se escucha  
Hijo soy de Iemanjá, la de la tierra y de los mares

*(Con rumor de tormenta alejándose  
Entonando una copla popular del Brasil)*

*Yo me llamo Ogum de ley  
No niego mi natural  
Hijo soy del agua clara  
Soy nieto de Iemanjá  
Iemanjá, ven*

*Ven del mar*

## IEMANJÁ, A DOS MARES

*Para Jorge Amado*

I

Antes eu cavei essas pegadas, essas palavras  
Essas histórias resolvidas na parede  
Olhando como olhos vidrados para uma ideia que treme  
Que pula em pedaços, vira  
Grita na hora e morde sempre.  
Antes eu ouvi o fluxo falar  
Para a doce samaritana gritando comigo da poeira  
Desde a primeira rocha de sua genealogia de barro  
Desde os pedaços de sua bacia mais terrena.  
Eu gravei e sacrifiquei esses animais de Altamira  
A voz verde do fogo, o esqueleto violeta do carrasco.  
Eu vi minha mãe nascer com as lágrimas de outubro,  
Deixei meu pai crescer e soltei a mão dele  
Quando o medo esfriou as ravinas.  
Toquei os sinos da graça sem conhecer o milagre;  
Subo à montanha, reconheço o gladiador  
E adentro a boca de sua máscara,  
Onde o aguilhão da mais terrível canção me espera.

Eu dormi como um cão  
E ouvi as ondas do mar arrastarem seus mortos,  
Levando-os ao silêncio da arena,  
Lá teremos todos que esperar virados para cima  
Pelo que chamamos de eternidade  
Oh, Iemanjá, obscura claridade do tempo.

II

Iemanjá, a dos mares,

A das cítaras mortas, das terras de Aiocá.  
Iemanjá, a mãe de todos os homens,  
A mãe da espuma indígena, a dos corais negros,  
A das escamas e brânquias  
A dos olhos dos peixes.

Eu vi teus olhos desde a grande claridade humana  
E caminhei pela costa procurando as luzes perdidas  
Os horizontes contados dos dedos mais supremos,  
As canções infantis que abandonei com o estrondo surdo  
Dos cânions fantasmagóricos de Portobelo  
Ou as luas que guardei como moedas na orfandade de meus bolsos.

(Ouve-se um barulho de tambor nascendo)

o-o-o-a-a yemaya  
yemaya  
o-o-o-a-a yemaya  
yemaya

(Calma voz de palmar)

Iemanjá,  
Virgem de Regla  
Cruz de Espanha  
Mar dos mouros  
Mar de cristãos,  
Tabaco cubano.

Uma vela e um tambor  
Estão vigiando meu túmulo  
Ooa, Iemanjá, a que recolhe os mortos debaixo d'água,  
A que leva as almas a escala austral e boreal da terra  
Um corpo desceu ao fundo dos tempos,  
Cristaliza-se úmido e começa a retornar plantando seu feixe de raízes

Hoje eu procuro um tambor  
Um couro iorubá de alga e sangue,



Um peixe, uma amêijoia, uma palavra  
Nessas cerimônias onde a tartaruga nega seu nome;  
Hoje as espadas marinhas dão seu toque de calma  
E os caranguejos habitam o território da imensidão aquática

o-o-o-a-a Iemanjá  
Iemanjá dos mares

Uma vela e um tambor  
Estão vigiando meu túmulo

o-o-o-a-a Iemanjá  
Iemanjá

Fica pelo negro  
Fica pelos pobres

III

Janaína, a dos canoieiros,  
Uma canção, um delta de rio, um instrumento  
Barbatana dos metais mais sublimes, machado do lenhador certo.  
Tudo começou com o coral da carne, o fogo nas tochas  
Nas canoas onde Deus existe e se move com o enxame de pelicanos  
O olho da primavera, os braços do verão  
Os pés do inverno que seguraram o primeiro mundo onde dormem os  
Orixás.

Iemanjá, eu te levo em minha canoa  
Em todas as velas dos navios, nos barcos,  
Em minhas embarcações noturnas, na solidão, nos saveiros.

Tudo fica, tudo se ouve  
Sou filho de Iemanjá, a da terra e dos mares

*(Com rumor de tempestade se afastando)*

*Entoando uma copla popular do Brasil)*

Meu nome é Ogun de lei

Não nego meu natural

Sou filho da água clara

Sou neto de Iemanjá

Iemanjá, vem

*vem do mar*

## SOGA Y MÁS SOGA CON MARINA TSVETAEVA

Bufón – *Que me ahorque. El que en el mundo  
está bien ahorcado, no teme ya  
a los colores*  
SHAKESPEARE, *Noche de Epifanía*

Dicen que empiezan a ver colores, que no hay remedio  
Para volver a su condición de respirante,  
Ese es el augurio y la posesión de ahorcado,  
Ahora aquí está ella, con el regazo a oscuras  
Y una sogá enroscándose a su cuerpo como un arrullo de serpiente,  
Ha querido colgarse del Kremlin o de la corona de los zares  
Donde el miedo es una hogaza de pan que sigue tiritando en el horno,  
Una falsa traqueotomía para la vida, la verdadera conflagración contra  
    ti misma,  
Contra tus ojos claros y contra el pelo corto  
Desde tu daguerrotipo casi adolescente,  
Restañando esa parte del diluvio que se advino contra ti  
Como una lanza mortal, contra esa lluvia y sus dardos fetales  
Naciendo en el descreimiento de toda ecuación posible.  
Nadie bebe de la noche su antagonismo de veneno  
Su cráter lunar donde seguro han de estar las poses capitales  
Para determinar el horario de las muertes,  
Las balas que han de traspasar la boca de tu esposo  
Y el recuerdo de tus amantes etéreas que se adormilaron  
Con la primera canción de cuna y el hijo acribillado  
Por los minerales de la heredad sangrienta, todo eso  
Para tomar el cordel y dar la forma del anillo nupcial  
Para el pescuezo,  
Luego dejarse ir y patalear nuevamente  
Como un Dios  
En la placenta del aire.

## CORDA E MAIS CORDA COM MARINA TSVETAEVA

Bobo da corte – *Que me enforcem. Aquele que no mundo  
está bem enforcado, não teme mais  
as cores*

SHAKESPEARE, *Noite da Epifania*

Dizem que começam a ver cores, que não há remédio  
Para retornar à sua condição respiratória,  
Esse é o presságio e a posse do homem enforcado,  
Agora aqui está ela, com o colo no escuro  
E uma corda enrolada em seu corpo como o murmúrio de uma cobra,  
Ela queria se enforcar no Kremlin ou na coroa dos czares  
Onde o medo é um pão que fica tremendo no forno,  
Uma falsa traqueostomia para toda a vida, a verdadeira conflagração  
contra si mesma,  
Contra seus olhos claros e cabelos curtos  
De seu daguerreotipo quase adolescente,  
Estancando essa parte do dilúvio que veio a seu encontro  
Como uma lança mortal, contra aquela chuva e seus dardos fetais  
Nascer na descrença de todas as equações possíveis.  
Ninguém bebe o antagonismo venenoso da noite  
Sua cratera lunar onde certamente devem estar as posturas capitais  
Para determinar a hora da morte,  
As balas que atravessarão a boca de teu marido  
E a memória de tuas amantes etéreas que adormeceram  
Com a primeira canção de ninar e o filho crivado  
Para os minerais da herança sangrenta, tudo isso  
Para pegar o barbante e lhe dar o formato da aliança  
Para o pescoço,  
Então soltar-se e espernear novamente  
como um deus  
Na placenta do ar.

## VUELTA A LA TSVETAEVA

Me cuenta un biógrafo que a través de un resabio de cristal  
Pudo visitar Rusia y tertuliar un rato  
Con Marina Tsvetaeva. Ella lo recibió con su rostro de hambre  
Y el vestido raído y con el vaso de agua desbordado por la vendimia de  
los años  
Y le brindó rodajas de salmón desesperadamente  
Después de haber tomado  
El vaho del día y las temibles noticias, de deudas  
Muertes y encarcelamientos de vecinos y seres queridos.  
El salmón –eso me cuenta– fue un regalo de Pasternak  
Desde muy lejos, desde su cabaña donde podía ver el sol  
Y el hielo que copulaba entre el aire y las cordilleras  
De un marasmo, casi mortal, y donde los días solían ser espléndidos  
Antes de la guerra y de las persecuciones  
Y donde ella afirmaba que si hubiese conocido a Blok ella lo hubiese  
salvado  
De la muerte, de ese miserable designio que arranca  
De la fertilidad o la esterilidad a los poetas  
Y que afiebrada prosiguió a leerle algunos versos  
*Oh MUSA DEL LLANTO, las más bellas de las musas*  
Y de ahí en adelante todo fue blanco y todo fue borrasca,  
Un agujijón de estrellas para beber el café mugriento  
Los panes quemados, las raciones lamentables para la apetencia  
Y siguió leyendo hasta tomar un poco la costura  
Dejada al descuido sobre el tiempo  
Y afuera los caballos galopaban tratando de rumiar la libertad del  
horizonte  
Las esquirlas intocables de las praderas afiebradas  
El bastón de ébano que tendían los magos a la tertulia insaciable  
Como un acertijo de bastos para la ausencia de los tropos  
Que nos hacían caer verticalmente por un río  
De espesa niebla, eso lo pintaron después algunos caricaturistas  
Con sus tintas esclavas, aumentándole luego un par de historias

De romance o de preguntas que nos tocan el labio o el pececito de la  
  espalda.  
Hasta en las cenizas, nos sublevaríamos en rosa o en poema.  
Y el biógrafo (que no conozco) y ella  
Empezaron a atravesar la vasta noche  
Que era como un solsticio  
O como un páramo  
Donde habitaban las especies desterradas  
De ese imperio anterior, a lo que sucumbe  
Y no da paso a la vida, tan movida para los que intentan  
Cruzar la alambrada de la imposibilidad;  
Ella, paloma de tierra, atadas las alas, cacofónicamente  
Solía ir hacia las praderas y dejar poemas de protesta  
En las ventanas, en los ofertorios del triunfo  
En la ceniza,  
La agilidad mental de su cuerpo  
Que se balanceaba por las calles  
Y eso era como ser miembro de la joven guardia  
Cuando los himnos de la guerra  
Eran audibles en todas las esquinas  
Y la nieve era más mortal  
Como el invierno en las entrañas  
-Carcomiendo-  
Todo recuerdo hermoso  
Para volver cadáver  
A las primaveras recolectadas en el cesto  
Donde seguro nacerá un poema,  
Una rama vertical de oro sobre el asombro.

## RETORNO A TSVETAEVA

Um biógrafo me diz que através de um fragmento de cristal  
Ele pôde visitar a Rússia e conversar um pouco  
Com Marina Tsvetaeva. Ela o recebeu com seu rosto faminto  
E o vestido surrado e com o copo d'água a transbordar pela vindima  
dos anos  
E deu-lhe fatias de salmão desesperadamente  
Após haver apanhado  
A névoa do dia e as terríveis notícias das dívidas  
Mortes e prisões de vizinhos e entes queridos.  
O salmão – assim ele me diz – foi um presente de Pasternak  
De longe, de sua cabana onde podia ver o sol  
E o gelo que copulava entre o ar e as cordilheiras  
De um pântano, quase mortal, e onde os dias costumavam ser  
esplêndidos  
Antes da guerra e das perseguições  
E onde ela afirma que se tivesse conhecido Blok o teria salvo  
Da morte, desse projeto miserável que arranca  
Da fertilidade ou esterilidade dos poetas  
E com que fervor ela continuou a ler para ele alguns versos  
*Oh MUSA DO PRANTO, a mais bela das musas*  
E desde então tudo ficou branco e tudo ficou tempestuoso,  
Um ferrão de estrelas para beber o café imundo  
Os pães queimados, as miseráveis rações para o apetite  
E continuou lendo até retomar um pouco a costura  
Deixada descuidada sobre o tempo  
E lá fora os cavalos galopavam tentando ruminar a liberdade do  
horizonte  
Os cacos intocáveis das pradarias febris  
A bengala de ébano que os mágicos estenderam para a reunião  
insaciável  
Como uma adivinhação grosseira para a ausência de tropos  
Isso nos fez cair verticalmente em um rio  
De denso nevoeiro, que mais tarde foi pintado por alguns  
caricaturistas

Com suas tintas submissas, depois acrescentando algumas histórias  
Do romance ou das perguntas que nos tocam os lábios ou dos  
peixinhos nas costas.  
Mesmo nas cinzas, ressurgiríamos em rosa ou em um poema.  
E o biógrafo (que não conheço) e ela  
Começaram a atravessar a vasta noite  
Que era como um solstício  
Ou como um terreno baldio  
Onde viviam as espécies banidas  
Desse império anterior, ao qual sucumbe  
E não dá lugar à vida, tão ocupada para quem tenta  
Atravessando a cerca de arame da impossibilidade;  
Ela, pomba da terra, as asas amarradas, como uma cacofonia  
Costumava ir às pradarias e deixar poemas de protesto  
Nas janelas, nos ofertórios de triunfo  
Nas cinzas,  
A agilidade mental de seu corpo  
Que balançou pelas ruas  
E isso era como ser um membro da jovem guarda  
Quando os hinos de guerra  
Eram audíveis em todos os cantos  
E a neve era mais mortal  
Como o inverno nas entranhas  
– Carcomendo –  
Toda linda lembrança  
Para voltar cadáver  
Às primaveras recolhidas no cesto  
Onde certamente nascerá um poema,  
Um ramo vertical de ouro acima do assombro.



## MATACHÍN

*Siempre anduve de paso, mirando la vida que corre  
en algún tren opuesto al mío.*

EUGENIO MONTEJO

Despierto ahora que no quedan destellos en el pueblo  
Cuando no quedan restos de manos  
Acariciando el lomo de las puertas,  
Alguna vela desterrada (si es que podemos descifrarla)  
Alguna sombra colgando de un árbol (si es que el tiempo la ha dejado  
Tejer una guirnalda, un légamo de trenza).

Escribo con el temblor de las palabras  
Mientras el invierno  
Teje una corona de sí mismo;  
Mientras los pájaros dormitan  
En otro silencio, en otro bosque, en otra selva,  
Cuando todos desertamos de esa oscuridad  
Que ya viene, que ya se fue y que llama a nuestros rituales con voz  
ronca  
Como una llama de sangre que incuba las parcelas  
Cuando raspamos una piedra contra otra,  
Buscando el albur de nuestro tedio.

Es una hora en que todos se han marchado  
En que partimos hacia épocas añejas  
Con zapatos nuevos y ojos advocados al misterio  
Con un dragón de escamas gualdas,  
Con nuestras familias arrancadas de raíz,  
Con el último intento del gallo de asir la tierra,  
De alejarla de su cresta y rotar la muerte en su plumaje:  
Cuando ya no me escucho, cuando ya no me oyen  
Cuando en vano trato de plantar los rieles y durmientes

Y sobrevive un cántaro roto a las cuentas de la lluvia y los dictámenes  
del día  
Cuando nos embarcaron desde Cantón para alborear la esfera  
Para vislumbrar alguna pagoda en el paisaje.

Dejamos atrás nuestra ciudad,  
El aroma lírico que transcurre en nuestro tiempo,  
Algunas brazadas hacia el loto abierto del estanque,  
Hacia nuestros sueños, algo de nuestras vidas inconclusas,  
fragmentarias,  
Algo de nuestros dioses  
Que en esta parte de Panamá aún respiran, prevalecen,  
Mientras me devora un sol  
Para llenar mis pupilas con los colores asaetados por el trópico;  
Cuando un tren enmudecía en el pecho  
Y se rumoraba  
Que entristecíamos por falta de opio, que el opio no habitaba nuestros  
huesos  
Como las oscuras voces que se debatían por ser grullas en la montaña  
sagrada.

Pero aun así, vestimos con sedas preciosas  
Y amamos a nuestros hijos y mujeres  
Condensando una huella que viene de tan lejos  
Que se esfuma, que retorna, que muere contigo;  
Era como recordar la siembra  
Y la evocación empapada de nuestro padre,  
Disputando las espigas de arroz  
Y el monzón que se adviene –como hálito tardío–  
Mientras el corazón se nos repliega  
Con ese ruido de locomotoras que pasan  
Y cada una de nuestras vidas es un durmiente  
Y cada una de nuestras muertes es un riel demenciado entre las  
piedras.

Algunos se amarran guijarros

Y deletrean el curso sanguíneo de los ríos,  
Otros empiezan a tallar lanzas de palo y luego hunden  
Esa inocencia de árboles al cuello,  
Algunos pagan por decapitaciones  
O se sientan amordazados en el borde lastimero de la playa  
Para que el mar los resida con sus pies de tentáculos  
Y sus lágrimas de espuma  
O toman sus trenzas  
Y se anudan a las ramas y estallan sobre la tierra como frutos  
Y cuelgan con sus grandes pantalones al viento  
Como aguardando al eco,  
Al aluvión que atesora lo parsimonioso de sus pasos,  
A sus tés medicinales que desborda la tormenta.

Yo no puedo recordar el llanto de esa gente  
Y la desolación que corre por sus ojos.  
El istmo cuelga de un moño chino  
Cuando no quedan restos de manos  
Acariciando el lomo de las puertas;  
Mientras recorro las historias de Matachín página por página;  
Ahora que parto en tren  
Y que ya no quedan destellos  
De ahorcamientos  
En el pueblo.

## MATACHÍN

*Eu sempre passei olhando a vida que corre  
Em algum trem oposto ao meu.*

EUGÊNIO MONTEJO

Desperto agora que não há mais clarões na cidade  
Quando não há mais restos de mãos  
Acariciando a lombada das portas,  
Alguma vela banida (se pudermos decifrar)  
Alguma sombra pendurada em uma árvore (se o tempo deixou  
Tecer uma guirlanda, uma trança de lodo).

Escrevo com o tremor das palavras  
Enquanto o inverno  
Tece uma coroa de si mesmo;  
Enquanto os pássaros dormem  
Em outro silêncio, outro bosque, outra selva,  
Quando todos nós desertarmos dessa escuridão  
Que está chegando, que se foi e que chama nossos rituais com voz  
rouca  
Como uma chama de sangue que incuba as partes  
Quando raspamos uma pedra contra a outra,  
Procurando o jogo do nosso tédio.

É uma hora em que todos se foram  
Em que partimos para os velhos tempos  
Com novos sapatos e olhos dedicados ao mistério  
Com um dragão de escamas douradas,  
Com nossas famílias desarraigadas,  
Com a última tentativa do galo de agarrar a terra,  
Para afastá-la de sua crista e girar a morte em sua plumagem:  
Quando eu não me ouvir mais, quando eles não me ouvirem mais  
Quando em vão tento plantar os trilhos e dormentes

E um jarro quebrado sobrevive aos relatos da chuva e aos pareceres do  
dia  
Quando fomos enviados de Cantón para amanhecer a esfera  
Para vislumbrar algum pagode na paisagem.

Deixamos nossa cidade para trás  
O aroma lírico que passa em nosso tempo,  
Algumas braçadas no lago de lótus aberto,  
Para nossos sonhos, algo de nossas vidas inconclusas, fragmentárias,  
Algo dos nossos deuses  
Que nesta parte do Panamá ainda respiram, prevalecem,  
Enquanto um sol me devora  
Para encher minhas pupilas com as cores pontiagudas do trópico;  
Quando um trem calou no peito  
E havia rumores  
Que entristecíamos pela falta de ópio, que o ópio não habitava nossos  
ossos  
Como as vozes sombrias que lutaram para serem garças na montanha  
sagrada.

Mas ainda assim, nos vestimos com sedas preciosas  
E amamos nossos filhos e mulheres  
Condensando uma pegada que vem de tão longe  
Que desaparece, retorna, que morre contigo;  
Era como recordar o plantio  
E a encharcada evocação do nosso pai,  
Disputando as espigas de arroz  
E a monção que se aproxima – como um suspiro tardio –  
Enquanto o coração se afasta de nós  
Com esse ruído de locomotivas passando  
E cada uma de nossas vidas é um dormente  
E cada uma de nossas mortes é um trilho demente entre as pedras.

Alguns amarram pedrinhas  
E traçam o curso sanguíneo dos rios,  
Outros começam a esculpir lanças de pau e depois afundam

Essa inocência das árvores ao pescoço,  
Alguns pagam por decapitações  
Ou se sentam amordaçados na beirada lastimável da praia  
Para que o mar lhes habite com seus pés tentaculares  
E suas lágrimas de espuma  
Ou pegam suas tranças  
E se amarram aos galhos e explodem no chão como frutas  
E se penduram com suas calças grandes ao vento  
Como se esperassem o eco,  
A aluvião que entesoura a parcimônia de seus passos,  
Seus chás medicinais que a tempestade transborda.

Não recordar o pranto dessa gente  
E a desolação que atravessa seus olhos.  
O istmo pende de um laço chinês  
Quando não há mais restos de mãos  
Acariciando a lombada das portas,  
Enquanto repasso as histórias de Matachín página por página;  
Agora que viajo de trem  
E que não restam mais clarões  
De enforcamentos  
No povoado.

## RECUERDO DE MATACHÍN

Matachín reverbera bajo las aguas  
Con su voz ahorcada y su dialecto  
Con su rostro de músico y sus dedos embadurnados por azogue;  
Es una franja de tierra que no puedo olvidar. No la ignoro  
Y la acaricio,  
La huelo como el primer milagro  
Que brotó tras el diluvio  
Con sus hojas graduales.  
Cierro mis puños y los abro tratando de bracear  
Sobre este lago  
La vendimia del dolor;  
Las letras paganas que compusieron su bitácora de viaje;  
Sus maletas llenas de suicidios, y de muertes.  
De auroras y de pueblos perdidos.

Matachín regresa a mis salomas  
Como una constelación que se recoge,  
Como una estrella calcada,  
Como un grito hechizado a la intemperie.

Aún albergo las ansias de montarme en tren,  
De seguir los caminos y los rieles,  
Los campos donde se disemina la faena  
Donde está Uh Mei con su loto,  
Con su estanque de páginas muertas.

Me apresuro a llegar hasta la iglesia de La Línea  
Donde la campana sigue tañendo  
A pesar del peso salobre de las aguas, me apresuro  
A dar cuerda a un gran reloj que sigue andando  
Nadie sabe la razón, la hora ni el por qué;  
En sus péndulos veo parpadear un mundo  
Con su cola de tucán, con sus páramos ausentes.

En Matachín hay una estación. Móntate.  
Algún día llegaremos a la eternidad  
En lomo de tren. Aquí yacen los chinos dormidos  
Con sus colores y canciones. El tren inició  
Con los colores del suicidio. Ahora todo es el sabor  
Del olvido con su locomotora  
Y su hierro oxidado.

Móntate.  
Algún día llegaremos a la eternidad  
En lomo de tren.



## LEMBRANÇA DE MATACHÍN

Matachín reverbera sob as águas  
Com sua voz embargada e seu dialeto  
Com o rosto de músico e os dedos untados de mercúrio;  
É uma faixa de terra que não consigo esquecer. Não a ignoro  
E a acarício  
Sinto seu cheiro como o primeiro milagre  
Que brotou depois do dilúvio  
Com suas folhas graduais.  
Fecho e abro meus punhos tentando balançar  
Sobre este lago  
A colheita da dor;  
As cartas pagãs que compunham seu diário de viagem;  
Suas malas cheias de suicídios e mortes.  
Madrugadas e povoados perdidos

Matachín volta aos meus barracos  
Como uma constelação recolhida,  
Como uma estrela traçada,  
Como um grito enfeitado ao ar livre.

Ainda tenho vontade de entrar no trem,  
Seguir as estradas e os trilhos,  
Os campos onde o trabalho é disseminado  
Onde está Uh Mei com seu lótus,  
Com sua poça de páginas mortas.

Corro para chegar à igreja de La Línea  
Onde o sino continua tocando  
Apesar do peso salobro das águas, apresso-me  
Para dar corda a um grande relógio que continua correndo  
Ninguém sabe a razão, a hora ou o motivo;  
Em seus pêndulos, vejo um mundo piscar  
Com sua cauda de tucano, com suas charnecas ausentes.

Em Matachín há uma estação. Anda.  
Algum dia chegaremos à eternidade  
Em lombo de trem. Aqui jazem os chineses adormecidos  
Com suas cores e canções. O trem começou  
Com as cores do suicídio. Agora tudo é sabor  
Do esquecimento com sua locomotiva  
E seu ferro oxidado.

Anda.  
Algum dia chegaremos à eternidade  
Em lombo de trem.

## LING FEN, EL INMOLADO DE MATACHIN

Sucede que, en algún momento, uno se pone a narrar historias, a llenar páginas de diario,  
A llevar bitácoras de viaje y de empresas solitarias y colectivas,  
Que uno se pone a llorar en la quilla de un navío y no sabe descifrar las cabalgatas del viento que preceden a la tempestad,  
El ritmo acompasado de las estrellas, las constelaciones más rielantes y más cónicas,  
La inclinación de cabeza, las ruinas de alguna embarcación y las gotas que se apresuran a delinear un rostro  
Y uno termina por perderse en todo el mar que convoca nuestra fábula,  
Ante ese mar que marca y desdibuja el destino brumoso de los hombres  
Cuando me vi obligado a partir desde Cantón hacia una tierra desconocida  
En medio de un fuego estructural, en donde un ferrocarril se abría paso como una mano por un muslo de mujer  
Mientras mi joven esposa, se quedó tendida en el piso de nuestra casa invocando que volviese,  
No sin antes haber envuelto algunas ofrendas de arroz para mi boca hambrienta  
No sin antes haberme tomado de las manos y dejarme todo su perfume de hibisco y de naranjas separadas.  
Ahora solo conservo su larga trenza para que la huela y la acaricie y una flor de loto –ya seca, ya semipodrida–  
Para que la tierra se me haga presente como sus ojos, terrígenos y terráqueos que ondulan como el resplandor de la cosecha,  
Cuando fuimos exuberantes y nos casamos con el primer monzón que bajó de la montaña  
Y ella lucía un traje de infinitos colores y yo varias prendas de color rojo para parecerme al dragón que fraguaba las bodas en nuestra familia,

Ahora todo eso es recuerdo, todo eso es una pausa lógica

Y sigo escribiendo mi llegada al istmo de Panamá, la fragata del calor,  
la contradicción de unirnos todos en un tren y dispersarnos en  
campamentos, según nuestra raza, según nuestras creencias y  
nuestro lugar de origen.

A nuestro lado se entonan algunos cánticos a un dios que no conozco,  
Algunas palabras en inglés y miradas con ojos azules que son como el  
mar cuando se bate con nuevas naves ante su imperante  
desconfianza;

En otros sitios hay gente de color que no se atreven a mirarnos a los  
ojos;

Yo empecé a entristecer y mi comunidad no tenía más nada que decir,  
mientras nos íbamos secando, mientras nuestras ropas parecían  
que vistiesen virutas de bambú para embarcaciones pobres.

Nos dieron porciones limitadas de opio, éramos los nuevos fumadores  
de lotos en esta tierra,

La muerte se nos hacía humo y empezábamos a cantar, a cantar y a  
negarnos todo el silencio

Que nos pateaba las vértebras y la sangre, con toda esa realidad.

Pero resulta que a mí, Ling Fen, me llamaba mi esposa.

Pero resulta que a Lian Tung lo llamaban sus hijos y su madre viuda.

Pero resulta que a Hung Mei le marcaban un sitio hasta el mar para  
que se sentase y esperase a que las olas vinieran por él y lo llevaran  
a Cantón:

Pero resulta que a Lian Tung le estaban esperando otro puñado de  
asiáticos para cumplir su deseo,

Por unas cuantas monedas: troncharle la cabeza e ir a arrojarla al  
arroyuelo para que se convirtiera en loto danzante.

Otros personajes, más pintorescos que nosotros, se pusieron toda una  
tarde a sacarle punta

A varias ramas y a varios brazos de especies verdes de estos lados del  
trópico

Y fueron hundiendo aquella lanza, amelcochada con savia

Hasta que, con sangre de garganta, se hicieron de uno de los mejores  
ritos de suicidio, aplicados en este caserío, engrandeciendo una  
leyenda.

Hará varias lunas que estas desgracias que hoy ocurren fueron  
marcadas por el nombre de este pueblo hace muchos años,  
algunos siglos antes.  
Matachin atrajo la muerte de los chinos y yo observo como el cartel  
que anuncia  
Este fatídico intento, nos hace colgar como mangos de colores en los  
árboles, sujetos por nuestros moños.  
Yo, cansado de tanta nostalgia y de tanto trabajo por el tren, me  
acerco a mi humilde morral y allí está, solícita, la trenza de mi  
esposa,  
Su obsequio de bodas, allá en Cantón, donde seguro me espera en la  
puerta, con la cabeza inclinada, sollozando.

Hay una vorágine de cisnes de cuellos largos entre mis piernas,  
productos de la zona  
Y algunos pedazos de pan danzando con las hormigas de la heredad  
nefasta.  
Ya no más lágrimas para Ling Fen, el chinito de los rieles y  
durmientes.  
Tomo la trenza de bodas y la amarro a mi moño inconcluso, cortado a  
comienzos del verano.  
Subo a un corotú corpulento y alto y me enrosco la mata de hebras  
que libera mi cuello.  
Y me dejo colgar y me convierto en un fruto más de Matachin, el gran  
pueblo del suicidio y de la matanza de los chinos.  
Hoy el pueblo yace bajo el agua, bajo la quimera esperanzadora de un  
Gran Lago.  
¿A dónde se quedaron aquellos habitantes de Asia después de aquel  
lastimero viaje por el Caribe?  
¿Qué es lo que sobrevuela por debajo del agua como un ave fénix  
chino?  
Alguien de seguro, al atravesar el Canal o dar una ojeada por la  
ventana del moderno tren verá el humo que asciende desde la  
profundidad  
Donde están los fumadores de lotos, los que ansiaron un ferrocarril y  
quedaron siendo hollín de estrellas subterráneas.

## LING FEN, O IMOLADO DE MATACHÍN

Acontece que, a certa altura, alguém começa a narrar histórias, a preencher páginas de diário,  
Para manter registros de viagens e empresas solitárias e coletivas,  
Alguém que começa a chorar na quilha de um navio e não sabe decifrar as cavalgadas do vento que precedem a tempestade,  
O ritmo compassado das estrelas, as constelações cintilantes e mais cínicas,  
A inclinação da cabeça, as ruínas de algum barco e as gotas que correm para delinear um rosto  
E alguém acaba por se perder em todo o mar que a nossa fábula convoca,  
Diante desse mar que marca e apaga o nebuloso destino dos homens  
Quando fui forçado a deixar Cantón para uma terra desconhecida  
No meio de um incêndio estrutural, onde uma ferrovia abriu caminho como uma mão na coxa de uma mulher  
Enquanto minha jovem esposa estava deitada no chão de nossa casa, rezando para que ela voltasse,  
Não antes de embrulhar algumas oferendas de arroz para minha boca faminta,  
Não antes de me pegar pela mão e me deixar todo o seu perfume de hibisco e laranjas escolhidas.  
Agora guardo apenas sua longa trança para que eu possa cheirar e acariciar e uma flor de lótus – ora seca, ora meio estragada –  
Para que a terra se faça presente para mim como seus olhos, terrígenos e terrestres que ondulam como o esplendor da colheita,  
Quando éramos exuberantes e casamos durante a primeira monção que desceu da montanha  
E ela esplendia uma roupa de infinitas cores e eu várias prendas vermelhas que me deixavam parecido com o dragão que planejava as bodas em nossa família,  
  
Agora tudo isso é memória, tudo isso é uma pausa lógica

E continuo escrevendo minha chegada ao istmo do Panamá, a fragata do calor, a contradição de nos unirmos todos em um trem e nos dispersarmos em acampamentos, segundo nossa raça, segundo nossas crenças e nosso lugar de origem.

Ao nosso lado algumas canções são cantadas para um deus que não conheço,  
Algumas palavras em inglês e olhares com olhos azuis que são como o mar quando luta com novos barcos perante a sua desconfiança dominante;  
Em outros lugares há pessoas de cor que não se atrevem a nos encarar o olhar;  
Comecei a ficar triste e minha comunidade não tinha mais nada a dizer, enquanto nos enxugávamos, enquanto nossas roupas pareciam estar usando aparas de bambu para barcos pobres.  
Eles nos deram porções limitadas de ópio, éramos os novos fumantes de lótus nesta terra,  
A morte nos fez fumar e começamos a cantar, cantar e negar a nós mesmos todo o silêncio  
Que nos chutava as vértebras e o sangue, com toda essa realidade.  
Acontece que Ling Fen, assim me chamava minha esposa.  
Acontece que Lian Tung era como o chamavam seus filhos e sua mãe viúva.  
Acontece que Hung Mei tinha um lugar marcado até o mar para que pudesse sentar e esperar que as ondas viessem buscá-lo e o levassem a Cantón:  
Acontece que outro punhado de asiáticos esperava que Lian Tung realizasse seu desejo,  
Por algumas moedas: cortar sua cabeça e jogá-la no riacho para que se transforme em lótus dançante.  
Outros personagens, mais pitorescos do que nós, passaram uma tarde inteira afiando  
Vários ramos e vários braços de espécies verdes nestes lados do trópico  
E foram afundando aquela lança, adoçada com seiva

Até que com sangue da garganta realizaram um dos melhores ritos  
suicidas, aplicados nessa aldeia, engrandecendo uma lenda.  
Há várias luas que esses infortúnios que estão ocorrendo hoje foram  
marcados pelo nome deste lugarejo, alguns muitos anos, séculos  
antes.

Matachín atraiu a morte dos chineses e observo como o cartaz que  
anuncia  
Essa tentativa fatídica nos faz pender como mangas coloridas nas  
árvores, sujeitados por nossos laços.  
Eu, cansado de tanta saudade e de tanto trabalho pelo trem, me  
aproximo de minha humilde mochila e lá está, solícita, a trança de  
minha mulher,  
Seu presente de casamento, ali em Cantón, onde com certeza estará  
me esperando na porta, de cabeça baixa, soluçando.

Há um redemoinho de cisnes de pescoço comprido entre minhas  
pernas, produtos da região  
E alguns pedaços de pão dançando com as formigas da desastrosa  
propriedade.  
Chega de lágrimas para Ling Fen, o chinesinho dos trilhos e  
dormentes.  
Pego a trança do casamento e amarro no meu coque inacabado,  
cortado no início do verão.  
Subo em um corotú corpulento e alto e me enrosco no tapete de fios  
que me liberta o pescoço.  
E me deixo pender e me converto em mais um fruto de Matachín, a  
grande cidade do suicídio e da matança dos chineses.  
Hoje a cidade está submersa, sob a esperançosa quimera de um  
Grande Lago.  
Onde ficaram aqueles habitantes da Ásia depois da lamentável viagem  
pelo Caribe?  
O que é que sobrevoa por debaixo da água como uma fênix chinesa?  
Com certeza alguém, ao atravessar o Canal ou olhar pela janela do  
trem moderno, verá a fumaça que sobe das profundezas



Onde estão os fumantes de lótus, aqueles que ansiavam por uma  
ferrovia e foram deixados como fuligem das estrelas subterrâneas.

## ALAS DE PALOMA

*Después que dijo esto, escupió en la tierra, hizo barro con la saliva y lo puso sobre los ojos del ciego, diciéndole: “Ve a lavarte a la piscina de Siloé”, que significa “Enviado”. El ciego fue, se lavó y, al regresar, ya veía.*

JUAN 9 6-7:

Señor de abrigo raído:	Herédame la tierra.
Mujer de ojos vidriados:	Yo me quedé sin casa.
Señor de abrigo raído:	¿Por qué no construimos una?
Mujer de ojos vidriados:	No hay suelo en donde caerse.
Señor de abrigo raído:	Aún estamos vivos.
Mujer de ojos vidriados:	¿Es que no lo ve?
Señor de abrigo raído:	¿Qué cosa?
Mujer de ojos vidriados:	Una parte de mi está muerta.
Señor de abrigo raído:	Yo puedo revivir esa parte.
Mujer de ojos vidriados:	¿Cómo?
Señor de abrigo raído:	Imitando a las palomas.
Mujer de ojos vidriados:	¿A las palomas?
Señor de abrigo raído:	Ellas comen en las plazas.
Mujer de ojos vidriados:	Las migajas de la gente...
Señor de abrigo raído:	Comen en las plazas, pero siempre andan volando.
Mujer de ojos vidriados:	Yo no tengo alas.
Señor de abrigo raído:	Construyamos una casa y busquemos nuestras alas.
Mujer de ojos vidriados:	Hay mucha miseria en el mundo.
Señor de abrigo raído:	Mí ropa interior es de periódico.
Mujer de ojos vidriados:	Mí ropa es extraída del patio interior de una basura.
Señor de abrigo raído:	Aún estamos tristes.
Mujer de ojos vidriados:	No tenemos en donde construir.
Señor de abrigo raído:	Aún estamos vivos.
Mujer de ojos vidriados:	¿No ve que tengo los ojos vidriados?

Señor de abrigo raído: Yo le puedo devolver lo humano a sus ojos.  
 Mujer de ojos vidriados: ¿Cómo?  
 Señor de abrigo raído: Llenándolos de vida.  
 Mujer de ojos vidriados: ¿Cómo?  
 Señor de abrigo raído: Escupiendo en el suelo y...  
 Mujer de ojos vidriados: Usted no hace milagros.  
 Señor de abrigo raído: Aún no lo sabes.  
 Mujer de ojos vidriados: No hable babosadas.  
 Señor de abrigo raído: Si quiere, escupamos los dos sobre la tierra.  
 Mujer de ojos vidriados: Mejor cálese.  
 Señor de abrigo raído: Escupa, yo escupo...  
 Mujer de ojos vidriados: Algo saldrá de la tierra.  
 Señor de abrigo raído: Sí, algo saldrá de la tierra.  
 Mujer de ojos vidriados: ¿Algo como qué?  
 Señor de abrigo raído: Lodo  
 Mujer de ojos vidriados: ¿Y?  
 Señor de abrigo raído: Untémonos en los ojos y en el cuerpo.  
 Mujer de ojos vidriados: ¿Y?  
 Señor de abrigo raído: Naceremos de nuevo.  
 Mujer de ojos vidriados: ¿Quiere usted que me desnude?  
 Señor de abrigo raído: Tiene que ser así para untarse el lodo.  
 Mujer de ojos vidriados: La verdad que no comprendo.  
 Señor de abrigo raído: Hagamos una casa.  
 Mujer de ojos vidriados: Desde esta altura se contempla toda la ciudad.  
 Señor de abrigo raído: Aquí hemos venido.  
 Mujer de ojos vidriados: Aquí hemos venido.  
 Señor de abrigo raído: A matarnos.  
 Mujer de ojos vidriados: ¿A matarnos?  
 Señor de abrigo raído: Sí, a matarnos...  
 Mujer de ojos vidriados: ¡No!  
 Señor de abrigo raído: ¿No?  
 Mujer de ojos vidriados: Quiero otros ojos  
 Construyamos una casa.

Señor de abrigo raído: Escupa.  
Mujer de ojos vidriados: ¿Que escupa?  
Señor de abrigo raído: Sí, que escupa. Yo escupiré también.  
Mujer de ojos vidriados: ¿Para qué quiere que escupamos?  
Señor de abrigo raído: Si escupimos y escupimos habrá lodo  
Mujer de ojos vidriados: para hacer el barro con el que  
construiremos suficiente para mis ojos  
y nuestra casa.  
Señor de abrigo raído: Sin duda, pisemos la tierra...  
Mujer de ojos vidriados: Quizás nos salgan alas de paloma.

## ASAS DE POMBA

*Depois de dizer isso, cuspiu no chão, fez lodo com a saliva e colocou sobre os olhos do cego, dizendo-lhe: Vai lavar-te no tanque de Siloé, que significa Enviado. O cego foi, lavou-se e, quando voltou, já via.*

JOÃO 9 6-7:

Senhor do casaco puído:	Herde a terra de mim.
Mulher de olhos de vidro:	Eu Fiquei sem casa.
Senhor do casaco puído:	Por que não construímos uma?
Mulher de olhos de vidro:	Não há chão para cair.
Senhor do casaco puído:	Ainda estamos vivos.
Mulher de olhos de vidro:	Não está vendo?
Senhor do casaco puído:	O quê?
Mulher de olhos de vidro:	Uma parte de mim está morta.
Senhor do casaco puído:	Posso reviver essa parte.
Mulher de olhos de vidro:	Como?
Senhor do casaco puído:	Imitando pombos.
Mulher de olhos de vidro:	Pombos?
Senhor do casaco puído:	Eles comem nas praças.
Mulher de olhos de vidro:	As migalhas do povo...
Senhor do casaco puído:	Eles comem nas praças, mas estão sempre voando.
Mulher de olhos de vidro:	Não tenho asas.
Senhor do casaco puído:	Vamos construir uma casa e encontrar nossas asas.
Mulher de olhos de vidro:	Há muita miséria no mundo.
Senhor do casaco puído:	Minha roupa interior é de jornal.
Mulher de olhos de vidro:	Minhas roupas são retiradas do pátio interno de um depósito de lixo.
Senhor do casaco puído:	Ainda estamos tristes.
Mulher de olhos de vidro:	Não temos onde construir.
Senhor do casaco puído:	Ainda estamos vivos.

Mulher de olhos de vidro: Não vê que tenho olhos de vidro?  
Senhor do casaco puído: Posso devolver o humano aos teus olhos.

Mulher de olhos de vidro: Como?  
Senhor do casaco puído: Enchendo-os com vida.

Mulher de olhos de vidro: Como?  
Senhor do casaco puído: Cuspindo no chão e...

Mulher de olhos de vidro: Não fazes milagres.  
Senhor do casaco puído: Ainda não sabes.

Mulher de olhos de vidro: Não fales bobagens.  
Senhor do casaco puído: Se queres, vamos cuspir no chão.

Mulher de olhos de vidro: Melhor calar a boca.  
Senhor do casaco puído: Cuspa, eu cuspo...

Mulher de olhos de vidro: Alguma coisa vai sair da terra.  
Senhor do casaco puído: Sim, algo vai sair do chão.

Mulher de olhos de vidro: Algo como o quê?  
Senhor do casaco puído: Lama

Mulher de olhos de vidro: E?  
Senhor do casaco puído: Untemo-nos os olhos e o corpo.

Mulher de olhos de vidro: E?  
Senhor do casaco puído: Nasceremos de novo.

Mulher de olhos de vidro: Queres que eu tire a roupa?  
Senhor do casaco puído: Tem que ser assim para que te sujes de lama.

Mulher de olhos de vidro: Eu realmente não entendo.  
Senhor do casaco puído: Vamos construir uma casa.

Mulher de olhos de vidro: Desta altura avista-se toda a cidade.  
Senhor do casaco puído: Até aqui viemos.

Mulher de olhos de vidro: Até aqui viemos.  
Senhor do casaco puído: Para nos matar.

Mulher de olhos de vidro: Para nos matar?  
Senhor do casaco puído: Sim, para nos matar...

Mulher de olhos de vidro: Não!  
Senhor do casaco puído: Não?

Mulher de olhos de vidro: Quero outros olhos.

Senhor do casaco púdo: Vamos construir uma casa.  
Mulher de olhos de vidro: Cuspa.  
Senhor do casaco púdo: Cuspir?  
Mulher de olhos de vidro: Sim, cuspa. Eu vou cuspir também.  
Senhor do casaco púdo: Por que queres que a gente cuspa?  
Mulher de olhos de vidro: Se cuspirmos e cuspirmos vai ter barro suficiente para os meus olhos e para fazer o barro com que vamos construir a nossa casa.  
  
Senhor do casaco púdo: Certamente, vamos pisar na terra...  
Mulher de olhos de vidro: Talvez criemos asas de pomba.

## OFRENDA VÁSTAGA

*Pero a Dios le agradó más la ofrenda de Abel...*

### LAS SAGRADAS ESCRITURAS

Yo soy el dolor de mi padre en carne abierta.  
Me maldice diariamente por no seguir y aprobar sus faenas  
En el campo. La siembra abrupta bajo el sol o el cortar  
De la hierba entre las piedras fantasmas. Mi hermano le sigue  
En sus caprichos y en los trabajos rudos. Yo no tengo más machete  
que la letra.  
No soy un hombre fornido y a papá le molesta que mi sensibilidad sea  
como la de un cordero destazado.

En Los Andes 2, en aquel barrio, es muy conocida la historia de los  
hijos dispares.  
Se oye la voz de mi padre regañar como el ruido  
De una lluvia coagulada. Aún recuerdo su mirada y su negación de  
bendecirme  
Partiendo al extranjero a recoger un premio de poesía.

Cuando peleábamos mi hermano y yo, la correa se deleitaba  
Haciendo surcos y parcelas en mi piel como en los terrados  
De su huerta. Le fascinó darme correazos en la cara mientras la escena  
se cubría  
Con un relámpago. Mi poesía se iba abriendo como un río  
interminable  
Donde a él le costaba pasar. Una noche, llorando bajo el mismo  
drama  
Me gritó que yo era el más indefenso de sus hijos, que pagaría todo  
Con los frutos de mi linaje, y yo lo interpele: *yo daré continuidad a tu  
apellido*  
*Aunque no tenga hijos donde se cumpla tu venganza*



Y se echó a reír y dijo que eso a él no le importaba. En el papel  
supuraban entonces  
Soles y lunas de justicia:  
Caía la primavera en el tejado  
Duele nacer entonces de padres ignorantes.

Hoy mirando el envejecimiento atornillado a su cráneo, su pellejo  
colgante  
En las extremidades y su indefenso cuerpo, por donde alguna vez  
Pasó la fuerza de un golpe.  
Ahora es un anciano dios que sigue esperando  
La ofrenda de sus hijos. Mi hermano le traerá los mismos obsequios,  
Le otorgará los mismos sinsabores y alegrías de los hombres comunes  
y corrientes  
Y le dará la espalda y seguirá su camino con su stirpe.  
El reirá gozoso, aunque por dentro se consume de la rabia.

Yo seguiré con mis cocuyos y mis letras.

Me acurrucaré neciamente a esta lámpara voluble  
Agitaré mis ramas doradas  
En esas extrañas danzas para el árbol;  
A esta causa donde mi identidad no tiene sentido,  
Donde mi ritual de ser poeta y poner los poemas en el altar,  
Para mi padre  
No sirve para nada.

## OFERENDA DO FILHO

*Mas a Deus agradou mais a oferenda de Abel...*

### AS SAGRADAS ESCRITURAS

Eu sou a dor de meu pai em carne viva.  
Ele me amaldiçoa diariamente por não seguir e aprovar suas tarefas  
No campo. O plantio abrupto ao sol ou o corte  
Da grama entre as pedras fantasmas. Meu irmão lhe segue  
Em seus caprichos e trabalhos rudes. Não tenho mais facão do que a  
letra.  
Não sou um homem atarracado e incomoda o pai que a minha  
sensibilidade seja como a de um cordeiro abatido.

Em Los Andes 2, naquele bairro, a história de crianças díspares é bem  
conhecida.  
Ouvimos a voz do meu pai repreendendo como o barulho  
De uma chuva coagulada. Ainda me lembro de seu olhar e sua recusa  
em me abençoar  
Partindo para o exterior para receber um prêmio de poesia.

Quando meu irmão e eu brigávamos, a trela revelava  
Fazendo sulcos e tramas na minha pele como nos terraços  
De seu jardim. Ele ficou fascinado por me dar um tapa na cara  
enquanto a cena era coberta  
Com um raio. A minha poesia se abria como um rio sem fim  
Onde era difícil para ele passar. Uma noite, chorando sob o mesmo  
drama  
Ele gritou comigo que eu era o mais indefeso de seus filhos, que ele  
pagaria por tudo  
Com os frutos da minha linhagem, e o questionei: *darei continuidade ao  
seu sobrenome*  
*Mesmo que eu não tenha filhos onde sua vingança é cumprida.*  
E ele riu e disse que não se importava. No papel, supuraram então

Sóis e luas de justiça:  
A primavera caía no telhado  
Dói nascer então de pais ignorantes.

Hoje olhando para o envelhecimento aparafusado em seu crânio, seu  
couro pendurado  
Nas extremidades e seu corpo indefeso, onde quer que alguma vez  
Tenha passado a força de um golpe.  
Agora ele é um velho deus ainda esperando  
A oferenda de seus filhos. Meu irmão vai trazer-lhe os mesmos  
presentes,  
Isso lhe dará os mesmos problemas e alegrias dos homens comuns.  
E lhe dará as costas e seguirá seu caminho com sua linhagem.  
Ele rirá com alegria, embora por dentro esteja consumido pela raiva.

Vou continuar com meus vagalumes e minhas letras.

Eu vou tola mente me enroscar nesta lâmpada inconstante  
Vou agitar meus ramos de ouro  
Nessas estranhas danças para a árvore;  
Para esta causa onde minha identidade não tem significado,  
Onde meu ritual de ser poeta e colocar os poemas no altar,  
Para o meu pai  
De nada serve.

## POEMA EN LOS TUGURIOS

*quién sabe si trueno en centro y sudamérica*

LUIS ROGELIO NOGUERAS

*Escuchamos cantar al turpial porque somos pobres  
Decía la mujer al niño  
Y trataba de vadear aquella barca con sus remos y sus arias  
Al centro de mi cuerpo,  
A esa expansión del coro y de los sauces  
A esa eternidad que creí haber perdido, que excavé  
En la tramada ausencia de los venados  
Sobre la grama verde  
Bosquejando el triunfo de la desaparición,  
Las sapiencias del dogma, el mimo huracanado  
Con que se empieza a expandir mi voz  
Mí adolescencia sin trasgos, la palabra contenida en el eufemismo del  
hombre  
La marcha crepuscular de mis botas  
Las revoluciones que se llevan en la lengua,  
En la letra y en la sangre  
Cuando la pobreza es un hábito que cosemos diariamente  
Como la úlcera de Dios  
O como el llanto de Job que se rasca con las tejas,  
Como el ave nevada  
Que va hacia el sol  
Orientado a su disnea, a su vértigo sin fin  
Arañando las versiones amargas del mar,  
La pobreza de los tugurios  
Allá en ese Festival en San José de Costa Rica  
Cuando se hace patria entre los pobres  
Y los hijos y nietos*

Evaporan un tanto  
La desesperación y la falta de riqueza,  
Los platos pobres que se consumen  
En las mesas de pobre,  
Los odres y el pebre  
Y la comunión virginal con la cebolla  
Una lección del paladar  
A las depresiones del siglo,  
Las esperanzas en rodajas  
Los nacimientos hechos de muñecas caducas  
O de soldados muertos que invocan  
Los arcángeles  
O el desamparo de morir a solas,  
Presintiendo esa muestra del rayo y del trueno  
En el norte, centro y sudamérica  
El viejo que se come las sobras del almuerzo en Nicaragua,  
La mujer vendiendo frutas en Santiago de Chile  
El niño que veo entre las sombras de El Salvador  
Que corre a darme un capote  
Para resistir la tormenta de Guacayo;  
El ciego vendiendo caramelos en el Zócalo (México, D.F.)  
O desde mi casa de madera  
Las infancias entrecortadas  
Como las cartas de un film  
Donde me desdibujo  
Como las sonrisas de mi madre  
O como el amor filial del padre  
Entre los platanares que se injertan en la bruma  
Y la saloma que va y viene  
Sobre los campos de Panamá atestados de frutos buenos y de gente  
pobre.

*Esa es la expansión territorial del hambre  
Y la abundancia del fruto en las cosechas,*

*Las mieses  
Repartidas para otras manos  
Y hay un olvido de los dioses  
En las mesas,  
Los odres afiebrados y el pan desvencijándose  
(Como un milagro en el polvo)  
Mordemos guijarros y pepas  
De café  
Para el exterminio*

Mi padre y mi madre comieron pepas de café para saciar el hambre.

Yo comí panes en huelga y aumenté la tasa de desnutrición infantil en  
América Latina.

*Aquella mujer del tugurio  
Hacía patria con sus innumerables partos  
A los cuales se sumaban  
Los de mis abuelas y los de las otras madres  
Sobre la geografía surreal que trasciende la ventana  
El sol nevado sobre las narraciones  
Asilándome en una lágrima  
Con sus espejismos y epidemias  
Como un puñado de orquídeas  
Donde el silencio se vuelve esa drástica circunstancia del reír  
O del hablar  
Cuando oímos escribir:  
Escuchamos cantar al turpial porque somos pobres  
Decía la mujer al niño.*

## POEMA NOS CORTIÇOS

*quem sabe o trovão na américa central e do sul*

LUIS ROGELIO NOGUERAS

*Escutamos o corrupção cantar porque somos pobres  
Dizia a mulher à criança  
E tratou de vadiar naquele barco com seus remos e suas árias  
No centro de meu corpo,  
Até a expansão do coro e dos salgueiros  
Até aquela eternidade que pensei ter perdido, que desenterrei  
Na ausência tramada dos veados  
Na grama verde  
Esboçando o triunfo do desaparecimento,  
A sabedoria do dogma, a mímica do furacão  
Com o qual minha voz começa a se expandir  
Minha adolescência sem duendes, palavra contida no eufemismo de  
homem  
A marcha crepuscular de minhas botas  
As revoluções que se fazem na língua,  
Na letra e no sangue  
Quando a pobreza é um hábito que costuramos diariamente  
Como a úlcera de Deus  
Ou como o choro de Jó que se coça nas telhas,  
Como o pássaro nevado  
Que vai em direção ao sol  
Orientado por sua dispneia, por sua vertigem sem fim  
Riscando as versões amargas do mar,  
A pobreza dos cortiços  
Lá naquele Festival em San José da Costa Rica  
Quando a pátria se faz entre os pobres  
E os filhos e netos*

Eles evaporam um pouco  
O desespero e a falta de riqueza,  
Os pobres pratos que se consomem  
Nas mesas dos desvalidos,  
Os odres e o molho chileno  
E a comunhão virginal com a cebola  
Uma lição para o paladar  
Para as depressões do século,  
As esperanças em fatias  
Os nascimentos feitos de bonecas caducas  
Ou de soldados mortos que invocam  
Os arcanjos  
Ou o desamparo de morrer sozinho,  
Sentindo aquele sinal de raio e trovão  
Na América do Norte, Central e do Sul  
O velho que come as sobras do almoço na Nicarágua,  
As mulheres que vendem frutas em Santiago do Chile  
A criança que vejo nas sombras de El Salvador  
Que corre para me dar um casaco  
Para que eu resista à tempestade de Guacayo;  
O cego vendendo caramelos no Zócalo (México, D.F.)  
Ou da minha casa de madeira  
As infâncias quebradas  
Como as letras de um filme  
Onde eu me apago  
Como os sorrisos da minha mãe  
Ou como o amor filial do pai  
Entre as bananeiras que se enxertam na bruma  
E os gritos que vêm e vão  
Pelos campos do Panamá cheios de bons frutos e gente pobre.

*Essa é a expansão territorial da fome  
E a abundância do fruto nas colheitas,  
As espigas*



*Repartidas para outras mãos  
E há um esquecimento dos deuses  
Nas mesas,  
Os odres febris e o pão esfarelado  
(Como um milagre na poeira)  
Nós mordemos seixos e grãos  
De café  
para extermínio*

Meu pai e minha mãe comiam grãos de café para matar a fome.

Eu comi pães em greve e aumentei o índice de desnutrição infantil na América Latina.

*Aquela mulher do cortiço  
Ela fazia pátria com seus inúmeros partos  
Aos quais foram adicionados  
Os de minhas avós e de outras mães  
Sobre a geografia surreal que transcende a janela  
O sol nevado sobre as narrações  
Asilando-me em uma lágrima  
Com suas miragens e epidemias  
Como um punhado de orquídeas  
Onde o silêncio se torna essa circunstância drástica de riso  
Ou da fala  
Quando ouvimos escrever:  
*Escutamos o corrupção cantar porque somos pobres*  
Dizia a mulher à criança.*

## CARTA 6

Marina:

¿Por qué usaste la misma soga cuando jugábamos de niñas?  
Tú saltabas con esa elegancia de los ciervos cuando huyen  
Con el fruto en la boca, yo lo hacía como un reno  
Tratando de liberar sus cuernos del arbusto encendido.  
Jugábamos de niñas y escribíamos los versos  
Más hermosos de este bosque,  
Los enterrábamos  
Y solían tener memoria de arce, solían agitar sus ramas  
Como el abedul de la siembra colectiva.  
¿Por qué usaste la soga con la cual colgamos la ropa de nuestras  
muñecas  
Y luego libertábamos al sol nuestras endechas  
Esas ganas de tomar la vida y bordar una palabra  
O engancharla al cabello como si fuese una maroma  
O una mariposa a punto de volver a la crisálida  
Y hacerse prosista de versos o hacedora de ríos  
Para hondear la tierra? Escribimos algunas veces los mismos versos  
Tuvimos las mismas vidas y los mismos juguetes  
Un hambre igual para nuestros platos y cucharas  
Trabajos forzados y encarcelaciones para maridos e hijos  
Y hermanos que se perdieron como un silbato en la nieve.  
Es la hora de aprender estos juegos. Se aprenden nuevos gestos  
Y nos reparamos de la resaca del tiempo,  
De la resaca de los primeros y novísimos licores  
Que se nos revelan en la lengua.  
Un vapor agrio que va despertando a las piedras  
Y a las rayuelas extintas,  
La mano impúber va resolviendo las líneas con la tiza,  
Los números ensartados a tu cuello como cuentas,  
Como augures de vidrio  
O cuerpos que acuden al homicidio de la piel  
A la permanencia del saludo a la hora de surgir

Entre los copos de hierro  
O cuando vengas a buscarme con una marcha triunfal  
Oxidada en los ojos  
Extraviada en sus averías  
En sus tuercas sangrantes  
En sus tornillos fálcos por la carne resituada.

Insiste que hay una fogata en el rastro  
Una fata morgana incrustada en la tierra.  
Una misericordia azul en los días  
Que se destiñen entre afelpadas colmenas.

¿Por qué usaste la misma sogá que usábamos de niñas?  
¿Por qué nunca fuiste mi verdadera compañera de juegos?  
Ahora eres mi amiguita, mi amiguita imaginaria  
Y detrás de ti la soguita sigue blandiendo mis piernas  
Sigue blandiendo mi cuello.

La amiguita imaginaria es la muerte.

## CARTA 6

Marina:

Por que usaste a mesma corda de quando brincávamos como meninas?  
Saltavas com aquela elegância dos cervos quando fogem  
Com a fruta na boca, eu fazia como uma rena  
Tentando libertar os chifres da sarça ardente.  
Brincávamos de meninas e escrevíamos os versos  
Mais belos desse bosque,  
Nós os enterrávamos  
E eles costumavam ter memória de bordo, costumavam balançar seus  
galhos  
Como a bétula do plantio coletivo.  
Por que usaste a corda com a qual penduramos as roupas de nossas  
bonecas  
E logo lançávamos ao sol as nossas lamentações  
Essa vontade de tomar a vida e bordar uma palavra  
Ou prendê-la ao cabelo como se fosse um cabo  
Ou uma borboleta prestes a voltar a ser crisálida  
E tornar-se uma prosadora de versos ou criadora de rios  
Para afundar a terra? Algumas vezes escrevemos os mesmos versos  
Tivemos as mesmas vidas e os mesmos brinquedos  
Uma fome igual por nossos pratos e colheres  
Trabalho forçado e prisão para maridos e filhos  
E irmãos que se perdiam como um apito na neve.  
É hora de aprender esses jogos. Aprendamos novos gestos  
E nos recuperemos da ressaca do tempo,  
Da ressaca dos primeiros e mais novos licores  
Que são revelados na língua.  
Um vapor azedo que está acordando as pedras  
E as amarelinhas extintas,  
A mão pré-adolescente que está resolvendo as linhas com o giz,  
Os números pendurados em seu pescoço como contas,  
Como presságios de vidro  
Ou corpos que vão ao homicídio da pele

À permanência da saudação ao momento de levantar  
Entre os flocos de ferro  
Ou quando vens me procurar com uma marcha triunfante  
Enferrujada nos olhos  
Perdida em suas falhas  
Sangrando em suas nozes  
Em seus parafusos fálicos para a carne realocada.

Insiste que há uma fogueira na trilha  
Uma Fada Morgana embutida na terra.  
Uma misericórdia azul nos dias  
Que se desvanecem entre colmeias de pelúcia.

Por que usaste a mesma corda que usamos quando meninas?  
Por que nunca foste minha verdadeira companheira de brincadeiras?  
Agora és minha amiguinha, minha amiguinha imaginária  
E atrás de ti a corda continua brandindo minhas pernas  
Continua balançando meu pescoço.

A amiga imaginária é a morte.

## ANNA DE PLATA

*Y al morir no iré a mi propia tumba*

A. A.

Ver a esta muchacha y a esta vieja llamada Anna.  
Verla en toda su desnudez  
Con su cuello  
Bosquejado por el cisne, verla en una jaula  
De papel como si fuese un sueño majestuoso.  
Una mujer que derrite nieves en la noche del espasmo.  
Un ángel que va de puerta en puerta llevando el pan  
En sus dominios. Hay algo de planeta nuevo en sus ojos.  
Hoy todos los planetas se llaman Ajmátova 3067,  
Todos escriben  
Poemas y los arrojan al Neva para que algún día lleguen  
Hasta las nuevas aguas, hasta esas aguas primigenias  
Que pertenecieron al diluvio, donde flotaron otras arcas  
Otros cohortes, otros milagros, algún cetro,  
Algún cabello que perdió la concubina  
O algún ave que empolla bajo tu mentón  
E indica esa nueva nivelación de las aguas  
El paso hacia la tierra como una manada  
De cabras o de ovejas y los versos  
De Raquel y Lía vayan a las orejas de Labán  
Y Jacob, el patriarca trabaje tantos años  
Por esa aureola que se convertirá en tus labios  
Una edad de plata, un verso de réquiem  
Esas imágenes que bajaron de tus ojos  
Y pasaron a ser las sombras y las luces  
Que perpetuaron las cerdas de un obnubilado Modigliani  
Y vayan por los campos esas rimas sin rueda  
(La rueda de otras suertes) y las mujeres se coloquen  
Pañuelos blancos y pañuelos de paz en sus cabezas  
Y te atrevas a seguir escribiendo con amenazas de tortura

Y luego aprender toda esa poesía y posteriormente  
Devolverla al fuego, como si esa fuese la maldición  
De un Sisifo escribiente o una aurora boreal  
Que se esconde en la ceniza  
En el pecho asaetado del cisne negro,  
Con mallas de bailarina y sucesos que vengan de la magia  
Hacia el espejo, donde respiren los sobrevivientes  
De una causa común y un corazón adverso.  
Aquí estamos más que esclavos de esta realidad  
De esta realidad de hacer colas para tu hijo y marido  
Por todas las madres que confiesan que desnudaron sus senos  
Para amamantar entre las rejas al clan taciturno,  
Al clan que sucumbe de hambre, al clan que inventa su invierno  
Y se lea en copos hasta bajar a la tierra  
Y pensar que las ideas siguen pesando como cúpulas  
O islas a la deriva, donde se oyen cañones  
Y tiros de pistola que acrecientan  
La turba en las galerías, en las casas solas  
En las estancias solas, en las piezas colectivas  
Donde los párpados ya no conocen el sueño  
Donde la vela y su cabo siguen alumbrando con una luz que no existe  
Con una mutación que altera el estado menstrual de la luna  
Y la plata de esa edad se vaya a nuestros ojos, a nuestros huesos  
A nuestros miembros y a la grandiosidad de la lengua o el cabello.  
Anna, la corista de las variedades, de la respiración en sobresalto  
La de los abedules inderrribables, la que aún recitamos  
En la marcha general de los pueblos. La que se fue con la fatiga  
De escribir y escribir ante las catástrofes internas, ante los desvaríos  
Mortales. Ahora que aquí estás como un planeta,  
Como una estrella. Anna, que, al morir, no irá a su propia tumba  
Te enterrarán en el pecho del lechero, en el seno de la joven madre  
En el tintero de un poeta, en el gorro de lana que porta el dramaturgo,  
En las raíces de los árboles de Rusia, en los arcos que seguirán  
    husmeando  
En la ventana, por los aires; toda esa libertad que soñaste  
Será la mejor tumba, donde si tendrás tu nombre

Y en donde te multiplicarás como la taiga.



## ANNA DE PRATA

*E quando eu morrer não irei para minha própria sepultura*

A. A.

Ver essa garota e essa velha chamada Anna.  
Vê-la em toda a sua nudez  
Com o pescoço  
Esboçado pelo cisne, vê-la em uma gaiola  
De papel como se fosse um sonho majestoso.  
Uma mulher que derrete a neve na noite do espasmo.  
Um anjo indo de porta em porta carregando pão  
Em seus domínios. Há algo de um novo planeta em seus olhos.  
Hoje todos os planetas são chamados de Akhmatova 3067,  
Todo mundo escreve  
Poemas e os joga no Neva para que um dia cheguem  
Até as novas águas, aquelas águas primitivas  
Que pertenceram ao dilúvio, onde outras arcas flutuavam  
Outras coortes, outros milagres, algum cetro,  
Alguns cabelos que a concubina perdeu  
Ou algum pássaro que paira sob seu queixo  
E indica esse novo nivelamento das águas  
O passo a caminho da terra como um rebanho  
De cabras ou ovelhas e os versos  
De Rachel e Leah tratem de ir para os ouvidos de Labão  
E Jacó, o patriarca que trabalhe tantos anos  
Por essa auréola que se tornará seus lábios  
Uma idade de prata, um verso de réquiem  
Essas imagens que caíram de teus olhos  
E passaram a ser as sombras e as luzes  
Que as cerdas de um Modigliani desnorteado perpetuaram  
E essas rimas sem roda vão pelos campos  
(A roda de outros destinos) e as mulheres que ponham  
Lenços brancos e lenços de paz em suas cabeças  
E te atrevas a seguir escrevendo com ameaças de tortura

E então aprender toda aquela poesia e depois  
Devolvê-la ao fogo, como se fosse a maldição  
De um Sísifo que escreve ou de uma aurora boreal  
Que se esconde nas cinzas  
No peito espetado do cisne negro,  
Com malhas de bailarina e eventos que vêm da magia  
Para o espelho, onde respiram os sobreviventes  
De causa comum e coração adverso.  
Aqui somos mais que escravos dessa realidade  
A partir desta realidade de ficar na fila para seu filho e marido  
Para todas as mães que confessam que desnudam os seios  
Para cuidar do clã taciturno atrás das grades,  
O clã que sucumbe à fome, o clã que inventa seu inverno  
E sejam lidos em flocos até que baixem à terra  
E pensem que as ideias continuam pesando como cúpulas  
Ou ilhas à deriva, onde canhões são ouvidos  
E tiros de pistola que aumentam  
A multidão nas galerias, nas casas solitárias  
Em quartos individuais, em peças coletivas  
Onde as pálpebras já não sabem dormir  
Onde a vela e sua ponta continuam brilhando com uma luz que não  
existe  
Com uma mutação que altera o estado menstrual da lua  
E a prata dessa idade vai para os nossos olhos, para os nossos ossos  
Os nossos membros e a grandeza da língua ou do cabelo.  
Anna, a corista das variedades, da respiração em sobressalto  
Aquele das bétulas indestrutíveis, a que ainda recitamos  
Na marcha geral dos povos. Aquela que partiu com cansaço  
De escrever e escrever diante das catástrofes internas, diante dos  
delírios  
Mortais. Agora que estás aqui como um planeta,  
Como uma estrela. Anna, que ao morrer não irá para o próprio túmulo  
Vão enterrá-la no seio do leiteiro, no seio da jovem mãe  
No tinteiro de um poeta, no gorro de lã que usa o dramaturgo,  
Nas raízes das árvores da Rússia, nos bordos que continuarão a  
cheirar

Na janela, pelo ar; toda aquela liberdade que sonhaste  
Será a melhor sepultura, onde terás o teu nome  
E onde te multiplicarás como a taiga.

## EPOPEYA DE LAS COMARCAS

Ya la luz se habrá posado sobre los árboles hundidos como una  
temible dehesa.  
No recuerdes esos pasos que se abrieron y se agigantaron para  
reconocer a la montaña.  
Escaparíamos de los metales y de las piedras preciosas,  
Mientras nuestras leyendas duermen sin importar la canción y el  
precipicio,  
Esa agitación que nos devuelve a la tempestad sangrienta,  
Un rayo que destierre la enfermedad de otros  
visitantes,  
Un fuego plano que atravesase el cañaveral y las aguas.  
Así estarás tú, ahora que hay verano, ahora que hay invierno y no  
llueve;  
Que se ha ido para siempre la congoja que hincha los lirios,  
Que nos hemos puesto a llorar y que el río ha decidido salir de  
nuestros ojos  
Y de nuestros ojos sale abundante leche de sapo,  
Una leche de sapo  
Que enceguece a las estrellas, a la voluntad de las membranas, a los  
caminos donde nos perdemos  
Al cuartearse nuestro sollozo sobre el barro implacable. Ya no hay río.  
Ya no hay tierra. No hay sentimiento ni melcocha. Acampemos y  
durmamos  
Cerca de mi casa. Mi casa está bajo el agua. Allí crecí.  
No tengo a donde ir, a donde morar, a donde emigrar,  
Ya no somos aborígenes, ya no somos indígenas,  
Ya no somos indios,  
Ya no somos amerindios isleños norteamericanos centroamericanos o  
sudacas.  
No hay visita a nuestros muertos, cuando ha quedado el cementerio  
bajo el agua,  
Las moradas familiares junto al delirio de no tocar las piedras  
Dimensionadas por nuestros ancestros. Así hemos venido en marcha  
todos,

Descalzos con la tierra, el agua a las rodillas  
A ver como se inunda el cementerio comarcal y dejar en esa caminata  
Algunos versos algunas ofrendas que deleiten y despidan al Tata y a la  
Mama  
A los hermanos  
A los pájaros terráqueos, a las iguanas del aire, confundiendo algún  
reloj  
O alguna pavana en marcha.  
Bajo mis pies  
Están los restos mojados de mis padres. Ya no podré tocar nada que  
nos retraiga  
Como la tierra o el recuerdo del lodo y las hierbas silvestres.  
Más pequeños nos hacemos  
Cuando el proyecto de la hidroeléctrica inundó nuestras chozas  
Y el tributo a los que habitan el otro plano, la pradera de otra realidad.  
Ahogados todos.  
Ahogada mi historia. Ahogada tu historia. Ahogada nuestra historia.  
Ahogado el sol.

## EPOPEIA DAS COMARCAS

A luz terá pousado nas árvores afundadas como um prado assustador.  
Não recordes os passos que se abriram e agigantaram-se para  
reconhecer a montanha.  
Fugiríamos dos metais e das pedras preciosas,  
Enquanto nossas lendas dormem independentemente da música e do  
precipício,  
Essa agitação que nos traz de volta à tempestade sangrenta,  
Um raio que bane doenças de outros visitantes,  
Uma fogueira plana que atravessa o canavial e as águas.  
Assim serás, agora que há verão, agora que há inverno e não chove;  
Que a angústia que incha os lírios se foi para sempre,  
Que começamos a chorar e que o rio resolveu sair de nossos olhos  
E deles flui abundante leite de sapo,  
Um leite de sapo  
Que cega as estrelas, a vontade das membranas, os caminhos onde nos  
perdemos  
Quando nossos soluços estalam na lama implacável. Não há mais rio.  
Não há mais terra. Não há sentimento ou caramelo. Vamos acampar e  
dormir  
Perto da minha casa. Minha casa está debaixo d'água. Lá eu cresci.  
Não tenho para onde ir, onde morar, para onde emigrar,  
Não somos mais indígenas, não somos mais indígenas,  
Não somos mais mestiços  
Não somos mais os ameríndios das ilhas da América Central da  
América do Norte ou a escória sul-americana.  
Não há visita aos nossos mortos, quando o cemitério foi deixado  
debaixo d'água,  
As moradias familiares junto ao delírio de não tocar nas pedras  
Dimensionadas por nossos ancestrais. Então todos nós viemos  
marchando,  
Descalços pelo chão, com água até os joelhos  
Vamos ver como está alagado o cemitério regional e partir nessa  
caminhada

Alguns versos algumas oferendas que encantam e dizem adeus ao Vô e  
à Mama  
Aos irmãos  
Aos pássaros terrestres, aos iguanas do ar, confundindo algum relógio  
Ou alguma pavana em marcha.  
Sob meus pés  
Lá estão os restos mortais de meus pais. Não poderei mais tocar em  
nada que nos retraia  
Como a terra ou a memória da lama e das ervas silvestres.  
Nós nos tornamos menores  
Quando o projeto da hidrelétrica inundou nossos barracos  
E o tributo aos que habitam o outro plano, a pradaria de outra  
realidade. Tudo afogado.  
Afogada a minha história. Afogada a tua história. Afogada a nossa  
história.  
Afogado o sol.

## LA AGONÍA DEL GALLO

*¿Quién puede reír sobre esta roca fúnebre de los sacrificios de gallos?*

VIRGILIO PIÑERA

Quédate aquí en la tierra  
Y observa la danza sanguinolenta del gallo.

Nuestros niños y mujeres  
Aprenderán los rituales  
De montería.

Bailarán como animales  
Bajo los efectos  
De la crianza  
Y el cultivo.

Nos esperarán  
Como el bosque  
A la tormenta  
De su amante.

Nuestro será el alcor desesperado de los ciervos  
Su congoja por la bala enemiga  
Pronunciando ese silbato  
(Ese  
Forzar  
Del  
Salto  
Hacia la muerte).

No hay ser más desvalido  
Ante la caza  
Que el propio ciervo  
(Su salto contiene la ternura total del paroxismo)



Pero el ciervo no le ganará su lugar al gallo  
Criado por nosotros,  
Que se demistifica cada día  
Supurando cantos  
En el coro de sus plumas  
En ese silencio oscuro e iluminado  
Que trasciende la mocedad de las mañanas.

Mi vida es otro sol  
En la superficie continental y también lo es  
En el laudatorio de las islas.

En los diversos idiomas  
El gallo revela su secreto:  
Es un guerrero para anunciar la luz  
Esgrimiendo su cresta a la penumbra  
Para llevar su continuidad  
Sin ser héroe  
En la fecundación  
De la gallina,  
Género madre,  
Género lucidez  
Del huevo  
Áureo, claro, seminal,  
Fecundo.  
Bárbaro su inútil aletear  
Cuando nuestra mano que lo creó  
Ejecuta  
El rito criminal de su degüello.

## A AGONIA DO GALO

*Quem pode rir dessa pedra fúnebre de sacrifícios de galos?*

VIRGILIO PIÑERA

Fique aqui na terra  
E observe a dança sangrenta do galo.

Nossas crianças e mulheres  
Aprenderão os rituais  
De caça.

Dançarão como animais  
Sob os efeitos  
Da criação  
E do cultivo.

Esperarão por nós  
Como a floresta  
Pela tempestade  
De seu amante.

Será nossa a corrida desesperada do cervo  
Sua tristeza pela bala inimiga  
Soprando aquele apito  
(Essa  
Força  
Do  
Salto  
Rumo à morte).

Não há mais desamparado  
Antes da caça  
Que o próprio veado  
(Seu salto contém a ternura total do paroxismo)

Mas o cervo não ganhará o lugar do galo  
Criado por nós  
Que se desmistifica todos os dias  
Cantos escorrendo  
No coro de suas penas  
Nesse silêncio escuro e iluminado  
Que transcende a juventude das manhãs.

Minha vida é outro sol  
Na superfície continental e assim é  
No laudatório das ilhas.

Nas várias línguas  
O galo revela seu segredo:  
Ele é um guerreiro para anunciar a luz  
Brandindo sua crista para a escuridão  
Para trazer sua continuidade  
Sem ser um herói  
Na fertilização  
Da galinha,  
Mãe de gênero,  
Lucidez de gênero  
Do ovo  
Dourado, claro, seminal,  
Fértil.  
Bárbaro o seu inútil bater de asas  
Quando nossa mão que o criou  
Executa  
O rito criminoso de sua degola.

## LOS PANAMENITOS EN PEDACITITOS

*Yo, mamá, mis dos hermanos  
y muchos...*

*...  
tan sólo deseamos  
desaparecer  
en pedacititos*

CARLOS GERMÁN BELLI, *Segregación nº 1*

Mientras un poeta indígena  
Toma con su natural talento  
El canto genésico del pájaro, lo ensaliva  
Y lo anota hasta suceder en el coloquio  
De la rama; mientras va desarrollando  
Toda una arquitectura pluvial con el lenguaje,  
Mientras los animales trascienden en denotadas metáforas  
La voz que va impeliendo el arado sucedáneo  
La aldea es asaltada por manos terrícolas ¿extranjeras? ¿Originarias?  
Y ese hermano indígena sólo puede denunciar  
Aquella masacre del río y de los platanares  
Con sus onomatopeyas escritas,  
Con su música salvada;  
Nos vienen a hablar de sus tribus y sus plumas,  
De sus cantos ubérrimos como la flor del café  
Como el maíz que se acrecienta  
En la heredad terrena de la fiesta.

Sucede que mientras alguien en otro lugar  
Enciende una bombilla  
En Bonyic y en otras partes de las comarcas  
La turbina de la corriente eléctrica  
Se hace rodar por el agua y la sangre  
De los mitos,

Por las rayas sonambúlicas  
De los tigres, por el insomnio  
De la lluvia en los letreros  
De las nuevas fábricas, de las nuevas formas  
De explotar  
Asalariando al pobre  
Comprando el latifundio, desnudando el grito  
Las flores cercenadas.

Yo pongo mi pecho esta vez  
Con la hemoglobina de la armónica,  
Con el verso blanco de los días alucinados con el pan,  
Con la mesa despojada del condumio, las horas que se nos parten  
Con los zapatos de los policías,  
El tropel autoritario armado, los mercenarios, los dueños de empresa  
Mientras van ovulando las doncellas  
Con atributos de vértigo y escarcha, mientras se recolecta el idioma  
Y la poesía de las siembras, se llenan los motetes  
Con las plegarias y el canto de los jefes de familia,  
Una tertulia de gallos, un orgasmo de cohesión  
Y esa tonada vertebrada de toda la conquista,  
Del llanto y la cruz, de la confusión en los ojos  
Llegando con nuestros espíritus a cuestras (la cholitud)  
Los cholos los cholitos las cholitas  
Todos nosotros dispuestos a no ceder  
La cultura y la parcela;  
Negándonos a represar el río, nos van abriendo una guarida  
Con la retroexcavadora  
Para nacer, para criarnos todos,  
Para hacer de esa minita una casita,  
Y entramos mil,  
Diez mil  
Cien mil  
Cholitos y cholitas (metamorfoseados en pepitas)

(Para enterrarnos en una veta)

(Adentro todos  
Los panameños)

(Adentro todos)

(En  
Pe  
da  
ci  
ti  
tos.)

## OS PEQUENOS PANAMENHOS EM PEDACINHOS

*Eu, mamãe, meus dois irmãos  
e mais...*

...

*nós apenas desejamos  
desaparecer  
em pedacinhos*

CARLOS GERMÁN BELLI, *Segregação nº 1*

Enquanto um poeta indígena  
Leva com seu talento natural  
O canto genético do pássaro, cospe  
E anota até que aconteça no colóquio  
Do ramo; enquanto desenvolve  
Toda uma arquitetura pluvial com a linguagem,  
Enquanto os animais transcendem em metáforas denotadas  
A voz que dirige o arado substituto  
A aldeia é assaltada por mãos terráqueas, estrangeiras? Originais?  
E esse irmão indígena só pode denunciar  
Aquele massacre do rio e dos bananais  
Com suas onomatopeias escritas,  
Com sua música salva;  
Que vêm nos contar sobre as tribos e penas,  
Suas canções abundantes como a flor do café  
Como o milho que cresce  
Na herança terrena da festa.

Acontece que enquanto alguém em outro lugar  
Acende uma lâmpada  
Em Bonyic e em outras partes dos condados  
A turbina de corrente elétrica  
É rolada por água e sangue  
Dos mitos,

Pelas listras sonâmbulas  
Dos tigres, para insônia  
Da chuva nos sinais  
Das novas fábricas, das novas formas  
De explorar  
Assalariando os pobres  
Comprando o latifúndio, despindo o choro  
As flores cortadas.

Eu coloquei meu peito desta vez  
Com a hemoglobina da harmônica,  
Com o verso branco dos dias alucinados com o pão,  
Com a mesa despojada da fartura, as horas que nos quebram  
Com os sapatos dos policiais,  
A multidão armada autoritária, os mercenários, os empresários  
Enquanto as donzelas estão ovulando  
Com atributos de tontura e geada, ao coletar o idioma  
E a poesia das colheitas enchem-se as trovas  
Com as orações e cânticos dos chefes de família,  
Uma reunião de galos, um orgasmo de coesão  
E aquela melodia vertebrada de toda a conquista,  
Do choro e da cruz, da confusão nos olhos  
Chegar com o espírito nos ombros (a mameluquice)  
Os mamelucos os pequenos as pequenas  
Todos nós dispostos a não ceder  
A cultura e o enredo;  
Recusando-se a represar o rio, eles estão abrindo um covil para nós  
Com a retroescavadeira  
Para nascer, para criar todos nós,  
Para fazer daquela casinha uma casinha,  
E entramos em mil,  
Dez mil  
Cem mil  
Índios e índias (metamorfoseados em pepitas)

(Para nos enterrar em uma veia)



(Dentro de tudo  
Os panamenhos)

(Em tudo)

(Em  
Pe  
Da  
Ci  
Nhos.)

MINERÍA PARA UN HUECO,  
UN HUEQUITO, UN HUECOTE

*la oferta y la demanda y las cenizas solas.  
Abuelo Flores Azules de la Papa.  
Abuelo Adobe,  
Abuelo Barriga del Venado.  
Moja este blanco sol, Abuelo Lluvia  
Mientras la tierra engorda.*

ANTONIO CISNEROS

Esta vez son las entradas de las maquinarias en las chozas  
La entrada del fuego, la entrada del agua, la entrada del aire.  
Esos cuentos de conejo que pululan con premura, ese incendio del  
pergamino para liquidar a la memoria  
Esa llamada del Abuelo pájaro, del sobrino cascocha, del poeta  
totorrón, de la hija comadreja  
Indicando el sitio del desmadre, el sitio donde inmolarán el río, donde  
un taxidermista copia nombres y se va con el olvido en los bolsillos  
Embalsamando el corazón de toda voluntad posible  
Portando en una gran vaharada las plumas de la guerra  
Teñidas con las savias macheteadas en el campo  
-ese pueblo que marca-  
Con epitafios de cortezo su camino.  
*Ese escozor de miseria y de maíz podrido en la tormenta*  
Las entradas de las maquinarias en las chozas  
La entrada del fuego, la entrada del agua, la entrada del aire,  
Esa danza del perico para encontrarnos a solas, para no herirnos en los  
ojos  
Con los atardeceres cargados en motete  
Cuando hablábamos de todo y creían que el poeta era ciego  
Y la realidad nos hacía sordos para grabar los llantos,  
Para tapiar las desesperaciones,  
Lo que me arranca la risa como la juventud a los espejos,

Como el fulgor que nos hace solos en las lágrimas.

*Anestesia para la indígena  
Con su camisón de ñumi y su sombrero de paja,  
Para sus manos dulces como cañas.*

*Anestesia a los augures que deshojan la flor del plátano en los vientos.*

*Anestesia para irse hacia la tierra fotografiado en calzoncillos  
Anestesia para las bocas, para la explosión en las mandíbulas  
Anestesia para la indígena con boca amarga con dientes enlunados*

*Por los lavadores áuricos que se apresuran a poner cortinas a su cara  
Por sus facciones de vieja,  
Por el animal de sus ojos,  
Por las grietas de su carne, por esa pobre mujer  
A quien escribo de rodillas, por esa mujer que es la tierra  
De hoy evaporada.*

*Anestesia general entonces para las heridas en los brazos y en el  
vientre,  
Anestesia general para los que caen en los sembrados de su tierra,  
Anestesia por los que creen que estoy ciego con un palo  
desentrañando estas imágenes,  
Por la metralla incontrolable que traspasa las mitologías del agua y las  
chozas de los gnazos.*

*Por la minería de las almas  
Perdónalos, Nubu,  
Perdónalos, Abuela Ngäbe  
Abuela inmemorial, sacerdotisa.*

A ustedes, excavadores del mundo: una pepita de oro para la balanza  
A ustedes que desviarán y destazarán al río: una gotita de agua para  
    habitar en la bombilla,  
A ustedes los que anunciarán los estadios de sitio  
Y las violaciones a los trajes,  
El armamento de nubes negras que pondrán a los troncos  
A empobrecer el sol  
Y nos indicarán los futuros hoyos donde estarán el Abuelo pájaro, el  
    sobrino cascocha,  
el poeta totorrón, la hija comadreja  
Excaven un hueco,  
Un huequito  
Un huecote  
Mientras la tierra y los hombres se aglotonan.

MINERAÇÃO PARA UM BURACO,  
UM BURAQUINHO, UM BURACÃO

*a oferta e a demanda e cinzas individuais.*

*Avô Flores de Batata Azul.*

*Avô Adobe,*

*Vovô Barriga do Veado.*

*Molhe este sol branco, Avô Chuva*

*Enquanto a terra engorda*

ANTÔNIO CISNEROS

Desta vez são as entradas das máquinas nas cabanas  
A entrada do fogo, a entrada da água, a entrada do ar.  
Esses contos de coelho que fervilham com pressa, esse fogo de  
pergaminho para liquidar a memória  
Aquele chamado do avô pássaro, do sobrinho cascocha, do poeta  
totorrón, da filha doninha  
Indicando o local do tumulto, o local onde o rio será imolado, onde um  
taxidermista copia nomes e sai com o esquecimento nos bolsos  
Embalsamando o coração de todas as vontades possíveis  
Carregando em um grande mau hálito as penas da guerra  
Manchadas com as seivas cortadas no campo  
– Aquela cidade que marca –  
Com epitáfios de casca à sua maneira.  
Essa picada de miséria e milho podre na tempestade  
As entradas das máquinas nas cabanas  
A entrada de fogo, a entrada de água, a entrada de ar,  
Aquele dança do periquito para nos encontrar sozinhos, para não  
machucar nossos olhos  
Com o pôr do sol carregado em trovas  
Quando falávamos de tudo e achavam que o poeta era cego  
E a realidade nos fez surdos para gravar os gritos,  
Para encobrir os desesperos,  
O que me faz rir como a juventude aos espelhos,

Como o brilho que nos deixa sozinhos em lágrimas.

*Anestesia para indígenas  
Com sua camisola de ñumi e seu chapéu de palha,  
Por suas mãos doces como junco.*

*Anestesia aos áugures que desfolham a flor da bananeira ao vento.*

*Anestesia para ir à terra fotografada de cueca  
Anestesia para as bocas, para a explosão nas mandíbulas  
Anestesia para a mulher indígena de boca amarga e dentes tortos*

*Pelos purificadores áuricos que se apressam em cobrir seu rosto  
Pelas suas feições antigas,  
Pelo animal de seus olhos,  
Pelas rachaduras em sua carne, por aquela pobre mulher  
A quem escrevo de joelhos, para aquela mulher que é a terra  
A partir de hoje evaporada.*

*Anestesia geral então para as feridas nos braços e abdome,  
Anestesia geral para quem cai nos campos de suas terras,  
Anestesia para quem acha que sou cego de pau desvendando essas  
imagens,  
Por causa do incontrolável estilhaço que atravessa as mitologias da  
água e as cabanas dos gnazos.*

*Pela mineração de almas  
Perdoe-os, Nubu,  
Perdoe-os, vovó Ngãbe  
Avó imemorial, sacerdotisa.*

A vocês, escavadores do mundo: uma pepita de ouro para a balança

Aos que desviarão e dilacerarão o rio: uma gota de água para viver na  
lâmpada,  
Aos que anunciarão os estados de sítio  
E as violações aos trajes,  
O armamento de nuvens negras que colocarão nos troncos  
Para empobrecer o sol  
E indicarão as futuras tocas onde estarão o Avô pássaro, o sobrinho  
cascocha,  
O poeta totorrón, a filha doninha  
Cavem um buraco  
Um buraquinho  
Um buracão  
Enquanto a terra e os homens se aglomeram.

## RENÉ CHAR

*Una estrella que se ha acercado, la muy loca, y va a morir antes que yo.*

RENÉ CHAR

Tú no has dicho nada, nadie dice nada, todos se callan sus muertes.  
Algunos se atreven a marcharse después de mascar tus hojas de  
hipnos,  
Buscando esos utensilios posibles para acumular la vida,  
(La cuchara paralítica)                      (El plato ciego)  
Y yo penetro en otra hipnosis  
Cuando deambulo por tu poesía  
En este nuevo espejo que la historia va a desertar;  
Amigo en lo improbable,  
En el incendio de la tundra donde se aprende a escribir  
Y a discrepar contra la cacería furtiva o reglamentada  
Cuando un cervatillo riela en la otra orilla,  
Elegido por la circunstancia de la presa  
Ante el ojo caníbal                      ante lo nupcial devastado  
Y las noches podían concebirse a través de un prisma,  
Leyéndonos a nosotros alguna argumentación por la metáfora o el  
lenguaje llano;  
Ese intangible destierro hacia la originalidad, cuando se empieza a  
acostar  
Tu poema predilecto,  
En medio de los niños que ríen de gozo en la primavera de los poetas.  
¿Acaso también no habrá un otoño o un invierno o un verano para esos  
seres  
Que desechan el fárrago carnívoro, un arcoíris en el cuello, una rosa  
que grite de terror al saberse viva,  
Tan roja en la alienación de la sangre, tan sanguínea en la prueba de  
ADN,  
Una puerta falsa para esconderse y tiritar de fuego



Cuando nos encontremos        cara a cara        con el sucesor de  
    Ulises  
Tocádonos el destino de ser errantes en la condenación de las ínsulas  
Y el mar sea ese mensaje cifrado que nos cuesta entender  
Muy adentro, muy adentro de la botella rota que es el origen  
Cuando nos posesionamos juntos del microbiótico espejo  
Y hay una noche que sucede hasta encontrarnos en el vuelo del águila  
Y todo sigue siendo noche    más que noche    que agujero negro  
    que agujero lunar  
Y allí estás tú en medio de los polvos cósmicos, en medio de las  
    explosiones de asteroides  
Y eres tú  
*Una estrella que se ha acercado, la muy loca, y va a morir antes que yo.*

## RENÉ CHAR

*Uma estrela que chegou perto, muito louca, e vai morrer antes de mim.*

RENÉ CHAR

Não disseste nada, ninguém disse nada, todo mundo fica calado sobre  
suas mortes.  
Alguns se atrevem a sair depois de mastigar suas folhas hipnóticas,  
Procurando esses possíveis utensílios para acumular vida,  
(A colher paralítica) (O prato cego)  
E entro em outra hipnose  
Quando perambulo pela tua poesia  
Neste novo espelho que a história vai desertar;  
Amigo no improvável,  
No fogo da tundra onde aprendes a escrever  
E discordar contra a caça furtiva ou caça regulamentada  
Quando um cervo brilha na outra margem,  
Escolhido pela circunstância da presa  
Diante do olho canibal diante da noiva devastada  
E as noites poderiam ser concebidas através de um prisma,  
Lendo para nós algum argumento por metáfora ou linguagem simples;  
Esse banimento intangível para a originalidade, quando começa a  
deitar  
Teu poema predileto,  
Entre as crianças que riem de alegria na primavera dos poetas.  
Não haverá também outono, inverno ou verão para esses seres?  
Que jogam fora a bagunça carnívora, um arco-íris no pescoço, uma  
rosa que grita de terror quando se vê viva,  
Tão vermelho na alienação do sangue, tão otimista no teste de DNA,  
Uma porta falsa para se esconder e tremer de fogo  
Quando nos encontrarmos face a face com o sucessor de Ulisses  
Tocando o destino de estar vagando na condenação das ilhas

E o mar é aquela mensagem cifrada que a gente tem dificuldade de  
entender

Lá no fundo, lá no fundo da garrafa quebrada que é a origem

Quando nos possuímos juntos do espelho microbiótico

E há uma noite que acontece até nos encontrarmos no voo da águia

E tudo ainda é noite mais que noite que buraco negro que buraco  
lunar

E aí estás no meio da poeira cósmica, no meio das explosões de  
asteroides

E és

Uma estrela que chegou perto, muito louca, e vai morrer antes de  
mim.

## A SOLAS POR LA TIERRA

Yo, que anduve solo por la tierra  
Buscando significado a la orfandad,  
¿Qué puedo hallar esta vez en el pecho de la aldea  
Cuando impera en los sentidos  
Esos fosforescentes días  
Del invierno o el verano,  
Cuando mi letra va detrás de las carretas  
Buscando la ceremonia alegre de las calles?

Busco a deshora, el aceite en la lámpara profunda,  
Ese mecha umbilical que me guiaba  
Hasta la residencia de mi abuela y de mi madre,  
Trazando con guijarros un cordel de escapatoria,  
Un pentagrama para bosquejar en el cielo una cantata,  
Una capa que me lleve al cielo de los árboles,  
A un bosque de secuoias milenarias  
Que se tienden en los caminos hasta igualar la cabeza del hombre,  
Que está orientada a la aurora de sus nidos,  
A sus diezmadas migraciones.

Esos días de ansia mineral,  
En los que voy hasta el fondo  
Como una roca a la hondura de su limo,  
Vuelvo hasta el origen, hasta el sopor del mito  
En las alcobas,  
En que una alondra atraviesa la garganta  
Hasta imantar la memorabilia de sus sueños,  
Esas estirpes que refulgen en la fe,  
En los bohíos de vanguardia  
Dando a mis rimas identidades de viento,  
Algún vestigio de una aureola necesaria.

Yo, que anduve solo por la tierra  
Buscando significado a la orfandad;

Regreso a estas calles lambisqueadas por el sol  
Con mis recuerdos deshechos por la nieve.  
Escudriño algún mito, alguna explicación,  
Alguna necesidad de escapatoria. Son mis manos  
Que trascienden lo incorpóreo,  
El canto transfigurado de la tierra. Yo que anduve solo  
Buscando significado a la orfandad,  
Prosigo con mi llanto, con mi risa,  
Con el padecimiento del dolor y sigo en marcha.

## SOZINHO NA TERRA

Eu, que andava sozinho na terra  
Procurando um sentido para a orfandade,  
O que posso encontrar desta vez no baú da aldeia  
Quando prevalece nos sentidos  
Aqueles dias fosforescentes  
De inverno ou verão,  
Quando minhas letras vão atrás dos vagões  
Procurando a alegre cerimônia das ruas?

Eu procuro na hora errada, o óleo na lâmpada profunda,  
Aquele cordão umbilical que me guiou  
Para a residência de minha avó e minha mãe,  
Traçando com pedrinhas uma linha de fuga,  
Um pentagrama para esboçar uma cantata no céu,  
Uma capa que me leva ao céu das árvores,  
Para uma floresta de sequoias milenares  
Que se estendem pelas estradas até que sejam iguais à cabeça do  
homem,  
Que se orienta para o alvorecer de seus ninhos,  
Para as suas migrações dizimadas.

Aqueles dias de desejo mineral,  
Em que vou ao fundo  
Como uma rocha na profundidade de seu lodo,  
Volto à origem, ao torpor do mito  
Nos quartos,  
Em que uma cotovia atravessa a garganta  
Até que magnetizes as lembranças de teus sonhos,  
Essas linhagens que brilham na fé,  
Nos barracos de vanguarda  
Dando identidades de vento às minhas rimas,  
Algum vestígio de uma auréola necessária.

Eu, que andava sozinho na terra

Procurando um sentido para a orfandade;  
Volto para essas ruas lambidas pelo sol  
Com minhas memórias desfeitas pela neve.  
Examino algum mito, alguma explicação,  
Alguns precisam de fuga. São as minhas mãos  
Que transcendem o incorpóreo,  
A canção transfigurada da terra. Eu que andei sozinho  
Procurando um sentido para a orfandade,  
Prossigo com meu choro, com meu riso,  
Com o sofrimento da dor e sigo em frente.

## LOS COYOTES

Alguna madriguera humanoide ha dado paso a los coyotes.  
No pertenecían a estos campos, a estas junglas, a estas selvas,  
Donde desciende la Yakumama con alguna lluvia  
O un ramalazo de arcoíris.  
Los he querido ver tras un quejido de ave, tras algún estertor  
De ternero a la intemperie  
O alguna desesperación del mundo sobre la lengua de la vaca.  
Sus ojos calientan  
La noche como una rotación. En sus colas hay un dominio visceral  
De las víctimas en su olor de posesiones a mansalva.  
La noche nos devuelve su desnudez de pájaros  
En jaculatorias tristes como roedores terroríficos  
Que muerden la luna con su resplandor de hueso. Yo camino  
Encontrando aquellos rastros de sangres y de presas fantasmas.  
Es mi yo terciando con alguna zampona los espectros  
De los depredadores. En los cráneos de los mamíferos  
Hay una maternidad que no logro descifrar  
Y quizás en esas osamentas esté la música de una demencia  
aterradora.

Una trocha abierta, casi cerrándose a la verborrea de los bejucos, al  
mantillo misterioso,  
Y a los insectos habitantes de las hojas verdes y secas, me indica la  
marcha de aquellos asesinos.  
Me dicen los arroyuelos que aquí beben,  
Me dicen los ojos de agua  
Que por aquí lavaron sus patas para empezar la caminata  
De su propio duelo.  
En sus narices y en sus ojos va la muerte  
Tintineando su badajo.  
En su pelaje, hay otro misterio como la piel de una mujer  
Que se aloja como un treznal en el invierno. Cuando hayan una presa,  
Ésta ve en un espejo repetido la misma cabeza, la misma cola  
Y una jauría de dientes, dispuestas a cumplir con el rito de la caza.



Ya ningún anciano o ningún pintor nómada  
O de la nueva tribu  
Podrá describir este ideario en la pintura. Si acaso dialogarán las  
pedras,  
Si acaso hablará la noche con su alfabeto levemente encendido  
Por lechuzas o luciérnagas.

Los coyotes, no saben ahuyentar la propia muerte ni sus propias  
muertes  
Ni la jeringa acusatoria de su olfato.

Hay un llanto morfológico sobre las aguas  
Que drenan otros vestigios  
De las aldeas y los pueblos  
Y algunos forasteros congelados en la criba del pasado.

En esta tierra no hubo coyotes y ahora si los hay,  
Oliéndonos,  
Acercándonos a ellos,  
Punteándonos con la dentadura  
El miedo a otra edad,  
A otro ciclo, a otro coloquio  
Con las deslumbrantes esferas.

Cuando pare una vaca, alguna madre, se lleva a la cría para  
amamantarla  
En su cuna de madera.

Quizás dentro de las casas  
Esté el árbol para todas las aves;  
Pero ya nadie está a salvo.  
Sólo la noche o el día –saben– cuando encontrarán la cría de Dios.

## OS COIOTES

Alguma toca humanoide deu lugar a coiotes.  
Eles não pertenciam a esses campos, a essas selvas, a essas matas,  
Onde desce a Yakumama com alguma chuva  
Ou uma faixa de arco-íris.  
Eu queria vê-los depois de um gemido de pássaro, depois de algum  
estertor  
De novilho na intempérie  
Ou algum desespero do mundo por causa da língua da vaca.  
Seus olhos esquentam  
A noite como uma rotação. Em suas caudas há um domínio visceral  
Das vítimas em seu cheiro de posses à queima-roupa.  
A noite nos devolve sua nudez de pássaros  
Em tristes ejaculações como roedores aterrorizantes  
Que mordem a lua com o brilho de seus ossos. Eu caminho  
Encontrando aqueles vestígios de sangue e presas fantasmas.  
Sou eu mesmo intervindo com alguma flauta de Pã os espectros  
De predadores. Nos crânios dos mamíferos  
Há uma maternidade que não consigo decifrar  
E talvez naqueles ossos esteja a música de uma demência terrível.

Uma trilha aberta, quase fechando a verborragia das vinhas, a  
misteriosa cobertura morta,  
E aos insetos que habitam as folhas verdes e secas, indica a marcha  
daqueles assassinos.  
Dizem-me os riachos que aqui bebem,  
Eles me dizem os olhos d'água  
Que aqui lavaram as pernas para começar a caminhada  
De seu próprio duelo.  
Em seus narizes e em seus olhos vai a morte  
Tilintando o badalo.  
Em seu pelo há outro mistério como a pele de uma mulher  
Que fica como uma erva daninha no inverno. Quando há uma presa,  
Esta vê em um espelho a mesma cabeça repetida, a mesma cauda  
E um pacote de dentes, pronto para cumprir o rito da caça.

Nenhum velho ou mesmo pintor nômade  
Ou da nova tribo  
Poderá descrever essa ideologia na pintura. Se porventura as pedras  
conversarem,  
Se talvez a noite falar com seu alfabeto levemente iluminado  
Por corujas ou vagalumes.

Os coiotes não sabem como assustar a própria morte ou as próprias  
mortes  
Nem mesmo a seringa acusatória de seu nariz.

Há um grito morfológico sobre as águas  
Que drena outros vestígios  
Das aldeias e cidades  
E alguns estranhos congelados na peneira do passado.

Nesta terra não havia coiotes e agora há,  
Cheirando-nos,  
Aproximando-se deles,  
Apontando com os dentes  
O medo de outra era  
Para outro ciclo, para outro colóquio  
Com as esferas deslumbrantes.

Quando uma vaca dá à luz, uma mãe leva o bezerro para amamentá-lo  
Em seu berço de madeira.

Talvez dentro das casas  
Exista a árvore para todos os pássaros;  
Mas ninguém está mais seguro.  
Só a noite ou o dia – eles sabem – quando encontrarão o menino de  
Deus.

## MUERTE DE UN POETA NATURALISTA

Esta es la primera noche en que el anciano, tomando su meditada  
lámpara nos dirá:  
“Hoy empieza el ayuno por Seamus Heaney” ...  
Entonces, nos levantaremos de la mesa y soñaremos con las migajas  
del banquete de la jornada anterior.  
Ya no queda agua, ni siquiera una brizna de algún alimento para las  
aves pependencieras.  
Es la nostalgia de un cosechador sobre sus piñones de saliva;  
Un toro inmenso que va aguardando la puesta de sol para ir a resoplar  
con las luces del terruño.  
Yo aguardaré el paso del calor al frío observando el prisma del hogar y  
la danza de las luciérnagas sobre los contornos ágiles;  
Sobre estas pequeñas epopeyas donde un labrador puede ser Ulises,  
Mientras haya metáforas hibernando con los animales en sus  
madrigueras  
O rebullendo en medio de un estanque junto a los huevecillos de los  
anfibios, copulantes en su furia  
Mientras se encienda alguna chimenea y el humo arengue  
Que hay poesía sobre los marjales  
Una rapsodia para la hambruna mientras arrancamos inquisiciones  
a las estirpes de la hierba,  
Un intervalo de voces que entran y salen de las cocinas,  
Horneando alguna tarta de cerezas o de frutillas del bosque para que  
el viejo Seamus  
Vaya satisfecho a reencontrarse con los muertos;  
Con William Butler Yeats y las almas generadas,  
Limpiándose los labios luego y entonando un credo que se hinche  
como una levadura sobre los agujajes y los páramos  
Aunque no se tenga una litera en donde arrullar a la conquista,  
Una espada gradual que vaya ascendiendo  
Entre la grupa de plantas parasitarias,  
Entre las cosas mortales que se culebrean por los campos de Irlanda,  
Por donde avizora  
El alpinista su último suspiro antes de tocar la cima;

Antes de encontrar el caldero con las monedas de oro y la continuidad  
del arcoíris,  
Ese envejecimiento prematuro de nuestro pasado, de las clínicas  
boreales  
En su tambor de carne viva,  
Cuando en tu poesía oímos las detonaciones y los bombardeos en  
Belfast;  
Y escuchamos también a una rana croar infinitamente en nuestro  
pecho, en nuestra cueva del azar  
Demarcando fronteras, recogiendo pequeñas imágenes del condado de  
Derry para engarzar en nuestros parietales,  
En nuestros riñones colmados, en nuestras manos que toman un  
azadón para cavar en la tierra,  
Para pulir esa música de las asombradas esferas,  
Esa inclinación de reencontrarnos con nuestras generaciones  
enterradas,  
Dispuestas a retoñar ahora que te observo sonreírme destapando la  
botella de leche y beber a grandes sorbos  
Esa lactescencia del mundo  
Para saber que estamos solos,  
Para saber que estamos solos,  
Para saber que estamos solos,  
En ese dolor hirviendo de los mares poseídos,  
De la lluvia ancestral,  
De la tiniebla coagulada que tintinea en la escarcha de los tejados  
Como una antigua herida  
Que sigue supurando  
Los eriales en nosotros;  
Esa marcha caduca de los espejos como un secreto del aire,  
Como la pieza de cacería llevada en hombros, que con algo de  
nostalgia mira el paisaje dejado atrás  
Donde te has quedado copiando imágenes de la tierra,  
Plagiando entonces la muerte de un naturalista.

## MORTE DE UM POETA NATURALISTA

Esta é a primeira noite que o velho, pegando sua lâmpada pensativa,  
nos dirá:  
“Hoje começa o jejum por Seamus Heaney” ...  
Então, nos levantaremos da mesa e sonharemos com as migalhas do  
banquete do dia anterior.  
Não sobrou água, nem mesmo uma folha de comida para os pássaros  
briguentos.  
É a saudade de um ceifador sobre seus pinhões de saliva;  
Um touro imenso que espera o pôr-do-sol para ir bufar com as luzes  
do terror.  
Aguardarei a passagem do calor ao frio observando o prisma do lar e a  
dança dos vagalumes nos contornos ágeis;  
Sobre essas pequenas epopeias onde um fazendeiro pode ser Ulisses,  
Enquanto houver metáforas hibernando com os animais em suas tocas  
Ou mexendo no meio de uma lagoa ao lado dos ovos de anfíbios,  
copulando em sua fúria  
Enquanto alguma chaminé seja acesa e a fumaça arengue  
Que há poesia nos pântanos  
Uma rapsódia para a fome enquanto arrancamos inquisições das raças  
de grama,  
Um intervalo de vozes entrando e saindo das cozinhas,  
Fazendo uma torta de cereja ou amora para que o velho Seamus  
Vá satisfeito reencontrar-se com os mortos;  
Com William Butler Yeats e almas geradas,  
Limpendo os lábios depois e entoando um credo que incha como  
fermento sobre poços de água e pântanos  
Mesmo que não tenha um ancoradouro onde possa embalar a  
conquista,  
Uma espada gradual que sobe  
Entre o grupo de plantas parasitas,  
Entre as coisas mortais que rastejam pelos campos da Irlanda,  
Onde assistes  
O alpinista dar seu último suspiro antes de chegar ao topo;

Antes de encontrar o caldeirão com as moedas de ouro e a  
continuidade do arco-íris,  
Esse envelhecimento prematuro do nosso passado, das clínicas boreais  
Em seu tambor de carne viva,  
Quando em sua poesia ouvimos as detonações e os bombardeios em  
Belfast;  
E também ouvimos um sapo coaxando sem parar em nosso peito, em  
nossa caverna do acaso.  
Demarcando fronteiras, coletando pequenas imagens do Condado de  
Derry para incorporar em nossos parietais,  
Em nossos rins cheios, em nossas mãos que pegam uma enxada para  
cavar a terra,  
Para polir aquela música das esferas atônitas,  
Essa inclinação para se reunir com nossas gerações enterradas,  
Dispostas a brotar agora que te vejo sorrir para mim, destampar a  
garrafa de leite e beber em grandes goles  
Essa lactescência do mundo  
Para saber que estamos sozinhos  
Para saber que estamos sozinhos  
Para saber que estamos sozinhos  
Naquela dor fervente dos mares possuídos,  
Da chuva antiga,  
Da escuridão coagulada que retine na geada dos telhados  
Como uma velha ferida  
Que continua apodrecendo  
Os terrenos baldios em nós;  
Essa marcha expirada de espelhos como um segredo do ar,  
Como o jogo carregado nos ombros, que com alguma nostalgia olha a  
paisagem deixada para trás  
Onde tens copiado imagens da terra,  
Plagiando então a morte de um naturalista.

## RENOVACIÓN DE CÉDULA

*Cada uno se va como puede  
unos con el pecho entreabierto,  
otros con una sola mano,  
unos con la cédula de identidad en el bolsillo.*

ROBERTO JUARROZ

*ante las situaciones kafkianas...*

Hoy he tenido miedo de mi identidad.  
Ha expirado mi cédula.  
No estoy aquí subiendo este piso,  
No estoy allá consumiendo esta escalera;  
Cada ser con su paso, cada ser con su pose,  
Cada uno con sus kilos, en su peso  
Donde no haya fuego ante la propia voz,  
La propia voz, una revolución, un manuscrito.

Hacer filas inmensas  
Para renovar tu vejez en la foto.  
Llenar mis datos, volver al nacimiento  
Y al dolor parturiento de mi madre.  
Gatear y caminar sobre papeles  
Burócratas.  
Una fecha exacta para la entrega, para volver a plasmar  
Las huellas, comprobar solicitud  
Y dar fe de vida o dar fe de muerte  
Como si alguien se despidiera en medio de la luz, al otro lado.

Unos se van con su espejo,  
Otros se van con su perro,  
Otros se van sin su pensión con un sello en la frente,  
Otros con su nacionalidad y cédula de extranjería,



Aquellos con una carta rasgada antes de tiempo.  
Otros se van sin escribir su mejor obra,  
Otros se apresuran a tomar talleres literarios y a dejar anaqueles llenos  
de letra innecesaria,  
Insisten en dejar un libro detrás del árbol o detrás del hijo.  
Mejor no se apresuren a nada.  
En ese lapso de tiempo, ningún banco o trámite aceptan  
De que estás ahí, en ese lapso de la otorgación no existes, mientras  
Alguien vive, alguien escribe, alguien rompe papeles, alguien renueva  
su cédula,  
Alguien se equivoca escogiendo a un diputado, a un alcalde, a un  
presidente,  
Alguien asegura que todo ha caducado.

## RENOVAÇÃO DE IDENTIDADE

*Cada um sai como pode  
alguns com o peito entreaberto,  
outros com uma mão,  
alguns com a carteira de identidade no bolso.*

ROBERTO JUARROZ

*diante de situações kafkianas...*

Hoje tenho medo da minha identidade.  
Minha identidade expirou.  
Eu não estou aqui subindo este andar,  
Não estou aí consumindo esta escada;  
Cada ser com seu passo, cada ser com sua pose,  
Cada um com seus quilos, no seu peso  
Onde não há fogo diante da própria voz,  
A própria voz, uma revolução, um manuscrito.

Traçar linhas enormes  
Para renovar a velhice na foto.  
Preencher meus dados, voltar ao nascimento  
E às dores de parto de minha mãe.  
Rastejar e andar sobre papéis  
Burocratas.  
Uma data exata para a entrega, para recapturar  
Impressões digitais, verificar a aplicação  
E dar fé de vida ou de morte  
Como se alguém se despedisse no meio da luz, do outro lado.

Alguns saem com seu espelho,  
Outros vão com seu cachorro,  
Outros saem sem a pensão com um carimbo na testa,  
Outros com sua nacionalidade e RG de estrangeiro,

Aqueles com uma carta rasgada antes do tempo.  
Outros partem sem escrever seu melhor trabalho,  
Outros correm para fazer oficinas literárias e deixam prateleiras  
cheias de escritos desnecessários,  
Eles insistem em deixar um livro atrás da árvore ou atrás da criança.  
Melhor não se apressar em nada.  
Nesse período, nenhum banco ou procedimento aceita  
Que estejas lá, nesse período de doação não existes, enquanto  
Alguém vive, alguém escreve, alguém rasga papéis, alguém renova a  
carteira de identidade,  
Alguém se engana ao escolher um deputado, um prefeito, um  
presidente,  
Alguém garante que tudo expirou.

## PARTIDA EN NIEVE

*Leche negra de la madrugada te bebemos de noche*

PAUL CELAN, *Morte em fuga*

Mi madre, al vernos partir dio puñetazos en la nieve.

A mi padre y a mis dos hermanos nos llevaban al trabajo forzado.

Mi madre se quedó sola tejiendo para los nietos que nunca habría de tener y para las legiones de la muerte.

Fue cosiendo una a una las mortajas de todos, dominó a los badajos y a las serpientes.

No tuvo miedo al vigilante y se quedaba a llorar junto a los horarios de espera en las abandonadas estaciones.

Fue una pequeña araña en los desvanes de Europa.

No desafió a ninguna diosa, tejió la placenta de nuestros cuerpos;  
alcanzaba a morder las frutas de un desmantelado paraíso, donde la  
fábula constreñía su tristeza con palomas mortales.

Se valió de todos los hilos de la derrota.

Nos tejió una bufanda con su cementerio de sonrisas.

Amamantándonos de leche negra,

Calentando en la hornilla la leche negra,

Entonando rondas de juego y colocándonos en el biberón la leche  
negra.

A nuestro regreso la casa yacía con pintura nueva y colocó sobre  
nuestras camas las sábanas durmientes.  
Nuestros juguetes nos abrían los brazos  
Y ella había muerto  
Sobre la mecedora,  
Como una palabra enorme de melancolía.

## PARTIDA NA NEVE

*Leite preto da madrugada nós te bebemos à noite*

PAUL CELAN, Morte em fuga

Minha mãe, ao nos ver sair, deu um soco na neve.

Levaram meu pai e meus dois irmãos para trabalhos forçados.

Minha mãe ficou sozinha tricotando para os netos que ela nunca teria e para as legiões da morte.

Ele costurava as mortalhas de todos, um a um, dominava os badalos e as cobras.

Não teve medo do vigia e ficou a chorar junto aos tempos de espera nas estações abandonadas.

Era uma pequena aranha nos sótãos da Europa.

Ele não desafiou nenhuma deusa, ele teceu a placenta de nossos corpos; Estendeu a mão para morder os frutos de um paraíso desmantelado, onde a fábula estrangia sua tristeza com pombas mortíferas.

Ele usou todos os fios da derrota.

Ela nos tricotou um cachecol com seu cemitério de sorrisos.

Amamentando-nos com leite negro,

Aquecendo o leite negro no fogão,

Entoando rodadas de jogo e colocando na garrafa o leite negro.

Ao voltarmos, a casa foi pintada com tinta nova e ela colocou os  
lençóis de dormir em nossas camas.  
Nossos brinquedos abriram os braços para nós  
e ela tinha morrido  
na cadeira de balanço  
Como uma enorme palavra de melancolia.

POEMA DE DOLOROSA PRIMAVERA DE LAS HERMANAS DE  
KAFKA

*Aunque la primavera entra en mi corazón como un dolor,  
No me quejo. Algún día seré bienaventurado.*

J. C. BLOEM

-1-

Nunca he sentido compasión por la primavera.  
Las lluvias caen como un fonema gris, como un concierto que han  
desechado los arpistas,  
Puedo tener deseo de abrir una puerta y dejar el corazón colgado  
como un ramillete de arroz en las fiestas de año nuevo,  
Como naranjas oscuras que el tiempo agrieta;  
Extrañar a los amigos que aún me llaman  
Y que sin embargo siguen habitando mi conciencia  
Con una profunda nostalgia como si estuviesen allí apilándose para la  
confrontación de la esfinge y las arenas.

Las hermanas de Kafka me agitan el pañuelo desde las filas de la Shoa  
Elli, Valli y Ottlá,  
Como si atravesara un puente sin pilotes;  
Pues ante la traición es mejor a veces levitar en el aire,  
Oír el silbato de un tren  
Como un espejo que se ha dejado caer en decenios,  
Donde no se aparquen los amores pasados  
Ni las naves que olfateen la niebla salitrosa del puerto.

Me abro un umbral en el vientre donde está nuestra madre y nuestro  
padre con sus rosas de juventud. Me apresuro a escribir el libro de  
los dolorosos y fatigantes momentos.

-2-



Hermanas:

Yo me he retrasado antes de colocar estas imágenes como el tiempo  
bosteza el nimbo de su polvo,  
Gaviotas ebrias andan en mi conciencia con sus sílabas cortadas  
Parecen niñas sin cuerdas vocales que juegan a buscar un plenilunio  
deletreado  
O una falsa gravitación del café, cuando nos volvemos a sentar para  
recibir una visita  
O la charla de un viejo amigo.

Hermanas:

Han partido al Holocausto con maletas de piel de conejo, ahí pueden  
caber la infancia, los miedos, los traumas, las risas en los  
cumpleaños de los niños, las escenas familiares. Queda un hueco  
para rellenar con la fecha y las cualidades de sus muertes: el frío y  
el hambre penetrando en la boca, la fatiga de los trabajos forzados  
o la lucidez voltaica de la necesidad, el fusilamiento de sus cuerpos  
judíos o la aspiración de la exégesis de gas.

Hermanas:

Ya no puedo con mi obra. Ya no puedo interpretar una canción.

Hermanas:

No me gusta emborracharme y veo cada infierno en las botellas,  
Cada trago ha de ser alguna falsa recompensa o esa timidez de  
reconocer lo que no se alcanza.  
Veo los restos de cenizas en la chimenea y me dan ganas de llorar  
carbones  
De escarbar entre los ladrillos y buscar el materno fuego.  
A veces cuesta observar la vida y al amor sobre una mesa de disección,

Abrir los cadáveres del sueño y con un escalpelo ir hurgando en las  
luminosidades y en las tinieblas  
Pesando los órganos y los momentos y quedarse con la ausencia de los  
muertos. Errante yo en la sed de los limbos.

Hermanas:

Hay que aprender a diseccionar lo que viene antes de que venga y sea  
como un objeto, concreto, contundente.

Hermanas:

Liberad a los insectos.

Hermanas:

Ignorad los disparos, ignorad a los gendarmes.

Aquellos extintos pueden convocar a vivir y enseñarnos cómo hacerlo.

## POEMA DA PRIMAVERA DOLOROSA DAS IRMÃS DE KAFKA

*Embora a primavera entre em meu coração como uma dor,  
Não reclamo. Algum dia serei abençoado.*

J. C. BLOEM

-1-

Nunca senti compaixão pela primavera.  
As chuvas caem como um fonema cinza, como um concerto que os  
harpistas descartaram,  
Posso ter vontade de abrir uma porta e deixar meu coração pendurado  
como um buquê de arroz nas festas de fim de ano,  
Como laranjas escuras que o tempo racha;  
Saudade dos amigos que ainda me ligam  
E ainda assim eles continuam a habitar minha consciência  
Com uma nostalgia profunda como se estivessem ali se amontoando  
para o confronto da esfinge e das areias.

As irmãs de Kafka acenam com seus lenços para mim das fileiras do  
Shoah  
Elli, Valli e Ottla,  
Como se estivessem atravessando uma ponte sem palafitas;  
Porque diante da traição às vezes é melhor levitar no ar,  
Ouvir um apito de trem  
Como um espelho que caiu em décadas,  
Onde os amores do passado não estacionam  
Nem os barcos que farejam a névoa salgada do porto.

Abro uma soleira no ventre onde estão nossa mãe e nosso pai com suas  
rosas juvenis. Apresso-me a escrever o livro dos momentos  
dolorosos e cansativos.

-2-

Irmãs:

Eu demorei antes de colocar essas imagens enquanto o tempo boceja o  
nimbo de sua poeira,  
Gaivotas bêbadas andam em minha consciência com suas sílabas  
cortadas  
Parecem meninas sem cordas vocais que brincam de achar uma lua  
cheia enfeitada  
Ou uma falsa gravitação do café, quando nos sentamos novamente  
para receber uma visita  
Ou a conversa de um velho amigo.

Irmãs:

Foram ao holocausto com malas de pele de coelho, infância, medos,  
traumas, risos em aniversários infantis, cenas de família cabem ali.  
Fica uma lacuna a preencher com a data e as qualidades das suas  
mortes: o frio e a fome a penetrar na boca, o cansaço do trabalho  
forçado ou a lucidez voltaica da necessidade, o fuzilamento dos  
seus corpos judaicos ou a aspiração da exegese do gás.

Irmãs:

Não posso mais com meu trabalho. Não consigo mais cantar uma  
música.

Irmãs:

Não gosto de embriagar-me e vejo todo inferno nas garrafas,  
Cada gole deve ser uma falsa recompensa ou aquela timidez de  
reconhecer o que não se consegue.  
Vejo restos de cinzas na lareira e me dá vontade de chorar brasas  
Cavar entre os tijolos e procurar o fogo materno.  
Às vezes é difícil observar a vida e o amor em uma mesa de dissecação,

Abrir os cadáveres dos sonhos e com um bisturi mergulhar nas  
luminosidades e nas trevas  
Pesando os órgãos e os momentos e ficando com a ausência dos  
mortos. Vagando-me na sede de limbos.

Irmãs:

Tens que aprender a dissecar o que vem antes que venha e seja como  
um objeto, concreto, forte.

Irmãs:

Soltem os insetos.

Irmãs:

Ignorem os tiros, ignorem os gendarmes.

Esses extintos podem convocar para viver e nos ensinar como fazê-lo.

FELICE BAUER

*Señorita: Ante el caso muy probable de que no pudiera usted acordarse de mí lo más mínimo, me presento de nuevo: me llamo Franz Kafka.*

Carta a Felice Bauer

Me aferré a la idea de tener un amor hasta que la amé de improviso.  
Me hice de cartas y cartas hasta prologar esta soledad esquizoide  
Que circunda las paredes y las plantas anudadas a las macetas del  
patio.

Nunca tuve suerte con llamar su atención o asir su mano como se tañe  
Una campana o el plumaje de una paloma fugitiva  
Dentro de un campanario gótico. Soñé con su dentadura de oro  
Y con su lunar apenas perceptible bajo el sombrero  
Aquí estoy con todas mis cartas y la celebración doble de los  
esponsales.

Felice, mejor no me escriba, mejor no vuelva.

Soy una condena.

Toda vida aparente normal de mí, ha desaparecido.

Hoy no la evoco, hoy soy la ruina de una alegoría.

## FELICE BAUER

*Senhorita: No caso muito provável de você não se lembrar nem um pouco de mim,  
eu me apresento novamente: meu nome é Franz Kafka.*

Carta a Felice Bauer

Agarrei-me à ideia de ter um amor até que me apaixonei por ela de repente.  
Recebi cartas e cartas até prologar essa solidão esquizoide  
Que envolve as paredes e as plantas amarradas aos vasos do pátio.  
Eu nunca tive sorte em chamar a atenção dela ou segurar sua mão  
enquanto tocava  
Um sino ou a plumagem de um pombo fugitivo  
Dentro de uma torre sineira gótica. Sonhei com sua dentadura de ouro  
E com sua toupeira quase imperceptível sob o chapéu  
Aqui estou com todas as minhas cartas e a dupla celebração do  
noivado.  
Felice, melhor não me escrever, melhor não voltar.  
Eu sou uma sentença.  
Toda a minha vida aparentemente normal desapareceu.  
Hoje não a evoco, hoje sou a ruína de uma alegoria.

MILENA JESENSKÁ

*tímido, retraído, suave y amable, visionario, demasiado sabio para vivir,  
demasiado débil para luchar, de los que se someten al vencedor y acaban por  
avergonzarlo.*

MILENA JESENSKÁ

Gracias por traducirme al checo. Gracias por instalar el sueño en mi  
almohada  
Por algunos segundos desde la galerna de Praga. Estoy aquí  
vaticinando el estupor  
De una guerra. Escribo y escribo y no concibo como encontrarme,  
Cómo encontrarla a usted  
En medio de algún bastión encadenado a las alas de las mariposas.  
No hay regreso. Siga usted leyendo una y otra vez mis manuscritos.  
Atrévase a abandonar a su esposo y dejar las cerraduras de su hogar.  
Yo no soy una llave ni tampoco una puerta entornada  
A la vastedad de las estepas. Soy una tundra densa por donde la luz  
Le cuesta filtrar sus estados líquidos. La amo, pero ya nada existirá,  
Seguiré afirmando: “jamás viviremos juntos, en la misma casa,  
Codo con codo, a la misma mesa; jamás ni siquiera en la misma  
ciudad”  
La tos me separa de usted como una ventolina a las espigas doradas  
del cereal.  
Mejor apártese, mejor no venga. Verla para mí sería aceptar una  
derrota, aunque la ame,  
Aunque mi correspondencia será para usted el mayor testimonio  
De las almas hambrientas.



MILENA JESENSKÁ

*tímido, retraído, meigo e bondoso, visionário, sábio demais para viver, fraco  
demais para lutar, daqueles que se submetem ao vencedor e acabam por  
envergonhá-lo.*

MILENA JESENSKÁ

Obrigado por me traduzir para o tcheco. Obrigado por instalar o  
sonho no meu travesseiro  
Por alguns segundos do vendaval de Praga. Estou aqui prevendo o  
estupor  
De uma guerra. Escrevo e escrevo e não concebo como me encontrar,  
Como te encontrar  
No meio de algum bastião acorrentado às asas de borboletas.  
Não há retorno. Continue lendo meus manuscritos repetidamente.  
Atreva-se a abandonar seu marido e deixar as fechaduras de sua casa.  
Eu não sou uma chave nem uma porta entreaberta  
Para a vastidão das estepes. Eu sou uma densa tundra onde a luz  
Ele tem dificuldade em filtrar seus estados líquidos. Eu te amo, porém  
nada mais existirá,  
Continuo afirmando: “jamais viveremos juntos, na mesma casa,  
Lado a lado, na mesma mesa; jamais sequer na mesma cidade”  
A tosse me separa de ti como uma brisa das espigas douradas do  
milho.  
Melhor que fiques longe, melhor que não venhas. Para mim, ver-te  
seria aceitar a derrota, mesmo que eu te ame,  
Embora minha correspondência seja para ti o maior testemunho  
Das almas famintas.

GRETE BLOCH

*Lo sabían los tres.  
Ella era la compañera de Kafka.*

JORGE LUIS BORGES

Siga usted recibiendo mis cartas eróticas. No suelo ser erótico.  
La naturaleza suele ser más erótica, el verde copulando  
Con la nieve o con lo negro hasta el anochecer temprano.  
Su belleza se me hizo gris como el agua bajo un puente  
Donde algún pez rememora su libertad o donde algún suicida  
Despedazó alguna lista de compras o donde algún poeta que no llegará  
Al busto en piedra, acabó con sus días. Su belleza en medio de un  
noviazgo  
Fue una tempestad aparente. Ignoro si me dio usted un vástago.  
Si temí al matrimonio mucho más le temeré a la paternidad.

Aquel hijo no iba a escribirle (una) Carta al Padre.

GRETE BLOCH

*Todos os três sabiam.  
Ela era parceira de Kafka.*

JORGE LUIS BORGES

Continue recebendo minhas cartas eróticas. Normalmente não sou  
erótico.  
A natureza costuma ser mais erótica, verde copulando  
Com a neve ou com o negro até o início da noite.  
Sua beleza tornou-se cinza para mim como água debaixo de uma  
ponte  
Onde algum peixe recorda sua liberdade ou onde algum suicídio  
Rasgou alguma lista de compras ou onde algum poeta, que não vai  
chegar  
Ao busto de pedra, terminou seus dias. Sua beleza no meio de um  
namoro  
Era uma aparente tempestade. Não sei se me deste um descendente.  
Se eu temia o casamento muito mais temeria a paternidade.

Aquele filho não me escreveria (uma) Carta ao Pai.

## JULIE WOHRYZEK

*Vida y lino lo mismo ata la hebra.*

...

*Una mujer en el silencio cose, cose, cose...*

LUIS VIDALES

Prohibido amar a una costurera. El apellido no se puede colocar sobre una tela y evitar que se traspongan alfileres. Ese es el destino doloroso de la costura ante la belleza: tantas perforaciones para dar paso a la rigidez, a las coronaciones del color. Hoy sobrevivo en mi escritura como si fuese un pájaro vegetado en el invierno, un puente desbarrancado hacia el Mar Negro o hacia el Báltico donde reposan las almas de los ahogados. No hay vacío para la guerra, no hay torpedos ni balas que atraviesen la rosa enemiga. Soy un niño con manos de jardinero, las tijeras de su taller han dejado sobre el suelo mis cabellos y estrategias de navegar junto a usted en una barca en medio de una proa de inocentes. Recorte estas nociones de escribir y cósalas a una capa para recorrer todas las calles de Europa, todas las veredas de América, los mercados de Asia, los puertos de Australia y en el África quedarme en una aldea con su humilde paja y su eterno fogón incrustado en el suelo. Así la veo en su cuarto de costura, de nube en nube, de páramo en páramo, decapitando en su cortar mis ansiedades en la tela. Un hombre en la algarabía, escribe, escribe, escribe; una mujer en el silencio cose, cose, cose. En un hospital de tuberculosos, una costurera y un escritor, tosen, tosen, tosen. Ambos han sido desahuciados en el examen de esputo. Nos apresuramos a amar, nos apresuramos a coser y a escribir. Una tijera y una tela y muchas cuartillas, no tienen la aprobación de un padre. Una mujer baja según su oficio. En mi máquina de escribir ya todos duermen, en mi lecho ya todo se congela.

JULIE WOHRYZEK

*Vida e linho o mesmo amarra o fio.*

...

*Uma mulher em silêncio costura, costura, costura...*

LUIS VIDALES

Proibido amar uma costureira. O sobrenome não pode ser colocado em um pano e evita que os alfinetes sejam transpostos. Esse é o doloroso destino de costurar diante da beleza: tantas perfurações para dar lugar à rigidez, às coroações da cor. Hoje sobrevivo na minha escrita como se fosse um pássaro vegetado no inverno, uma ponte quebrada rumo ao Mar Negro ou ao Báltico onde repousam as almas dos afogados. Não há vácuo para a guerra, não há torpedos nem balas que atravessem a rosa inimiga. Sou uma criança com mãos de jardineiro, as tesouras da tua oficina deixaram-me os cabelos no chão e estratégias para navegar contigo em um barco no meio de uma proa de inocentes. Recorte essas noções de escrita e costure-as em uma capa para percorrer todas as ruas da Europa, todas as calçadas da América, os mercados da Ásia, os portos da Austrália e da África, ficando numa aldeia com sua humilde palha e seus fogões eternos embutidos no chão. É assim que a vejo em seu atelier de costura, de nuvem em nuvem, de charneca em charneca, decapitando as minhas angústias no tecido de seu corte. Um homem no rebuliço escreve, escreve, escreve; uma mulher em silêncio costura, costura, costura. Em um hospital de tuberculose, uma costureira e uma escritora tosem, tosem, tosem. Ambas foram abandonadas no exame de escarro. Corremos para amar, corremos para costurar e escrever. Uma tesoura e um pedaço de pano e muitas páginas não têm a aprovação de um pai. Uma mulher desce de acordo com seu ofício. Na minha máquina de escrever todo mundo já está dormindo, na minha cama já está tudo congelado.

DORA DIAMANT

*Sólo quien conoce a Dora sabe lo que es el amor.*

ROBERT KLOSPTOCK

Todo había sido postergado –desde esa huida y ese largo peregrinar–  
Hasta la prisión junto a su hija en la isla de Man, por ser una  
“extranjera enemiga”  
Y por hacer extrañas coaliciones con el fuego. También se alió con el  
mar,  
Alguna vez en un balneario conoció a un escritor.  
Franz Kafka la había visto a través de otros ojos  
Su miedo a sujetarse una y otra vez el bañador –la playa– estaba llena  
De lugareños y turistas y había quedado en esa búsqueda  
De la frase legendaria o los últimos párrafos  
Para acabar la obra,  
Siempre lúgubre  
Siempre insatisfecho,  
Ante su máquina de escribir y ante los amores inconclusos  
Que alguna vez poblaron las islas de Dios  
En la deriva de las páginas.  
Ciertamente la encontró en la “innoble tarea” al descamar pescados,  
“Unas manos tan tiernas para tan cruel oficio”  
Y ambos rieron y partieron a caminar al atardecer.  
Esta Dora Diamant contaba que había otro padre  
Dentro del padre de Kafka  
Que se asilaba tras su mesa de negociante  
A escuchar de mala gana, la prosa de aquel hijo  
Y aun así su crítica  
Le hacía respirar ampliamente en los piélagos de la mañana helada  
Y aunque no hablara nada con su madre  
Aún seguía esperando a los señores de negro  
Alquilados para siempre en la rutina  
De la cocina o el living  
O en el aletear de los murciélagos en el desván.

Ya no queda un trabajo ni un jefe  
Solo cuidar de la tos y las crisis, aquel el último amor de Kafka  
La actriz desde los escenarios de Moscú, en las salas de Alemania;  
Ahora en este invierno, desde el aguaviento de cualquier lugar  
Hasta esta tumba  
En la United Synagogue Cemetery de Marlowe Road, en East Ham,  
Cuando nos apoderamos de la calina  
“Sólo quien conoce a Dora sabe lo que es el amor”  
Lo escribió Robert Klopstock  
Cuando nos asaltan las fiebres de Inglaterra  
Fumando cigarrillos de contrabando;  
Cuando nada queda eximido para apoderarse de los días  
En que un cirio se apodera de las catedrales  
Y todo se inflama como en la memoria de los cuervos,  
Esos chirridos que corresponden al vecindario y la belleza  
De retener la palabra lejanía en un mantel  
Puesto para el ofertorio de la tarde, así acabando  
Con el silencio del silbato y la marmaja  
Ahora que estoy aquí correspondiendo con una rosa  
Al cuerpo, este último testimonio que se puede amar  
Ante la negativa de los padres  
Volviendo una y otra vez hasta el cementerio de Praga  
Donde descansan los judíos muertos en la guerra,  
De algún cansancio espectral, de una batida en el holocausto  
O de pulmones agotados por la tisis,  
Esa expectoración cacofónica  
Que persigue a Dora Diamant,  
Gozando de cada día junto a él más que su obra  
Y terminar en aquel acertijo de Kafka,  
Cuando lo vio toser  
Por última vez.

## DORA DIAMANT

*Só quem conhece a Dora sabe o que é o amor.*

ROBERT KLOSPTOCK

Tudo havia sido adiado – desde aquela fuga e aquela longa  
peregrinação –  
Até a prisão com a filha na Ilha de Man, por ser uma “inimiga  
estrangeira”  
E por fazer estranhas coalizões com o fogo. Ela também se aliou ao  
mar,  
Certa vez em um balneário conheceu um escritor.  
Franz Kafka tinha visto com outros olhos  
Seu medo de segurar o maiô repetidas vezes – a praia – estava repleta  
De moradores e turistas e já estava nessa busca  
Da frase lendária ou dos últimos parágrafos  
Para terminar o trabalho,  
Sempre sombrio  
Sempre insatisfeito,  
Diante de sua máquina de escrever e diante dos amores inacabados  
Que outrora povoaram as ilhas de Deus  
Na deriva das páginas.  
Ele certamente a encontrou na “ignóbil tarefa” de escamar peixes,  
“Mãos tão delicadas para um comércio tão cruel”  
E os dois riram e foram passear ao pôr do sol.  
Essa Dora Diamant contou que tinha outro pai  
Dentro do pai de Kafka  
Que se refugiou atrás de sua mesa de negociações  
Para ouvir com relutância a prosa daquele filho  
E também a sua crítica  
Isso o fez respirar fundo nos mares da manhã gelada  
E mesmo que não falasse com sua mãe  
Ainda estava esperando pelos cavalheiros de preto  
Alugados para sempre na rotina  
Da cozinha ou sala



Ou no esvoaçar dos morcegos no sótão.  
Não havia mais emprego ou patrão  
Apenas cuidar de tosses e crises, esse último amor de Kafka  
A atriz dos palcos de Moscou, nas salas da Alemanha;  
Agora neste inverno, do granizo de qualquer lugar  
Até esta sepultura  
No United Synagogue Cemetery em Marlowe Road em East Ham,  
Quando assumimos a névoa  
“Só quem conhece a Dora sabe o que é o amor”  
Escreveu Robert Klopstock  
Quando as febres da Inglaterra nos atacam  
Fumando cigarros contrabandeados;  
Quando nada está isento de aproveitar os dias  
Em que uma vela toma conta das catedrais  
E tudo se inflama como na memória dos corvos,  
Aqueles guinchos que correspondem à vizinhança e à beleza  
Para reter a palavra distância em uma toalha de mesa  
Posta para o ofertório da tarde, encerrando assim  
Com o silêncio do apito e de algum trocado  
Agora que estou aqui correspondendo uma rosa  
Ao corpo, este último testemunho de que se pode amar  
Dada a recusa dos pais  
Voltando várias vezes ao cemitério de Praga  
Onde descansam os judeus mortos na guerra,  
De algum cansaço espectral, de uma caçada no holocausto  
Ou pulmões esgotados pela tísica,  
Aquele expectoração cacofônica  
Que persegue Dora Diamant,  
Aproveitando cada dia a seu lado mais do que seu trabalho  
E terminar naquele enigma de Kafka,  
Quando o viu tossir  
Pela última vez.

## LOS TRES HERMANOS Y EL MAR

(1903)

Hay una distancia que no ha podido definir el mar.  
Hay un testamento que no se invoca en las maneras del agua.  
El mar de mis antepasados no es el mismo mar para mí,  
Allá atrás se quedaron sus pertenencias y sus recuerdos  
En la niebla profunda. Nadie podrá invocar las carpas  
Y la escalera donde se amontonaron sus pies  
En esa marcha por conquistar el cielo de las águilas reales.

Mi familia reposa en una roca familiar, en una roca de gritos  
Donde todos invocamos un cielo de mirra  
Y una ejecutoria melodiosa para el laúd y el tamboril.  
Se ha secado para siempre el arbolillo de laurel.

No conozco otra música que el canto de mi hermana Leilah  
Sobre el sueño, dentro del tintero de un poeta.  
Su voz es una metáfora y un perfume de sonidos.  
Su canto en el bosque y en los desiertos es como una yunta  
De descendientes que se encuentran entre las palabras justas  
Y en las imágenes de una justicia prometida.  
En el mar, ella se mareaba y cantaba por nuestros muertos.  
En Brasil se quedó y ya no hubo miel  
Para mi hermano y para mí, en la centuria.  
Me escribí con Leilah varias veces, pero al morir, quemaron las cartas.  
Mi hija Lucila pensaba que en la carta desfilaban culebritas  
En vez de los caracteres en árabe clásico.  
Ahora escribo sobre ella, una guirnalda de flores.

Mi otro hermano, el único que queda, se bajó en tierra colombiana.  
Allí despertó el inicio del Amazonas y el instante de las grullas.  
Yo lo recuerdo como un monarca pensativo,  
Como un manajo de llaves en cada puerta de la selva  
Donde de su cuello podían colgar los tucanes y las jerarquías del color.

Melquisedec se fue en una cabalgata de visires,  
Su manto blanco se adentró ¿en un río? ¿en una voz?  
¿en un desierto? No lo sé. Yo invoqué para mí  
El nombre de otra tierra. Muy cerca de allí, El Canal de Panamá  
Empezaba a zigzaguear como una sierpe  
Bajo la flauta de un encantador de reptiles  
Sin que la muerte fuese un veneno en las comisuras  
De una travesía.

Me bajé del barco con toda la humanidad que me quedaba.  
Al pisar aquella luz, aquel barro encarnizado,  
Me quedé vacilando entre la hierba  
Y entre la luz solar.  
Dentro de mí, cantaba una turba de grillos.

## OS TRÊS IRMÃOS E O MAR

(1903)

Há uma distância que o mar não conseguiu definir.  
Existe um testamento que não é invocado nos caminhos da água.  
O mar dos meus antepassados não é o mesmo mar para mim,  
Lá atrás estavam seus pertences e suas memórias  
Na névoa profunda. Ninguém poderá convocar as tendas  
E a escada onde seus pés se acumularam  
Nessa marcha para conquistar o céu das águias douradas.

Minha família descansa em uma rocha familiar, em uma rocha gritante  
Onde todos nós invocamos um céu de mirra  
E uma execução melodiosa para o alaúde e o tambor.  
A muda de louro murchou para sempre.

Não conheço outra música senão a cantoria da minha irmã Leilah  
Sobre o sonho, dentro do tinteiro de um poeta.  
Sua voz é uma metáfora e um perfume de sons.  
Sua música na floresta e nos desertos é como uma junta  
De descendentes que estão entre as palavras justas  
E nas imagens de uma justiça prometida.  
No mar, ela ficou tonta e cantou pelos nossos mortos.  
No Brasil ficou e não teve mel  
Para meu irmão e para mim, no século.  
Eu me correspondi com Leilah várias vezes, mas quando ela morreu, as  
cartas foram queimadas.  
Minha filha Lucila pensava que cobrinhas desfilavam na carta  
Em vez dos caracteres árabes clássicos.  
Agora escrevo sobre ela, uma guirlanda de flores.

Meu outro irmão, o único que restou, desembarcou em solo  
colombiano.  
Ali despertou o início do Amazonas e o instante das garças.  
Lembro-me dele como um monarca pensativo,

Como um molho de chaves em cada portão da selva  
Onde de seu pescoço poderiam pender os tucanos e as hierarquias da  
cor.

Melquisedec partiu em uma cavalgada de vizires,  
Sua capa branca caiu em um rio? Em uma só voz?  
Em um deserto? Não sei. Invoquei para mim  
O nome de outra terra. Bem pertinho dali o Canal do Panamá  
Começou a ziguezaguear como uma cobra  
Sob a flauta de um encantador de répteis  
Sem que a morte seja um veneno nas esquinas  
De uma viagem.

Desci do barco com toda a humanidade que me restava.  
Pisando aquela luz, aquela lama sangrenta,  
Eu estava hesitando entre a grama  
E a luz do sol.  
Dentro de mim, uma multidão de grilos cantava.

## EL CANTO DE LA HERMANA

*Ven del Líbano, ...,  
ven del Líbano, ven.  
Tendrás por corona la cima de los montes,  
la alta cumbre del Hermón.*

Cantar de los Cantares

Lejos estamos de la cumbre del Hermón.  
El canto de mi hermana atravesó el arco de piedra.  
Se hizo invisible y abstracto  
Hasta que lo pude palpar en otra tierra,  
En otro mar.

Es su voz  
El arbitrio de una lámpara

En nuestra aldea irradió con todas las flores  
Con todas las rosas petrificadas del desierto.

En mi mano se pulverizó su cántico,  
Su alabanza.

Me comí todo el polvo  
De la roca de gritos.

Mi hermana siguió cantando a su Dios,  
A su familia,  
A su esperanza.

Yo me quedé sin su canto.

Hermana, ven, ven de El Líbano  
Tuyas serán las cimas de estas montañas

Americanas,  
Tropicales.  
Lejos estamos de la cumbre del Hermón.

## A CANÇÃO DA IRMÃ

*Venha do Líbano, ...,  
Venha do Líbano, venha.  
Terás o cume das montanhas por coroa,  
o alto cume do Hérmon.*

Cântico dos cânticos

Estamos longe do cume do Hérmon.  
O canto de minha irmã perfurou o arco de pedra.  
Tornou-se invisível e abstrato  
Até que eu pudesse senti-lo em outra terra,  
Em outro mar.

A sua voz  
É o capricho de uma lâmpada.

Em nossa aldeia irradiava com todas as flores  
Com todas as rosas petrificadas do deserto.

Em minha mão sua canção foi pulverizada,  
Seu elogio.

Eu comi todo o pó  
Da rocha gritante.

Minha irmã continuou cantando para seu Deus,  
Sua família,  
Sua esperança.

Eu corri para fora de seu canto.

Irmã, venha, venha do Líbano  
Serão teusos topos dessas montanhas



Americanas,  
Tropicais.  
Estamos longe do cume do Hérmon.

## RONDA PARA UN NIÑO SÍNDROME DE DOWN

*A Dagoberto Carrizo Cedeño, a mi madre Janeth Díaz,  
A mis tíos Carmen y Yin, a madrina Lucy y a Kenia y a Judith*

Todos los días vuelvo a aquel niño  
Detenido en el tiempo. Cuida de las constelaciones  
Como si el polvo lunar estallara en nuestras conciencias.  
Su fragilidad vuelve a repetirse cuando terciábamos en el horizonte  
Una llamada de la lluvia  
y era la nostalgia,  
el pasaporte más inmediato.

Nunca atrapó un pájaro  
Más los pájaros lo convocaron a que ejecutara el acordeón como si  
fuese un aleteo.  
Fue único y plausible como una lágrima, como una vuelta a casa.  
Dago vino con sus ojos rasgados a escudriñar el viento.  
Veía el sol declinar hasta su frente en los atardeceres de una hamaca.  
Lo arrullaron desde niño con todas las canciones del corotú llorón.  
Reía solo acunando panes y festines de alegría.  
A todos nos llamaba con otros nombres; Angái, Yaya, Bibí, Cacá,  
Umbú, Inguín, Inguíta.  
¿Cómo llamarte con tu propio nombre en tu lenguaje mismo?  
¿Cómo descifrar aquellos temblores risorios o esos sueños  
De manito ocueño que habitaron tus días?  
Pero te has ido. Un niño síndrome de Down ha muerto.  
Hay gaviotas en torno al niño que jugaba con la hierba y traducía la  
página de escarcha.  
La música de las cigarras se ha apagado  
En el crepúsculo. Ya los pinos hablan de otros juegos.  
Los niños síndrome de Down tienen una ronda  
Para descifrar el mundo, la aurora entre los bosques,  
Un manojo de olas hasta encontrar la ternura  
En la dulcedumbre de una madre, en la entrega filial de una maestra.  
Del sur del arcoiris trajo sus gestos para crear un código idiomático:

Los dedos doblando hacia la boca para describir el hambre,  
Un solo dedo enroscado para saborear  
La montura de un helado,  
Un soplo sobre el cuenco de la mano para proclamar la vaharada del  
café;  
En sus labios fluía claramente la clave polimórfica del agua:  
– *Ía iaguaa*.  
Ahora, hay Dago en este poema, un vaso rebosado para calmar tu sed.

## RONDA PARA UMA CRIANÇA COM SÍNDROME DE DOWN

*A Dagoberto Carrizo Cedeño, a minha mãe Janeth Díaz,  
Aos meus tios Carmen e Yin, madrinha Lucy e Kenia e Judith*

Todos os dias eu volto para aquela criança  
Parada no tempo. Cuida das constelações  
Como se a poeira lunar explodisse em nossas consciências.  
Sua fragilidade se repete quando mediávamos no horizonte  
Um chamado da chuva  
E era saudade  
O passaporte mais imediato.  
Jamais pegou um pássaro  
Os pássaros o convocavam para tocar sanfona como se fosse uma  
palpitação.  
Foi único e plausível como uma lágrima, como uma volta para casa.  
Dago veio com os olhos puxados para perscrutar o vento.  
De uma rede ele viu o sol cair em sua testa no pôr do sol.  
Embalaram-no para dormir desde criança com todas as cantigas do  
corotú choroso.  
Ria sozinho embalando pães e banquetes de alegria.  
A todos nos chamava por outros nomes; Angái, Yaya, Bibí, Cacá,  
Umbú, Inguín, Inguita.  
Como chamar a si mesmo com seu próprio nome em seu próprio  
idioma?  
Como decifrar aqueles tremores risonhos ou aqueles sonhos  
De mãozinha ou sonho que habitava seus dias?  
Porém foste embora. Uma criança com síndrome de Down morreu.  
Há gaivotas em volta do menino que brincou com a grama e traduziu a  
página da geada.  
A música das cigarras desapareceu  
No crepúsculo. Os pinheiros já falam de outros jogos.  
Crianças com síndrome de Down têm uma ronda  
Para decifrar o mundo, a aurora entre as matas,  
Um monte de ondas até encontrar ternura

Na doçura da mãe, na entrega filial da professora.  
Do sul do arco-íris ele trouxe seus gestos para criar um código  
  idiomático:  
Dedos dobrados em direção à boca para descrever a fome,  
Um único dedo enrolado para saborear  
A moldura de um sorvete,  
Um sopro na concha da mão para comprovar o mau-hálito do café;  
Em seus lábios corria nitidamente a chave polimórfica da água:  
– *Ía iaguaa*.  
Agora, há Dago neste poema, um copo transbordando para saciar sua  
  sede.

## EL VINO

Fue el vino el prelude al desvestirte  
Cuando llegamos a la cabaña  
Para entronizar el fuego.  
Todo fue reconstruyéndose con palabras  
Añejadas en los astros,  
Una vía láctea en el lecho y las saudades  
Como si nos anudáramos y destrenzáramos  
En la parra de las uvas,  
Aquellas esferas traslúcidas que mordimos  
Como la única vendimia  
Del amor  
Y de la carne  
Cuando el sol en los viñedos  
Fuera ese lenguaje de la creación que iría a nuestras manos,  
Al lagar  
    Y a nuestras bocas,  
Con esa vehemencia de asir  
El tallo de las orquídeas  
Y despetalarnos  
Con el universo girando con su música,  
Sin nuestros vahos en los espejos,  
Sin nuestra lluvia lunar,  
Sin nuestra ropa.

Volvemos a erotizarnos con esta bebida  
Concebida en los Montes Zagros  
Donde cae sacra la nieve;  
Aromatizada con terebinto o cornicabra  
Y que hoy se agita dentro de una copa de cristal bruñido  
Y que hace descorchar a las botellas  
Acariciadas del deseo.

Desde un tonel escuchamos  
El vértigo de la divinidad y así va a tus labios

Que luego catarán mi lengua en los solsticios  
Siendo el libente, el sommelier,  
El abstemio y el dipsómano de todo lo que en tu cuerpo ocurre  
Como una cava;  
Recordando esa pacífica y energúmena copa de vino,  
Que fue más que el acorde inmemorial de nuestra noche;  
Ese magnífico prelude amorio al desvestirte.

## O VINHO

O vinho foi o prelúdio enquanto eu te despia  
Quando chegamos na cabana  
Para entronizar o fogo.  
Tudo foi reconstruído com palavras  
Envelhecidas nas estrelas,  
Uma via láctea na cama e as saudades  
Como se estivéssemos atados e destorcidos  
Na videira,  
Essas esferas translúcidas que mordemos  
Como a única safra  
Do amor  
E da carne  
Quando o sol nas vinhas  
Fosse essa linguagem da criação que iria às nossas mãos,  
À adega  
E a nossas bocas  
Com aquela veemência de agarrar  
Caule de orquídea  
E nos despetalarmos  
Com o universo girando com sua música,  
Sem nossos vapores nos espelhos,  
Sem nossa chuva lunar,  
Sem nossas roupas.

Voltamos a nos erotizar com essa bebida  
Concebida nas montanhas de Zagros  
Onde a neve cai sagrada;  
Aromatizada com Terebinto ou Cornicabra  
E que hoje se mexe dentro de um copo de vidro polido  
E que tiram a rolha das garrafas  
Acariciadas do desejo.

De um barril ouvimos  
A vertigem da divindade e assim vai aos seus lábios



Que logo buscarão a minha língua nos solstícios  
Seja o amador, o sommelier,  
O abstêmio e o dipsomaniaco de tudo o que em teu corpo ocorre  
Como uma adega;  
Relembrando aquele copo de vinho tranquilo e enérgico,  
Que era mais do que o acorde imemorial de nossa noite;  
Aquele magnífico prelúdio amatório ao te despir.

## CARTA DE HIELO A ANAHÍ LAZZARONI HASTA EL FIN DEL MUNDO

*Algunos poetas me escriben cartas  
donde me cuentan que deliran por el lejano sur.*

A. L.

En Ushuaia hay una montaña circulizada por la nieve  
Los hombres no se atreven a escalarla pues dicen que allí termina  
La fragata de los aires.  
Algunas flores son raptadas  
Para mantener el secreto del fruto.  
Por las tardes, como si alguna mujer  
Se sentara en la escarpada cima, caen copos  
Como soplados de un diente de león. Fulguran presencias en el vacío,  
Descienden celulares dioses desde el peso  
De una torre  
Que se desmorona a gran altura. También hay un oso  
Que se pone a rugir para cazar peces en el cenit  
Y allí se encuentran entonces la gravedad de un llamado,  
El eclipse de las tundras  
Y las constelaciones agrupadas en fila por la costa.

Siempre hemos escuchado reseñas sobre el final.  
Desde niños las lecturas de la Biblia y el granizo cayendo sobre  
nuestros actos  
O también la pesa de oro egipcio donde el corazón y una pluma  
versifican el juicio en medio de las claridades.  
No imaginé que ese fin pudiese llegar a mí a través de una corriente  
helada,  
El aguaviento batiendo las colas de las fieras  
Y colocando un molino de ágatas en los dientes de los castores  
O a través de la imagen de un trineo por la calle

Guiando a una poeta a un recital con el cosmos, aquí en la ciudad más  
austral del orbe, donde el tiempo es un gran barco  
Y quizás nosotros esos pequeños botes salvavidas que seremos  
succionados a su adentro.  
Hasta aquí entonces una alegórica visión del mar, olas que huyen y  
regresan hacia la natalidad de la sangre,  
Madres que buscan desesperadamente las islas del Atlántico.  
Esta es Ushuaia con sus habitantes, sus turistas y sus mercaderes  
enmarañados al caos.  
Entonces en una pequeña casa me detengo, ahí regurgita y silabea  
El fuego de los hielos  
Ahí contemplo a Anahí Lazzaroni en su casa de paridades claveteadas  
Escribiendo junto a la imaginaria chimenea como un personaje  
atemporal,  
Siempre tallando el papel  
Como si fuese una madera, una costura, una armadura de pájaros.  
Que regresarán y emigrarán a la aurora de las ramas.  
Su pequeñez es solo el símbolo de un bisbiseo  
Que puede originar una avalancha,  
Una referencia epistolar  
Para delirar con el fin del mundo  
Y con su poesía de fulgurantes témpanos, allá en el Cono Sur.

CARTA DE GELO PARA ANAHÍ LAZZARONI ATÉ O FIM DO  
MUNDO

*Alguns poetas me escrevem cartas  
onde me contam que deliram pelo extremo sul.*

A. L.

Em Ushuaia existe uma montanha rodeada de neve  
Os homens não se atrevem a escalá-la porque dizem que ali acaba  
A fragata dos ares.  
Algumas flores são sequestradas  
Para manter o segredo da fruta.  
Nas tardes, como se uma mulher  
Viesse sentar-se no topo íngreme, os flocos caem  
Como se fossem soprados de um dente-de-leão. Presenças brilham no  
vazio,  
Deuses celulares descem do peso  
De uma torre  
Que desmorona de grande altura. Também há um urso  
Que ruga para caçar peixes no zênite  
E ali se encontram a gravidade de um chamado,  
O eclipse da tundra  
E as constelações agrupadas em fila ao longo da costa.

Sempre ouvimos comentários sobre o fim.  
Desde crianças, as leituras da Bíblia e o granizo caindo em nossas  
ações  
Ou também o peso de ouro egípcio onde o coração e uma pena  
versificam o juízo em plena luz.  
Não imaginei que esse fim pudesse chegar a mim através de um riacho  
gelado,  
A rajada chicoteando as caudas das feras  
E colocando um moinho de ágata nos dentes dos castores  
Ou através da imagem de um trenó na rua

Guiando um poeta a um recital com o cosmos, aqui na cidade mais  
austral do mundo, onde o tempo é um grande navio  
E talvez nós, aqueles pequenos botes salva-vidas que serão sugados  
para dentro dele.  
Até agora uma visão alegórica do mar, ondas que fogem e voltam para  
o nascimento do sangue,  
Mães que procuram desesperadamente as ilhas do Atlântico.  
Assim é Ushuaia com seus habitantes, seus turistas e seus  
comerciantes enredados no caos.  
Então em uma casinha eu me detenho, nela regurgita e soletra  
O fogo dos gelos  
Ali contemplo Anahí Lazzaroni em sua casa de paridades cravejadas  
Escrevendo junto à lareira imaginária como um personagem  
intemporal,  
Sempre entalhando o papel  
Como se fosse uma madeira, uma costura, uma armadura de pássaros.  
Que voltarão e migrarão para o alvorecer dos galhos.  
Sua pequenez é apenas o símbolo de um sussurro  
Que pode causar uma avalanche  
Uma referência epistolar  
Para delirar com o fim do mundo  
E com sua poesia de icebergs reluzentes, lá no Cone Sul.

TOMAS TRANSTÖMER

*Nuestras voces secas...  
Son calladas y sin sentido.*

T. S. ELIOT

Un poeta, sentado ante nosotros, escribiendo, sin habla.  
Parte en cualquier tren  
O en cualquier chalupa ante la música inoxidable de los instrumentos  
de viento o de cuerda.  
El cielo en espejismo trastorna su curso.  
Suecia se invade de islas cubiertas de nieve, de estridencias donde  
somos el centro del silencio  
O del asombro,  
De gestos que no pueden eternizar las máscaras ni las muecas  
humanas.  
Un poema y la ansiedad de escribir incendian la mesa, desbordan el  
vaso  
Y las páginas del maravilloso viaje de Nils Holgersson y el enigma del  
paisaje,  
Pellizcan suavemente tus párpados para que atraveses la vasta  
frontera  
De un vivo y de un muerto, identificándose, donde llegarás junto a los  
corzos,  
Junto a las palabras genuinas, lejos de personas huecas, exacerbadas  
de palabras y no de lenguaje.  
Afuera la nevada comienza y esperamos las escalas de nuestras vidas  
en algún aeropuerto.

TOMAS TRANSTÖMER

*Nossas vozes secas...  
São caladas e sem sentido.*

T. S. ELIOT

Um poeta, sentado diante de nós, escrevendo, sem palavras.  
Parte em qualquer trem  
Ou em qualquer bote diante da música imaculada de instrumentos de  
sopro ou cordas.  
O céu como uma miragem muda seu curso.  
A Suécia é invadida por ilhas cobertas de neve, pela estridência onde  
somos o centro do silêncio  
Ou do assombro,  
De gestos que nem os esgares humanos ou as máscaras podem  
perpetuar.  
Um poema e a ansiedade de escrever incendeiam a mesa,  
transbordando o vidro  
E as páginas da maravilhosa jornada de Nils Holgersson e o enigma da  
paisagem,  
Beliscam suavemente tuas pálpebras para que cruces a vasta fronteira  
De um vivo e de um morto, identificando-se, onde chegarás  
juntamente com o corço,  
Junto com palavras genuínas, longe de pessoas ocas, exacerbadas  
pelas palavras e não pela linguagem.  
Lá fora começa a nevar e esperamos as escalas de nossas vidas em  
algum aeroporto.

## UN CANGREJO CARIBEÑO PARA JESUS COS CAUSSE

*A Waldo Leyva y a Margarita Sánchez Gallinal*

*Desde la borrasca  
Un cangrejo mitológico  
Está preguntando por ti.*

JESÚS COS CAUSSE

Camino esta vez en el reverso, sin tocar el negativo.  
Palpo las calles de Santiago, el borde longevo de sus piedras.  
Hay una estación para derrumbar el rocío, para tramar  
Esa muerte prematura del mango, todos los tambores de tu poesía,  
El hambre de los perros que nos aguardan  
Y esa figura de Quijote bruno, buscando algo irreal  
En la racionalidad de las ciudades, donde los taínos vociferan niebla  
Donde los negros arremeten contra la niebla  
Donde los blancos acuden al esplendor de la caña y beben un guarapo  
de niebla  
Donde los mulatos retoman la danza del cangrejo entre la niebla  
Y vas conjurando al ron en la esplendidez del vaso (los muertos beben  
solos)  
Pero dentro de ese vaso se asilaba un cangrejo caribeño  
Un cangrejo caribeño  
Que se levanta desde la borrasca  
Y pregunta por ti.  
Porque todos tuvimos un cangrejito  
Como el del pañuelo en el poema de la madre de Lezama, porque el  
verano  
Goteó sobre nosotros invocando aquellas estrofas lastimeras, aquella  
mentalidad  
Como un refugio para desnudar a las saudades.  
  
Como la marcha del oro en el tiempo,



Tú incendias esos barcos negreros  
Que se atan desde la puericia  
Desde los muelles  
Donde se velan las mercancías con su verdad fantasmagórica.

Ese cangrejo cabecea  
Vacila  
Y sigue preguntando por ti.

Se alza esta vez desde el arenal  
Y desde las playas de Santiago  
Va hasta tu cuerpo  
Hasta tus ojos  
Hasta el colmenar de la ventana  
En busca de ese mar, de ese río  
De ese afluente  
Que estalla como un sendero  
Como una llama en el velador  
Como las arboladuras que nos persiguen  
En el coloquio de la araña  
En páramo y una súplica serán la mejor estampida  
Recreada por la ola o por el anciano que sueña  
Con los leones marinos y sigue fumando interminablemente  
Hasta que toda la isla  
Desaparece en el aletear de su cachimba.

Café y ron  
Y un hacedor del arpa  
Que bosteza.  
Tratamos de ser razonables en aquella toma del fruto original,  
La materia que cae como la baba del día, como si nos sorprendiera  
La aurora en sus juguetes,  
Y nos aguarda el agua, el desván de invierno  
Y alguna verdad en sus pocilgas  
¿A dónde te vas con el susurro  
Con el vértigo

Y sus incontables marineros?

Ahora me devuelvo  
Y miro el agua  
Y hundo la mano en tu recuerdo  
Como ese asedio del espejo por todas partes.

Hay un negro ¿Mackandal? agitando sus cadenas rotas  
Y un coro de cangrejos ciegos,  
Picotea las flores  
De la infancia;  
Pero tú eres ese tallo  
Que los crustáceos no pueden tenacear,  
Pero tu cangrejito caribeño toma ron  
Y desde la borrasca  
Y desde la borrasca  
Y desde la borrasca  
Sigue preguntando por ti.

## UM CARANGUEJO CARIBENHO PARA JESUS COS CAUSSE

*Para Waldo Leyva e Margarita Sánchez Gallinal*

*Da tempestade  
um caranguejo mitológico  
indaga por ti.*

JESUS COS CAUSSE

Caminho desta vez ao contrário, sem tocar o negativo.  
Apalpo as ruas de Santiago, a borda longeva de suas pedras.  
Há uma estação para derrubar o orvalho, para traçar  
Essa morte prematura da manga, todos os tambores de tua poesia,  
A fome dos cães que nos esperam  
E aquela figura do Quixote negro, procurando algo irreal  
Na racionalidade das cidades, onde os tainos gritam névoa  
Onde os negros atacam a névoa  
Onde os brancos chegam ao esplendor da cana e bebem uma garapa de  
névoa  
Onde os mulatos retomam a dança do caranguejo na névoa  
E vais conjurando o rum no esplendor do copo (os mortos bebem  
sozinhos)  
Mas dentro daquele vidro um caranguejo caribenho foi isolado  
Um caranguejo caribenho  
Que se ergue na tempestade  
E indaga por ti.  
Porque todos nós tivemos um pequeno caranguejo  
Como o do lenço no poema da mãe de Lezama, porque o verão  
Escorria sobre nós invocando aqueles versos melancólicos, aquela  
mentalidade  
Como um refúgio para despir as saudades.  
  
Como a marcha do ouro no tempo,  
Incendeias esses navios negreiros

Que são atados desde a infância  
Desde as docas  
Onde as mercadorias são veladas com sua verdade fantasmagórica.

Aquele caranguejo acena  
Vacila  
E segue indagando por ti.

Ele sobe desta vez desde o areal  
E das praias de Santiago  
Até o teu corpo  
Os teus olhos  
Até o apiário da janela  
Em busca desse mar, desse rio  
Desse afluente  
Que explode como uma trilha  
Como uma chama na mesa de cabeceira  
Como os mastros que nos perseguem  
No colóquio da aranha  
Em pântano e pranto serão a melhor debandada  
Recriada pela onda ou pelo velho que sonha  
Com os leões marinhos e segue fumando interminavelmente  
Até que toda a ilha  
Desaparece na agitação de seu narguilé.

Café e rum  
E um fabricante de harpa  
Que boceja  
Tentamos ser razoáveis nessa tomada do fruto original,  
A matéria que cai como a baba do dia, como se nos surpreendesse  
A aurora em seus brinquedos,  
E a água nos espera, o sótão do inverno  
E alguma verdade em seu chiqueiro  
Até onde vais com o sussurro  
Com a vertigem  
E seus incontáveis marujos?

Agora estou voltando  
E olho para a água  
E mergulho a mão em tua memória  
Como aquele cerco do espelho por todas as partes.

Há um negro Mackandal agitando suas correntes partidas  
E um coro de caranguejos cegos,  
Picota as flores  
Da Infância;  
Porém tu és esse talo  
Que os crustáceos não conseguem quebrar,  
Teu pequeno caranguejo caribenho bebe rum  
E desde a tempestade  
E desde a tempestade  
E desde a tempestade  
Segue indagando por ti.

## JACULATORIA POR UN CABALLO

*Caballos que la lluvia ciñe  
de llaves breves*

JOSÉ LEZAMA LIMA

Hay un caballo que me mira desde el fondo traslúcido  
De un campo,  
Lo he venido a hallar en esta pradera  
Donde revientan las acacias,  
Tiene un solo ojo, pues el otro ha conocido el odio  
De la piedra, sus cascos no conocen el lanzamiento  
Del rencor hacia el centro del iris, sus pezuñas  
Se disponen a orquestar el trueno  
Y el nimbo de la música, en sus entrañas  
No se esconde una legión para sitiar a Troya;  
Yergue su cuello blanco y majestuoso  
Como un chorro de agua dulce perseguido por el ímpetu.  
Es algo viejo y tiene la piel eterna de las nieves  
Cuando trota se esparcen pétalos de jaspe  
Y una soga lo detiene en su caminata hacia el crepúsculo.  
¿Quién ató la soga? ¿Quién lo abandonó  
En medio de las jaculatorias del verano?  
Le doy agua y se traga el tropo, la metáfora interna;  
Aún recuerdo  
Cuando sobre su lomo  
Se posaron los novios del matrimonio campesino  
Sabía reconocer el amor del hombre a la mujer  
Y el perfume de la mujer que se ama  
En la devastación de las auroras  
Y que revienta desde sus orejas hasta la fibra  
Sanguínea de sus crines;  
Ahora yace abandonado bajo el sol  
Como el recuerdo de un amor primigenio que se condensa

Con el polvo.  
Ya ninguna pareja querrá pasear  
Sobre el alazán tuerto. Ahora rumia cada palabra  
De mi escritura y de mi contemplación.  
Es el caballo que ha cumplido  
Su propósito  
Su cascabelear de memorables lluvias,  
De imperecederas llaves  
Y que siga viendo en su único ojo  
El resoplar de su orfandad,  
Su casi humana *caballía*,  
La cabalgata  
    Sin fin  
        De la belleza.

## ORAÇÃO POR UM CAVALO

*Cavalos que a chuva cinge  
de chaves curtas*

JOSÉ LEZAMA LIMA

Há um cavalo que me olha do fundo translúcido  
De um campo,  
Eu vim para encontrá-lo nesta pradaria  
Onde rebentam as acácias,  
Ele só tem um olho, pois o outro conheceu o ódio  
Da pedra, seus cascos não conhecem o disparo  
Do rancor em direção ao centro da íris, suas patas  
Se prepararam para orquestrar o trovão  
E o nimbo da música, em suas entranhas  
Não se esconde uma legião para sitiá-lo Tróia;  
Ergue seu pescoço branco e majestoso  
Como uma corrente de água doce perseguida pelo impulso.  
É um pouco velho e tem a pele eterna das neves  
Quando trota ele espalha as pétalas de jaspe  
E uma corda o detém em sua caminhada rumo ao crepúsculo.  
Quem amarrou a corda? Quem o abandonou  
No meio das orações do verão?  
Dou-lhe água e ele engole o tropo, a metáfora interna;  
Ainda recordo  
Quando em seu dorso  
Posaram os noivos do casamento camponês  
Ele sabia reconhecer o amor do homem pela mulher  
E o perfume da mulher amada  
Na devastação das madrugadas  
E que rebenta de suas orelhas para a fibra  
Sanguínea de suas crinas;  
Agora jaz abandonado ao sol  
Como a memória de um amor primitivo que se condensa



Com a poeira.  
Nenhum casal vai querer passear  
No alazão caolho. Agora rumina cada palavra  
De minha escrita e de minha contemplação.  
É o cavalo que cumpriu  
Seu propósito  
Seu chocalho de chuvas memoráveis,  
De chaves imperecíveis  
E que continua vendo com seu único olho  
O sopro de sua orfandade,  
Seu quase humano *cavalismo*,  
A cavalgada  
    Sem fim  
        Da beleza.

## EL PESCADOR DE PERLAS

*con un verso y una perla  
y una pluma y una flor.*

RUBÉN DARÍO

Un negro esclavo de la Colonia  
Buceaba en el fondo del Archipiélago  
No llevaba el aire en sus branquias como los peces,  
Si no en la boca  
Repleta de fabulaciones. Sus ancestros solían estar  
Por las vastas praderas de África cazando bestias para atesorar carne,  
(Vestigio también de depredadores);  
Cantando entre los baobabs y tejiendo cestas para la recolección de  
los frutos.

En el Istmo le colgaba un grillete y aun así era hábil en la piragua  
Sumergiéndose,  
Y conteniendo en el diafragma los poderes de sus dioses.

Ese día del verano decidió  
Dominar el imperio de las ostras; arrulládoles la canción de cuna  
Que aprendió de su madre cuando la luna maduraba las turquesas de  
su gargantilla  
Y haciéndoles drenar  
Grandes burbujas a la superficie que explotaban los pelícanos  
Y muy al fondo, bramaban y golpeaban las olas  
En la Bahía de Panamá.  
Por encontrar  
Una perla  
Apodada después  
La Peregrina  
(Y así por su trabajo forzado)  
Aquel esclavo

Compró su libertad,  
Deshaciéndose de una gracia  
Concedida por el mar  
Y no importando  
Si la joya se engazaría luego  
En joyeles  
Y tiaras reales  
Más significaba  
Su caminar liberto  
Entre las mariposas del orbe.

## O PESCADOR DE PÉROLAS

*com um verso e uma pérola  
e uma pena e uma flor.*

RUBÉN DARÍO

Um escravo negro da Colônia  
Mergulhava no fundo do Arquipélago  
Não levava ar em suas guelras como os peixes,  
Ou mesmo na boca  
Repleta de fábulas. Seus ancestrais costumavam estar  
Nas vastas pastagens da África, caçando animais para acumular carne,  
(Também vestígio de predadores);  
Cantando entre os baobás e tecendo cestos para recolher os frutos.

No istmo pendia de uma argola e mesmo assim era habilidoso na  
canoa  
Mergulhando,  
E contendo no diafragma os poderes de seus deuses.

Naquele dia de verão decidiu  
Dominar o império das ostras; embalando-as com uma canção de  
ninar  
Que aprendera com sua mãe quando a lua amadurecia o turquesa de  
sua gargantilha  
E fazendo-as drenar  
Grandes bolhas à superfície que os pelicanos explodiram  
E no fundo, as ondas rugiam e batiam  
Na Baía do Panamá.  
Para encontrar  
Uma pérola  
Apelidada depois  
A peregrina  
(E isto por seu trabalho forçado)

Aquele escravo  
Comprou sua liberdade  
Desfazendo-se de uma graça  
Concedida pelo mar

Não lhe importando  
Se a joia fosse cravada então  
Em pequenas peças  
E tiaras reais  
Mais significava  
Sua caminhada livre  
Entre as borboletas do orbe.

## CHOFERES DE TAXI

*Lector del mundo y de estos versos,  
...  
encaramándote en todo cuanto viaja,  
en taxi, en días, en negocios, en amores,  
en recuerdos*

JOSÉ DE JESÚS MARTÍNEZ

Por más de cuarenta años, mi padre, fue chofer de taxi.  
Conoció el progreso de las calles y la evolución de las carrocerías  
Y de los caballos de fuerza. Siempre se quejó de la ausencia  
De las yeguas para impulsar la máquina. Fue testigo del cambio  
De las tarifas y del color amarillo final para identificarlos. A veces  
No estaba de acuerdo con el cobro según las zonas. Utilizaba su lógica  
Para mantener la estabilidad del pasajero.

En ese mundo de abstracción  
Con sólo un sexto grado de primaria, fue sociólogo,  
Psicólogo, terapeuta de parejas y paño de lágrimas  
Para relaciones disfuncionales.  
Aprendió a dar consejos  
Durante la noche y la madrugada y en algunos casos  
En la develación del amanecer. La luz de desplomó  
Muchas veces sobre su tablero y dormía poco.

Grandilocuente era su memoria para recordar atajos  
Y referentes en las calles. Más de una vez fue amenazado  
Y lloró de impotencia  
Cuando le colocaron una pistola sobre el cuello  
Por cobrar veinticinco centavos, ante el precio justo.

Difícil profesión la de sortear los destinos de los paseantes;  
Avistar la belleza huidiza de las nubes

Cuando las lluvias nos habitan con otros lenguajes  
Y cuando otras lunas  
Se reflejan sobre las sílabas de un charco.

En cierto orden lógico del día,  
Escuchó puñetazos en su puerta. Eran los vecinos  
Pidiéndole que llevara a una mujer al hospital  
Que necesitaba labor de parto. La llevó ante los gritos de dolor  
Cuando sorpresivamente en el trayecto  
Hubo un golpe seco  
Sobre el suelo del carro. La vida volvió a vociferar con el llanto  
De un niño  
Acompasándole  
El movimiento del volante.

Mi padre, que durante cuarenta años fue chofer de taxi,  
Nunca pudo saber  
El precio  
A cobrar  
Por tal carrera;  
La de un recorrido  
Por un nacimiento entre la luz  
Sobre una carretera del mundo.

## TAXISTAS

*Leitor do mundo e destes versos,  
...  
lançando-se em tudo que viaja,  
em táxi, em dias, em negócios, em amores,  
em memórias*

JOSÉ DE JESÚS MARTÍNEZ

Por mais de quarenta anos meu pai foi taxista.  
Conheceu o progresso das ruas e a evolução das carrocerias  
E dos cavalos de força. Ele sempre reclamou da ausência  
Das éguas para impulsionar a máquina. Acompanhou a mudança  
Das tarifas e da cor amarela final para identificá-las. Às vezes  
Não concordava com a cobrança de acordo com as zonas. Utilizava  
sua lógica  
Para manter a estabilidade do passageiro.

Nesse mundo de abstração  
Com apenas a sexta série do ensino fundamental, foi sociólogo,  
Psicólogo, terapeuta de casais e lenço lacrimal  
Para relacionamentos disfuncionais.  
Aprendeu a dar conselhos  
Durante a noite e a madrugada e em alguns casos  
No desvelar da aurora. A luz despencou  
Muitas vezes em sua prancha e dormia pouco.

Grandiloquente era sua memória para lembrar atalhos  
E referências nas ruas. Mais de uma vez ele foi ameaçado  
E chorou impotente  
Quando lhe colocaram uma arma no pescoço  
Para cobrar vinte e cinco centavos, ao invés do preço certo.

Difícil profissão a sua, contornar o destino dos transeuntes;



Avistar a beleza fugidia das nuvens  
Quando as chuvas nos habitam com outras linguagens  
E quando outras luas  
São refletidas nas sílabas de uma poça.

Em certa ordem lógica do dia,  
Escutou batidas em sua porta. Eram os vizinhos  
Pedindo-lhe para levar uma mulher ao hospital  
Que estava em trabalho de parto. Ele a levou com seus gritos de dor  
Quando surpreendentemente a caminho  
Houve um baque  
No chão do carro. A vida voltou a vociferar com o pranto  
De uma criança  
Ao compasso  
Do movimento do volante.

Meu pai, que por quarenta anos foi taxista,  
Nunca poderia saber  
Qual preço  
Cobrar  
Por essa corrida;  
A do percurso  
    Pelo nascimento entre a luz  
        Em uma estrada do mundo.

## EL RASPADERO

*Ama rápido, me dijo el sol.  
Y así aprendí, en su ardiente y perverso reino,  
a cumplir con la vida:  
Yo soy el guardián del hielo.*

JOSÉ WATANABE

El raspadero –sin saberlo– es el guardián del arcoíris sobre el hielo.  
Regala rosas rojas derramadas sobre el cono  
O amaneceres fúlgidos  
Como la yema de un huevo  
O el púrpura de unas uvas  
Cuyo racimo  
Es desprendido por las sacerdotisas de la carne,  
O el grito de los montadores que se saludan desde las arterias del  
calor  
Cuando nos penetra la luz por las membranas de un espejo  
Y los ojos de la piña vienen a recibirnos en las jarcias del sirope  
O el naranja  
Destellando  
Junto al verde de la menta  
Mientras van vociferando las pulpas del tamarindo; así para que vayan  
como una ofrenda a tus labios  
Los sabores  
Naturales  
Y artificiales  
Con la leche condensada del amor  
Junto con la miel de las cañas  
Que se acostaron para ser molidas y acariciadas por tu lengua  
Para degustarte, lambisqueando, mordisqueando  
El sabor y la coloración de las estaciones.  
  
Amala rápido me dijo el sol

Y cumple con la vida.  
Ámala en todas las transfiguraciones  
Desde el hielo  
Y cumple  
Con la momentánea eternidad.

Ámala en todos los raspaos de tu reino.

## O VENDEDOR DE *RASPAO*

*Ama rápido, o sol me disse.  
E assim eu aprendi, em seu reino ardente e perverso,  
a cumprir a vida:  
Eu sou o guardião do gelo.*

JOSÉ WATANABE

O vendedor de *raspao* – sem saber – é o guardião do arco-íris no gelo.  
Presenteia rosas vermelhas derramadas no cone  
Ou amanheceres fúlgidos  
Como a gema de um ovo  
Ou a púrpura de algumas uvas  
Cujo galho  
É desprendido pelas sacerdotisas da carne,  
Ou o grito dos alpinistas que se saúdam desde as artérias do calor  
Quando a luz nos penetra através das membranas de um espelho  
E os olhos do abacaxi vêm nos receber nos cordames do xarope  
Ou a laranja  
Piscando  
Ao lado do verde da menta  
Enquanto as polpas de tamarindo vociferam; para que sejam servidas  
como uma oferenda aos lábios teus.

Os sabores  
    Naturais  
        E artificiais  
Com o leite condensado do amor  
Junto com o mel dos juncos  
Que se deitaram para ser moídos e acariciados por tua língua  
Para te saborear, lambendo, mordiscando  
O sabor e a coloração das estações.

Ame-a rapidamente, o sol me disse

E cumpre com a vida.  
Ame-a em todas as transfigurações  
Do gelo  
E cumpre  
Com a eternidade momentânea.

Ame-a em todos os *raspaos* de teu reino.

## EL HACEDOR DE COMETAS

*pero sé que mañana serás del aire*

JOSÉ WATANABE

*A Toño, el de Maya*

Mi infancia estuvo traspasada por cometas  
Rojas, amarillas, blancas, azules, verdes  
Como aves en el cielo de la tarde. Toño solía  
Confeccionarlas con virulí (unas delgadas cañas  
Como los dedos envejecidos de una diosa)  
Y papel de china repleto de alegorías y fabulaciones.  
Pudieron ser velas de nave,  
Alas de colibrí  
O envoltorios de regalo;  
Pero era seccionado y dispuesto sobre el rombo; geométrica flor de los  
puntos cardinales.  
Mientras la goma de harina se secaba  
Imaginaba un revoloteo  
Conquistando la magnitud de un arcoíris.

Ahora que la calle pareciera estar desierta  
Y que Toño ya no vive en la casa de Maya  
Y que un trompo sigue girando enérgicamente  
En el país de la nostalgia  
Las recuerdo entre rondas, el escondido y el juego de la lata.

– Esa fue tu infancia. – me dijeron las cometas. – Tienes un hilo de  
poesía,  
Te convertirás en él  
Y sabemos  
Que mañana  
Serás del aire.

Para hacernos volar.

## O FABRICANTE DE PIPAS

*mas eu sei que amanhã estarás do ar*

José Watanabe

*Para Toño, o de Maya*

Minha infância foi perfurada por pipas  
Vermelhas, amarelas, brancas, azuis, verdes  
Como pássaros no céu noturno. Toño costumava  
Fazê-las com varetas (alguns bastões finos  
Como os dedos envelhecidos de uma deusa)  
E papel de seda repleto de alegorias e fábulas.  
Poderiam ser velas de barco,  
Asas de beija-flor  
Ou papéis de presente;  
Mas tudo era seccionado e organizado no losango; flor geométrica dos  
pontos cardeais.  
Enquanto a goma de farinha secava  
Eu imaginava um rodopio  
Conquistando a magnitude de um arco-íris.

Agora que a rua parece deserta  
E que Toño já não vive na casa de Maya  
E que um pião continua girando energicamente  
Na terra da saudade  
Lembro-me deles entre as rodadas, o esconde-esconde e o jogo da lata.

- Essa foi a tua infância. - As pipas me disseram. - Tens um fio de  
poesia,  
Nele te converterás  
E bem sabemos  
Que amanhã  
Estarás do ar.



Para nos fazer voar.

MACARIA ESPINOZA

*Y en su vientre nos reunimos en un llanto compacto*

EUGENIO MONTEJO

*A Mamá*

Todos colocados en la misma escena.  
En las esquinas los nietos  
Y a los lados los hijos de ella (amortajada como una novia).  
Yo estoy en el fondo de su pecho  
Naciendo de su cuello como un tumor  
O como una prismática vena.  
Los poetas nacemos de los torrentes más extraños.  
Dicen que el olvido presionará el disparador.  
De esta nueva Lumix saldremos todos: la familia que nunca fuimos.  
La que se quebró como un espejo y donde se diseminó  
Como un río de larvas, la memoria.  
Aquí cada uno muestra su mejor sonrisa  
Y otros su disimulada alegría, ocultando la más notable decadencia.  
Unos tras de otros iremos faltando.  
Aquí posamos con su único retrato, el que desconocemos.  
¿Quién trazó los caminos de la loca?  
¿Quién determinó los partos en el aire  
¿Dónde cuajaron los átomos de su maternal locura?  
¿A dónde ese abuelo perverso que le arrancó  
Los llantos, el hambre y la risa opacada de sus hijos?  
Ella revolotea por los cielos de Las Minas  
Como una cascocha en reposo,  
Como un vapor de cristal en el arco del sonido.  
En todas las aguas ella los busca sin hallar  
Todas las teorías que fenecen en los ojos.  
¿A dónde vivió? ¿A dónde fue? ¿A dónde estuvo?  
Caminaba con un palo y terciaba

Las figuras moldeadas por el polvo,  
Andaba con un traje limpio y con unas trenzas largas  
Tejidas por la nervadura de la noche.  
El humo nunca entró en sus ojos  
Y se le oía cantar desde los lejos.  
Abuela: voy moldeándote en cada paso por estas tierras  
Con un cordel de furia  
Donde no tengo nariz ni ojos ni manos en la opacidad para palparte  
Para ser como el arroz que crece como una mano de pilón que sorbe  
gritos  
Una envidia de los terneros que tiritan  
Acurrucos que danzan en el espacio hasta dominar el frío.  
Si te he de imaginar entre las sombras  
Portando la mortaja del alba en manicomio  
Trazando una fábula por ese Matías Hernández en donde te oigo llorar  
Como una niña atiborrada de muñecas  
Donde hay asfixia y musgo, o campanas sordas atragantadas por el limo  
Por una jofaina seca que se revienta en la pubertad del foso  
Son estaciones inversas las que encuentro  
En tu fervor de remolino.  
Te da mucho miedo el enfermero negro.  
No soy un conejo para estar comiendo tantas hojas.  
Yo no he de estar aquí, he de estar en una casita de barro  
Con la comida caliente y la infancia de mis hijos,  
Pobres pero radiantes y mordiendo los tubérculos de la tierra.  
Mírenme aquí paciente psiquiátrica  
Con expediente desaparecido.  
¿Quién puede descifrar o imaginar el dolor  
Que se postra en el cerebro de los locos?  
Aquí estuvo y se sentaba a llorarlos en los resfriados  
Y febricitancias del día.  
Nunca imaginó la barba de sus hijos ni las primeras menstruaciones de  
mi madre.  
La queremos imaginar cómo era  
Alta y bella como la esfinge  
O como una diosa del Olimpo o una flor del Espíritu Santo con pollera.

Se fue deslizando en un quejido agrario.  
Al Ciprián fue a dar y no sabemos  
El secreto de su tumba.  
Posemos todos. Ella está aquí.  
Tiene el vientre abultado, muy abultado.  
Hemos regresado a ella.  
Hemos vuelto a su vientre  
Con un llanto compacto.

MACARIA ESPINOZA

*E em seu ventre nos encontramos em um choro compacto*

EUGÊNIO MONTEJO

*Para mamãe*

Todos dispostos na mesma cena.  
Nos cantos os netos  
E aos lados seus filhos (ela coberta como uma noiva).  
Eu estou no fundo de seu peito  
Nascendo de seu pescoço como um tumor  
Ou como uma veia prismática.  
Os poetas nascemos das mais estranhas torrentes.  
Dizem que o esquecimento pressionará o obturador.  
Todos sairemos desta nova Lumix: a família que nunca fomos.  
Aquela que se partiu como um espelho e onde se disseminou  
Como um rio de larvas, a memória.  
Aqui cada um mostra seu melhor sorriso  
E outros a sua alegria dissimulada, escondendo a mais notável  
    decadência.  
Uns após outros iremos faltando.  
Aqui posamos com seu único retrato, o que desconhecemos.  
Quem traçou os caminhos da louca?  
Quem determinou os partos no ar  
Onde congelaram os átomos de sua loucura materna?  
Onde está aquele avô perverso que arrancou  
O choro, a fome e o riso ofuscado de seus filhos?  
Ela esvoaça pelos céus de Las Minas  
Como uma concha em repouso,  
Como um vapor de cristal no arco do som.  
Em todas as águas ela os procura sem encontrar  
As teorias todas que parecem nos olhos.  
Onde viveu? Aonde foi? Onde esteve?

Ela caminhava com uma bengala e intervia  
Nas figuras moldadas pelo pó,  
Andava com um terno limpo e longas tranças  
Tecidas pelas nervuras da noite.  
A fumaça nunca entrou em seus olhos  
E era possível ouvi-la cantar de longe.  
Avó: Eu te moldo a cada passo por essas terras  
Com uma corda de fúria  
Onde não tenho nariz nem olhos nem mãos na opacidade para te  
apalpar  
Ser como o arroz que cresce como mão de pilão que absorve gritos  
Uma substância de bezeros tremendo  
Aconchegos que dançam no espaço até o frio dominar.  
Se eu tiver que te imaginar nas sombras  
Vestindo a mortalha do amanhecer em um asilo  
Traçando uma fábula para aquele Matías Hernández onde te ouço  
chorar  
Como uma menina recheada de bonecas  
Onde há sufocamento e musgo, ou sinos abafados sufocados pelo lodo  
Para uma bacia seca que explode na puberdade do poço  
São estações reversas que eu encontro  
Em teu fervor de redemoinho.  
Tens muito medo da enfermeira negra.  
Não sou um coelho para comer tantas folhas.  
Eu não tenho que estar aqui, eu tenho que estar em uma casa de barro  
Com a comida gostosa e a infância de meus filhos,  
Pobres, mas radiantes e mordendo os tubérculos da terra.  
Olha eu aqui paciente psiquiátrica  
Com arquivo ausente.  
Quem pode decifrar ou imaginar a dor  
O que se prostra no cérebro dos loucos?  
Aqui estava ela e sentou-se a chorar por eles nos resfriados  
E febres do dia.  
Ela nunca imaginou as barbas de seus filhos ou as primeiras  
menstruações de minha mãe.  
Queremos imaginar como foi

Alta e bonita como a esfinge  
Ou como uma deusa do Olimpo ou uma flor do Espírito Santo com  
saia.  
Ela escapou em um gemido agrário.  
Foi para El Ciprián e não sabemos  
O segredo de seu túmulo.  
Posemos todos. Ela está aqui.  
Tem uma barriga protuberante, bem protuberante.  
A ela regressamos.  
Voltamos a seu ventre  
Com um choro compacto.

## GLOSARIO

- AIOCÁ. Aiocá profundo del mar, relativo a la diosa orisha Iemanjá, religión de Bahía.
- CASCOCHA. ave de color pardo y cantarina.
- COROTÚ. Árbol corpulento propio de Centroamérica.
- MATACHÍN. Poblado desaparecido con la construcción del Canal de Panamá y donde se dio el suicidio colectivo de los chinos.
- NGAZO. Grupo indígena originario de Panamá.
- ÑUMI. Vestimenta de las niñas y mujeres ngabes de Panamá.
- RASPAO. Cono de hielo con sirope de frutas azucaradas.
- TOTORRÓN. Insecto que ejecuta un sonido en los campos de Panamá.
- UH MEI. Nombre chino femenino.
- YAKUMAMA. Madre del agua, mitología andina.

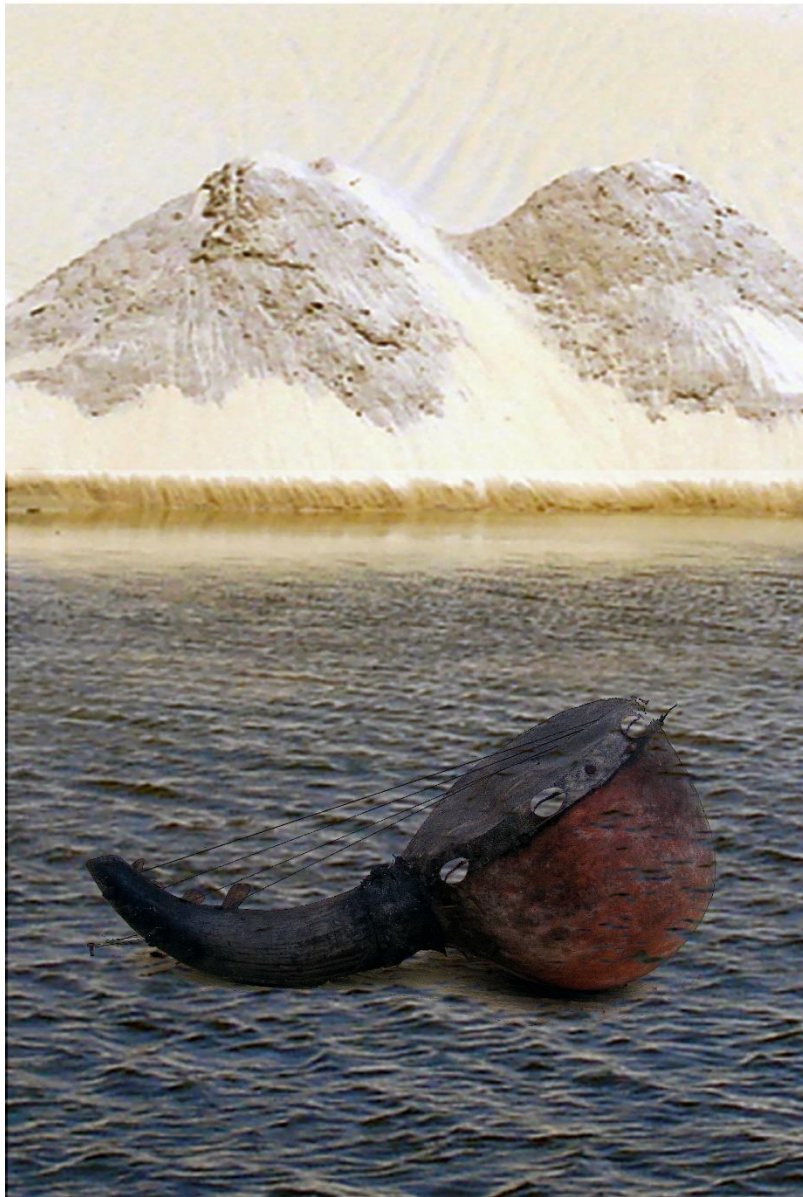
*Una de las claves secretas del viaje que nos invita a hacer un poemario radica en la fluidez de su lectura, donde el ritmo opera una magia que en ocasiones facilita la percepción de las imágenes. Por ello, la presencia de notas a pie de página en la traducción de un libro de poemas puede dificultar esta fluidez, creando una serie de piedras toscas, objetos extraños que actúan como desvíos. Este libro de Javier Alvarado, sin embargo, requiere la presencia de un brevísimo glosario que eventualmente podrá ser consultado por el lector, después de la lectura, llegando tal vez a relucir alguna imagen no del todo revelada. (N. T.)*



## GLOSSÁRIO

- AIOCÁ. Aiocá no fundo do mar, parente da deusa orixá Iemanjá, religião da Bahia.
- CASCOCHA. Pássaro marrom e cantante.
- COROTÚ. Árvore robusta típica da América Central.
- MATACHIN. Povoado desaparecido com a construção do Canal do Panamá e onde ocorreu o suicídio coletivo dos chineses.
- NGAZO. Grupo indígena originário do Panamá.
- NUMI. Roupas das meninas e mulheres Ngabe do Panamá.
- RASPAO. Cone de gelo com calda de frutas açucaradas.
- TOTORRÓN. Inseto que faz barulho nos campos do Panamá.
- UH MEI. Nome feminino chinês.
- YAKUMAMA. Mãe d'água, mitologia andina.

*Uma das chaves secretas de acesso à viagem que nos convida a fazer um livro de poemas radica na fluidez de sua leitura, onde o ritmo opera uma magia que por vezes facilita a percepção das imagens. Por isto a presença de notas de rodapé na tradução de um livro de poemas pode impedir essa fluidez, criando uma série de pedregulhos, estranhos objetos que atuam como desvios. Este livro de Javier Alvarado, no entanto, requer a presença de um brevíssimo glossário que podem eventualmente ser consultados pelo leitor, após a leitura, vindo talvez a lustrar alguma imagem não de todo revelada. (N.T.)*





**LA CAZA DE LOS COCUYOS**  
**A CAÇA DOS PIRILAMPOS**  
[ tradução de Nuno Júdice ]

## ARS POÉTICA O LA CAZA DE LOS COCUYOS

*Queda una hoja de papel no en blanco  
donde está anocheciendo  
donde goteaba luceros una noche*

JOSÉ CARLOS BECERRA

Estábamos mi padre, mi madre y yo -auscultando- el sortilegio negro  
de los árboles  
Intercambiando las siluetas  
De una luna que no aparece  
Y que no duerme  
Con el asombro de Matsuo Basho de imaginársela o escribirla en un  
haiku  
Para inventar la ceremonia perenne de la luz.

De repente, vimos en medio de los herbazales  
El vuelo refulgente de los cocuyos. Mis padres volvieron a ser niños  
Imaginando el corretear por los campos y así recolectar los insectos  
Que cargaban en sus lomos las estrellas redondas de un éxtasis súbito,  
E imaginar cómo ha de alumbrarse el cielo en una habitación  
Con un leve puñado de azúcar dentro de una cajetilla de  
fósforos  
Para connotar el sueño de otros que ya duermen, que no duermen  
Y sortean el azar de los vivos y los muertos  
En esa caminata por las tinieblas,  
En una ronda de ronquidos y preguntas.

Mi padre, el más ansioso de los tres, ruega por el recorrido del cocuyo  
Que se dispone a trazar su ruta cerca de nuestras sombras  
Y enseguida con su sombrero  
Atrapa al bichito pidiéndole a Dios para que irradie siempre la casa  
Y nuestras existencias tan paganas como un cabo de vela.

Enseguida rememora la celda en la cajita de fósforos,  
¿Para que lo hacíamos? ¿para que detener el rumbo de aquellos astros  
Que son la única plegaria del celaje nocturno? me dice  
Y lo sostiene en su mano como un satélite  
Y enseguida como una antorcha pasada de una generación a otra,  
Me explica otra vez el ritual del encierro con la sacarosa y lo coloca  
entre mis dedos Esperando que cumpla con la tradición de  
infancia;  
Pero sólo se me ocurrió  
Dejar escapar al cocuyo  
Y que me dejara entre los dedos algo de esa iridiscencia para escribir  
un poema,  
Para hacer de mi noche más noche, para hacer de la luz más luz  
Y así lo deje ir sobre la penumbra seguro de que el cocuyo no deseaba  
el almíbar  
Sino el acto de libertad de un lirida con la naturaleza  
Heredando claridad a las futuras metáforas,  
Sabiéndose confiado de las palabras que ha de verter hacia la noche de  
una página

La mano encendida de un poeta.

## ARS POÉTICA OU A CAÇA DOS PIRILAMPOS

*Fica uma folha de papel não em branco  
onde está a anoitecer  
de onde gotejavam estrelas uma noite*

JOSÉ CARLOS BECERRA

Estávamos meu pai, minha mãe e eu – auscultando – o sortilégio negro  
das árvores  
Intercambiando as silhuetas  
De uma lua que não aparece  
E que não dorme  
Com o assombro de Matsuo Basho em imaginá-la ou escrevê-la num  
haiku

Para inventar a cerimônia perene da luz.

De repente, vimos no meio das ervas  
O voo refulgente dos pirilampos. Os meus pais voltaram a ser crianças  
Imaginando o calcorrear pelos campos e assim apanhar os insectos  
Que carregavam às suas costas as estrelas redondas de um êxtase  
súbito,  
E imaginar como se há-de iluminar o céu numa casa  
Com um leve punhado de açúcar dentro de uma caixinha de fósforos  
Para conotar o sonho de outros que já dormem, que não dormem  
E sorteiam a sorte dos vivos e dos mortos  
Nessa caminhada pelas trevas.  
Numa ronda de roncões e perguntas.

Meu pai, o mais ansioso dos três, reza pelo percurso do pirilampo  
Que se dispõe a traçar o seu rimo perto das nossas sombras  
E de seguida com o chapéu  
Apanha o bichinho pedindo a Deus que ilumine sempre a casa  
E as nossas existências tão pagãs como um coto de vela.

Em seguida rememora a cela na caixinha de fósforos,  
Para que o fazíamos? para quê deter o rumo daqueles astros  
Que são a única prece da atmosfera nocturna? diz-me  
E sustém-no na mão como um satélite  
E de seguida como uma tocha passada de uma geração a outra.  
Explica-me outra vez o ritual do fecho com a sacarose e coloca-o entre  
os meus dedos  
Esperando que cumpra a tradição da infância;  
Mas só me ocorreu  
Deixar escapar o pirilampo  
E que me deixasse entre os dedos algo dessa iridescência para escrever  
um poema,  
Para fazer da minha noite mais noite, para fazer da luz mais luz  
E assim o deixei ir sobre a penumbra certo de que o pirilampo não  
desejava a calda  
Mas antes o acto de liberdade de um meteoro com a natureza  
Em herança de claridade para as futuras metáforas,  
Sabendo-se confiado das palavras que há-de verter para a noite de  
uma página

A mão acesa de um poeta.



HERBERTO HELDER

*No sé cómo decirte que mi voz te busca*

H.H.

No sé cómo decirte que mi corazón te busca  
Que mis manos van hasta Cascaes para tomar una paloma  
Y liberarla en medio de los campos de centeno;  
Liberar un animal  
Es plantar en la tierra  
Otra agonía: la de la salvación. Pero aquí voy,  
Con mi cabeza de paz, vitoreando a Marte,  
Con esa cabeza de vaca entre el pecho y la espalda  
Y la orquesta vegetal entre ruinas, ahora que el pastor deja  
Sus cabras para el holocausto y bebe de su bota  
Un límpido de leche y se entrega a la patria del bufido  
Cuando entra en escena ese viejo actor a escena  
Y el director le pide que recite el mismo parlamento shakesperiano,  
El de la muerte sola.

Yo no sé cómo decirte sin que me lo diga la cigarra  
Que he venido hasta Cascaes para tocar tu corazón  
Limpio como la madera, ¡oídmme, la madera!, esa oscura mancha del  
huevo  
Incrustado en el tronco con una ternura ocre, oscura  
Como el vuelo de un cuervo a punto de ser elegía  
Sin que el sol lo señalase.

Yo no sé cómo decirte lo que dice la cigarra,  
Emprendiendo el camino hacia Cascaes.  
Paisaje antiguo que se va, que nunca vuelve,  
Mar entrando en un solsticio, en un protocolar de hierba.  
El sol es otra cosa que se desvanece como los cantos de un niño  
Que ve amamantar a su madre a otro crío y no lo comprende

Donde la metamorfosis en hombre, es otro proceso fugaz, quizás más lento.

Cada cosa vuelve a su mineral, a su gota primigenia con su estirpe;  
El bulbo espacial que nos habita, cuando somos deudos,  
Cuando el mar estalla en nuestra nuca y un alga se va encadenando  
En nuestra boca, es decir labios, glotis, laringe, faringe, lengua  
Una estrella vomitada, la esvástica que se instala  
En la garganta y no da suspensión, ni tregua, ni licencia.

Yo no sé cómo decirte que te has muerto.  
No sé cómo decirte que ya tus amigos no vendrán a dejarte  
provisiones  
Ni te dejarán cartas y recados debajo de la puerta,  
Porque la depresión ya no ejerce su dominio, su lanzadera  
Que planifica el deterioro; ese vahído del espejo que nos seduce a  
diario,  
La supernova que regirá las mareas  
Cuando la casa tiemble, allá por los caminos de Lisboa  
Y el sombrero de Fernando y sus heterónimos salgan a encontrarte,  
Te tocarán el hombro y te cuestionarán por qué esa alergia  
Y esa negativa ante los premios, pero reirás y será toda tuya  
La otra vendimia que han recolectado los hombres en tiempos de  
pureza.

Yo no sé cómo decirte que hay una mujer que te espera  
Como un poema continuo, como una alabanza corpórea  
De la mujer al hombre, del hombre a la mujer,  
Esa mujer con sus labios bendecidos por el centeno,  
Con sus senos traspasados por gaviotas, por sus ojos llenos de barcos.  
Llegamos tarde desde Centroamérica a ese país demorado y remoto,  
Hasta ese anciano poeta, ahora ya inexistente.  
Yo no sé cómo decirte, Herberto, que me he vuelto  
A tu voz y a tu música para oírte como una flauta  
Llena de guijarros, piedras, esas que edifican paredes y se hacen  
mujeres  
Y moradas al unísono. Respiramos las luces filiales.

Déjala a tu muerte. No venimos a vivir, llegamos para inquietar con la  
belleza.

HERBERTO HELDER

*Não sei como dizer-te que a minha voz te procura*

H. H.

Não sei como dizer-te que o meu coração te procura  
Que minhas mãos vão até Cascais para apanhar uma pomba  
E libertá-la no meio dos campos de centeio;  
Libertar um animal  
É plantar na terra  
Outra agonia; a da salvação. Mas aqui vou,  
Com minha cabeça de paz, vitoriando Marte,  
Com essa cabeça de vaca entre o peito e as costas  
E a orquestra vegetal entre ruínas, agora que o pastor deixa  
As suas cabras para o holocausto e bebe da sua bota  
Um límpido de leite e se entrega à pátria do bafejo  
Quando entra em cena esse velho actor a cena  
E o director lhe pede que recite o mesmo parlamento shakespeariano,  
o da morte só.

Eu não sei como dizer-te sem que mo diga a cigarra  
Que vim até Cascais para tocar o teu coração  
Limpo como a madeira, ouvi, a madeiral! essa obscura mancha do ovo  
Incrustado no tronco com uma ternura ocre, obscura  
Como o voo de um corvo a ponto de ser elegia  
Sem que o sol o assinalasse.  
Eu não sei como dizer-te o que diz a cigarra,  
Empreendendo o caminho para Cascais,  
Paisagem antiga que se vai, que nunca volta,  
Mar entrando num solstício, num protocolar de erva.  
O sol é outra coisa que se desvanece como os cantos de uma criança  
Que vê amamentar sua mãe a outro filho e não o compreende  
De onde a metamorfose em homem, é outro processo fugaz, talvez  
mais lento.

Cada coisa volta ao seu mineral, à sua gota primigénia com sua estirpe;  
O bolbo espacial que nos habita, quando somos deudos  
Quando o mar rebenta na nossa nuca e uma alga se vai encadeando  
Na nossa boca, quer dizer lábios, glote, laringe, faringe, língua  
Uma estrela vomitada, a suástica que se instala  
Na garganta e não dá suspensão, nem trégua, nem licença.

Eu não sei como dizer-te que morreste.  
Não sei como dizer-te que já teus amigos não virão deixar-te provisões  
Nem te deixarão cartas e recados debaixo da porta,  
Porque a depressão já não exerce o seu domínio, a carregadora  
Que planifica a deterioração; esse desmaio do espelho que nos seduz  
diariamente,  
A supernova que governará as marés  
Quando a casa treme, além pelos caminhos de Lisboa  
E o chapéu de chuva de Fernando e seus heterónimos saem para te  
encontrar,  
Bater-te-ão no ombro e perguntar-te-ão porquê essa alergia  
E essa negativa perante os prémios, mas rir-te-ás e será toda tua  
A outra vindima que colheram os homens em tempos de pureza.

Não sei como dizer-te que há uma mulher que te espera  
Como um poema contínuo, como um louvor corpóreo  
Da mulher ao homem, do homem à mulher,  
Essa mulher com seus lábios benzidos pelo centeio,  
Com os seus seios trespassados por gaivotas, pelos seus olhos cheios  
de barcos,  
Chegamos tarde a partir da América Central a esse país demorado e  
remoto,  
Até esse antigo poeta, agora já inexistente.  
Não sei como dizer-te, Herberto, que voltei  
à tua voz e à tua música para ouvir-te como uma flauta  
Cheia de seixos, pedras, essas que edificam paredes e se fazem  
mulheres  
E moradas em unísono. Respiramos as luzes filiais.

Deixa a tua morte. Não viemos para viver, chegamos para inquietar  
com a beleza.

## HAY UNA ALDEA HECHA CON LOS POEMAS DE LEDO IVO

*Lédo Ivo es un hombre viejo que vive en Brasil y sale en las antologías con cara de loco.*

JUAN CARLOS MESTRE

Ya los cangrejos caminan sobre Ledo Ivo  
Sobre las casas y los sueños  
O los promontorios en la tierra de Maceió,  
Ya se volvió mar bajo los barcos  
Y desató sus palabras como gaviotas en el muelle  
Silbando esta vez      ese acorde funéreo      para las carnes de  
    Hermengarda  
Para esa ebriedad que traspasa las boquitas de los murciélagos y las  
    colillas de cigarro  
En la caverna más oscura donde tintinean las almas como oseznos,  
Donde se mancha la oscuridad con esa iridiscencia de tus  
    constelaciones  
Increpando la resurrección del gallo,  
La leche estelar de las espuelas  
Y el plumaje irredento corajeando entre los patios y entre las casas  
    marinas  
Donde los niños se sientan en el lomo del caracol  
Y las niñas fijan su belleza a las estrías teologales de las conchas.

Esta es tu aldea donde un niño llamado Ledo empezó a escribir sus  
    poemas en la arena  
En los pétalos de la caña y en los trapiches donde el pueblo suda  
El jugo inmemorial de la caña  
El jugo equinoccial de la caña  
El jugo demencial de la caña  
El jugo sexual de la caña  
Junto al aroma infinito del cacao, junto a las flores del cacao, junto a  
    las semillas del cacao,

Donde  
Clareas esta vez sobre las piedras, sobre el testamento de una negra  
    bailando samba  
Silba que te silba el vals funéreo  
Para las carnes de Hermengarda  
Y eres tú caminando mulatamente sobre las nucas vacilantes de los  
    cangrejos  
Sobre una iracunda hoguera de agua, sobre los pilotes azarados  
Por la espuma reinante,  
Abriéndose tu palabra como un lecho de hojas,  
Como una almohada de árboles sobre esos sueños gualdos  
Que van a la memoria del camino y terminan en los pies  
De los infantes y se ponen a correr  
Y rechinan como abejas o mariposas al cuidado de la nieve profunda,  
De la nieve inventada y del sol que ordeña los milagros de las cabras  
Donde hay brujas y mujeres explicando la redondez de la tierra  
Con rituales dibujados en las esferas monacales del coco  
Y muchachas extrayéndose del corazón cardúmenes de peces.

Ya los cangrejos caminan sobre Ledo Ivo en la tierra de Maceió.  
Allá en el Brasil hay una aldea  
Donde aprendió a escribir poesía  
Un niño antologado con cara de loco,  
Separando las patrias de las lenguas,  
Emigrante e inmigrante de la lengua portuguesa  
Haciéndola tierra,  
Haciéndola jugo de caña  
Haciéndola cacao,  
Haciéndola cangrejo sobre las playas de Maceió.

Allá en Brasil hay una aldea hecha de los poemas de Ledo Ivo.



## HÁ UMA ALDEIA FEITA COM OS POEMAS DE LEDO IVO

*Lêdo Ivo é um homem velho que vive no Brasil e sai nas antologias com cara de louco.*

JUAN CARLOS MESTRE

Já os caranguejos caminham sobre Ledo Ivo  
Sobre as casas e os sonhos  
Ou os promontórios nas terras de Maceió,  
Já se tornou mar debaixo dos barcos  
E soltou as suas palavras como gaivotas no molhe  
Assobiando desta vez esse acorde fúnebre para as carnes de  
Hermengarda  
Para essa embriaguez que trespassa os bicos dos morcegos e as beatas  
de cigarro  
Na caverna mais obscura onde tilintam as almas como crias,  
Onde se mancha a obscuridade com essa iridescência das tuas  
constelações  
Increpando a ressurreição do galo,  
O leite estelar das esporas  
E a plumagem irreduzível corajeando entre os pátios e entre as casas  
marinhas  
Onde as crianças se sentam às costas do caracol  
E as meninas fixam a sua beleza nas estrias teológicas das conchas.

Esta é a tua aldeia onde um menino chamado Ledo começou a escrever  
os seus poemas na areia  
Nas pétalas da cana e nos armazéns onde o povo sua  
O suco imemorial da cana  
O suco equinocial da cana  
O suco demencial da cana  
O suco sexual da cana  
Junto do aroma infinito do cacau, junto das flores de cacau, junto das  
sementes do cacau

Onde amanheces desta vez sobre as pedras, sobre o testamento de  
uma negra bailando samba

Assobia que te assobia a valsa fúnebre  
Para as carnes de Hermengarda  
E és tu caminhando mulatamente sobre as nucas vacilantes dos  
caranguejos  
Sobre uma iracunda fogueira de água, sobre os pilotos azarados  
Pela espuma reinante,  
Abrindo-se tua palavra como um leito de folhas,  
Como uma almofada de árvores sobre esses sonhos gualdos  
Que vão à memória do caminho e terminam nos pés  
Dos infantes e se põem a correr  
E rangem como abelhas ou borboletas ao cuidado da neve profunda,  
Da neve inventada e do sol que ordenha os milagres das cabras  
Onde há bruxas e mulheres explicando a esfericidade da terra  
Com rituais desenhados nas esferas monacais do coco  
E raparigas extraíndo dos seus corações cardumes de peixes.

Já os caranguejos caminham sobre ledos Ivo na terra de Maceió.  
Ali no Brasil há uma aldeia  
Onde aprendeu a escrever poesia  
Uma criança antologada com cara de louco,  
Separando as pátrias das línguas,  
Emigrante e imigrante da língua portuguesa  
Fazendo-a terra,  
Fazendo-a suco de cana  
Fazendo-a cacau,  
Fazendo-a caranguejo sobre as praias de Maceió.

Ali no Brasil há uma aldeia feita dos poemas de Ledo Ivo.

## OFRENDA DE CEBOLLA

*Not a red rose or a satin heart.*

*I give you an onion.*

...

*It promises light  
like the careful undressing of love.*

CAROL ANN DUFFY, *Valentine*

No me des la rosa  
No me des el páramo, las calles.  
No me des el tintineo del árbol,  
No me des el agua y su cofre de cristales.  
No me des las espinas de lo bello,  
Dame la cebolla  
Esas que se cultivan en Coclé o en otras partes  
Donde su piel es blanca,  
Nívea como un pecho de lobezno adolescente  
Parda como el plumaje de una tierrerita  
Desdoblada sobre la hoja inmóvil.  
No me des del labio acuoso  
Ni el bosque petrificado que llevas dentro  
Como una copa de vino desmadrada  
Los dones terrenales y celestiales  
Que la creación te fue otorgando  
Con las espigas demolidas,  
Mejor el cráter nocturno  
La cereza pálida  
El venado derretido que alza los cuernos  
En los festines de la cama  
Olorosos como la canela llevada en el desierto  
El sexo en el pico del ave  
Que va goteando el semen táctil

O la enjundia del misticismo en la semilla.  
Prefiero huir de tus reinos  
Y dejar el servicio puesto,  
Los utensilios, la comida fría  
Esa es la comunión de tu cuerpo al pelarte  
Al quitar la piel y ser poseso del cuchillo  
Y descubrir tu carne en gajos curvilíneos  
Que se abren espaciosos como un milagro  
O un pacto de Dios en los corderos.  
No me des nada,  
Solo sembrad una cebolla aquí en mi tierra  
Que el tallo vaya creciendo hasta alcanzar  
La desmesura del cielo y el juicio de todos los confines.  
Yo te dejo una rosa,  
Te dejo los vientos, los mares, las residencias  
Todo lo palpado, oído, gustado, visto y olfateado.  
No me des los dones, no me des el cuerpo.  
No me des las estaciones  
Ni el abrigo ni el paraguas.  
Arrebátame todos los vegetales del mundo  
Pero no me dejes en orfandad  
Sin la cebolla.

## OFERENDA DE CEBOLA

*Not a red rose or a satin heart.*

*I give you an onion.*

...

*It promises light  
like the careful undressing of love.*

CAROL ANN DUFFY, *Valentine*

Não me dês a rosa  
Não me dês o plaid, as ruas.  
Não me dês o tilintar da árvore,  
Não me dês a água e o seu cofre de cristais.  
Não me dês as espinhas do belo,  
Dá-me a cebola  
Essas que se cultivam em Coclé ou noutros lados  
Onde a sua pele é branca,  
Nívea como um peito de lobinho adolescente  
Parda como a plumagem de uma rola  
Desdobrada sobre a folha imóvel.  
Não me dês do lábio aquoso  
Nem o bosque petrificado que levas dentro  
Como uma taça de vinho desgovernada  
Os dons terreaux e celestiais  
Que a criação te foi outorgando  
Com as espigas demolidas,  
Melhor a cratera nocturna  
A cereja pálida  
O veado derretido que ergue os chifres  
Nos festins da cama  
Perfumados como a canela levada no deserto  
O sexo no bico da ave  
Que vai gotejando o sémen táctil

Ou a enxúndia do misticismo na sola.  
Prefiro fugir dos teus reinos  
E deixar a o serviço feito,  
Os utensílios, a comida fria  
Essa é a comunhão do teu corpo ao descascar-te  
Ao tirar a pele e ser possuído pela faca  
E descobrir a tua carne em tiras curvilíneas  
Que se abrem espaçosas como um milagre  
Ou um pacto de Deus nos cordeiros.  
Não me dê nada,  
Semei apenas uma cebola aqui na minha terra  
Que o caule vá crescendo até alcançar  
A desmedida do céu e o juízo de todos os confins.  
Deixo-te uma rosa,  
Deixo-te os ventos, os mares, as residências  
Todo o apalpado, ouvido, saboreado, visto e cheirado.  
Não me dê os dons, não me dê o corpo.  
Não me dê as estações  
Nem o casaco nem o chapéu de chuva.  
Rouba-me todos os vegetais do mundo  
Mas não me deixes em orfandade  
Sem a cebola.

## PANAMÁ, YA SEA EN EL PACÍFICO O EN EL ATLÁNTICO

Panamá en esta calle y en este tiempo que nos falta,  
Antes de mis días y mis noches  
(Y del poema) fluctuando entre los lirios como el agua,  
Con sus gruesas murallas y sus edificios  
Que le dan color de tacto a los espejos,  
A las criaturas del mar que se advienen a mi fondo,  
A mi lámpara de niño y a mi mano afiebrada de poeta.

Nunca antes por siglos volví a ver el mismo día  
En que abrí los ojos tanteando la tierra  
Y el polvo del lugar donde ocurrió mi nacimiento,  
Donde me convertía en talingo y en estatua  
Con peces de aire entrando por el mármol.

Panamá fue una musa entrando  
-vena a vena-  
Un arcoíris en la boca,  
El tamaño de una brújula en el eros y en la gnosis.  
Una ciudad en mi piel, como algo corpóreo  
Como la música en una temporada de lluvia  
O como un tamborito en una oleada de calor.

Siempre llego a ella aunque por otros caminos vaya  
Dejando fuego, dejando amor, coloquios,  
Algo de poesía. Mi talón siempre regresa al milagro  
De su musgo, a sus piedras temerarias,  
A su selva donde nunca he ido, donde nunca vuelvo,  
Donde respiro la verdad del mundo  
Ensalinada al borde de sus playas.

¿A dónde dejar el muro, el trapecio  
Y las marcas de la reniñez como una mariposa en el sombrero,  
El desnudo campo  
Por donde persigo duendes y espejismos de luciérnaga,

Imágenes de Dios o de un caballo que atesora  
Las caminatas imaginadas por el tucán en la tormenta?

Panamá

En el Pacífico, en el Atlántico,  
¿En dónde está?, ¿en dónde estuvo?,  
¿En dónde me encuentra el mar con su Canal  
Y su memorial dolido? Panamá la que siempre  
Encuentro aunque por otros caminos vaya  
Donde silbo a las criaturas que se advienen a mi fondo,  
Con mi lámpara de niño y mi mano afiebrada de poeta.



## PANAMÁ QUER SEJA NO PACÍFICO QUER NO ATLÂNTICO

Panamá nesta rua e neste tempo que nos falta,  
Antes de meus dias e minhas noites  
(E do poema) flutuando entre os lírios como a água,  
Com suas espessas muralhas e seus edifícios  
Que lhe dão cor de tacto aos espelhos,  
Às criaturas do mar que chegam ao meu fundo,  
à minha lâmpada de criança e à minha mão febril de poeta.

Nunca antes por séculos voltei a ver o mesmo dia  
Em que abri os olhos tacteando a terra  
E o pó do lugar onde ocorreu o meu nascimento,  
Onde me convertia em nó e em estátua  
Com peixes de ar entrando pelo mármore.

Panamá foi uma musa entrando  
– veia a veia –  
Um arco-íris na boca,  
O tamanho de uma bússola no eros e na gnose.  
Uma cidade na minha pele, como algo corpóreo  
Como a música numa temporada de chuva  
Ou como um tamboril numa vaga de calor.

Sempre chego a ela embora por outros caminhos vá  
Deixando fogo, deixando amor, conversas,  
Algo de poesia. Meu calcanhar sempre regressa ao milagre  
De seu musgo, a suas pedras temerárias,  
à sua selva onde nunca fui, de onde nunca volto,  
Onde respiro a verdade do mundo  
Salinizada na margem das suas praias.

Onde deixar o muro, o trapézio  
E as marcas de nova meninice como uma borboleta no chapéu,  
O campo nu  
Por onde persigo duendes e reflexos de pirilampo,

Imagens de Deus ou de um cavalo que entesoura  
As caminhadas imaginadas pelo tucano na tormenta?

Panamá  
No Pacífico, ou no Atlântico,  
Onde está? onde esteve?  
Onde me encontra o mar com o seu Canal  
E o seu memorial dorido? Panamá a que sempre  
Encontro embora por outros caminhos vá  
Onde assobio às criaturas que chegam ao meu fundo,  
Com minha lâmpada de criança e minha mão febril de poeta.

## SOBRE EL AUTOR



JAVIER ALVARADO (Santiago de Veraguas 28 de agosto de 1982). Hizo sus estudios en el colegio Panama School y después obtiene el título de Licenciado en Lengua y Literatura Españolas por la Universidad de Panamá en el año 2005. Posee las maestrías de Bellas Artes en teatro, especialidad en actuación y de Educación Superior. Ha sido galardonado con el Premio Nacional de Poesía Joven de

Panamá Gustavo Batista Cedeño en los años 2000, 2004, 2007 y 2014. Premio de Poesía Pablo Neruda 2004 y Premio de Poesía Stella Sierra en el 2007. Poeta residente por la Fundación Cove Park, Escocia, Reino Unido 2009. Mención de Honor del Premio Literario Casa de las Américas de Cuba 2010 con su obra Carta Natal al país de los Locos (Poeta en Escocia). Primer Premio de los X Juegos Florales Belice y Panamá, León Nicaragua con Ojos Parlantes para estaciones de ceguera. Premio Centroamericano de Literatura Rogelio Sinán 2011 en poesía con el libro Balada sin ovejas para un pastor de huesos. Premio Internacional de Poesía Rubén Darío de Nicaragua por su libro El mar que me habita. Premio Internacional de Poesía Nicolás Guillén 2012 por su libro Viaje Solar de un tren hacia la noche de Matachín. Finalista del Festival de la Lira (Ecuador) 2013 por su libro Carta Natal al País de los Locos (Poeta en Escocia). En 2014, un jurado conformado por el poeta español Antonio Gamoneda, el poeta peruano Rodolfo Hinostroza y Julio Pazos de Ecuador, le otorgaron el Premio Medardo Ángel Silva a obra editada por su libro Carta Natal al país de los Locos. En el 2015 y en 2023 obtuvo el premio Ricardo Miró de poesía, máximo galardón de las letras panameñas. En 2017, obtiene el Premio Hispanoamericano de poesía de San Salvador. Premio Juegos Florales de Quetzaltenango, 2018. En 2019 obtiene la Mención de Honor del Premio Mundial de Poesía Mística Fernando Rielo. Segundo Premio Concurso Virgen del

Carmen de Alcañiz, 2020. En 2020 obtiene junto a Lucía Estrada y el traductor Russel Karrick the Gabo Prize in Literature in Translations & Multilingual Texts. En 2021, obtiene el Premio de la Fundación Naaji Naaman en El Líbano, el Premio Rey David de Poesía Bíblica Iberoamericana en Salamanca, España, el Premio Municipal de Poesía León A. Soto en el marco del Bicentenario, Segundo Premio del Tren Antonio Machado de los Ferrocarriles Españoles, Segundo Premio IPEL del Ministerio de Trabajo, Primer Premio de la Fundación Nostos en los 200 años de la Independencia de Grecia. En 2022 se hace acreedor al Gran Premio de Amor Varadero por su poema El vino. Premio Internacional de Poesía Sor Juana Inés de la Cruz 2022. Premio Dámaso Alonso 2023 concedido por la Academia de Buenas Letras de Madrid por su vida y obra. Premio Internacional de Poesía de Fuente Vaqueros en España y Premio Iberoamericano de Poesía José Santos Chocano en 2024.

## SOBRE OS TRADUTORES



FLORIANO MARTINS (Brasil, 1957). Poeta, editor, dramaturgo, ensaísta, artista plástico e tradutor. Em 1999 criou a *Agulha Revista de Cultura*. Coordenou (2005-2010) a coleção “Ponte Velha” de autores portugueses da Escritura Editora (São Paulo). Curador do projeto “Atlas Lírico da América Hispânica”, para a revista *Acrobata*. Esteve presente em festivais de poesia realizados em países como

Bolívia, Chile, Colômbia, Costa Rica, República Dominicana, El Salvador, Equador, Espanha, México, Nicarágua, Panamá, Portugal e Venezuela. Curador da Bienal Internacional do Livro do Ceará (Brasil, 2008) e membro do júri do Prêmio Casa das Américas (Cuba, 2009), foi professor visitante da University of Cincinnati (Ohio, Estados Unidos, 2010). Tradutor de livros de César Moro, Federico García Lorca, Guillermo Cabrera Infante, Vicente Huidobro, Hans Arp, Juan Calzadilla, Enrique Molina, Jorge Luis Borges, Aldo Pellegrini e Pablo Antonio Cuadra. Entre seus livros mais recentes estão *Un poco más de surrealismo no hará ningún daño a la realidad* (ensaio, México, 2015), *Um novo continente – Poesia e surrealismo na América* (ensaio, Brasil, 2016), *O iluminismo é uma baleia* (teatro, Brasil, em colaboração com Zuca Sardan, 2016), *Antes que a árvore se feche* (Poesia completa, Brasil, 2020), *120 Noites de Eros – Mulheres surrealistas* (ensaio, Brasil, 2020), *Naufraágios do tempo* (novela, em colaboração com Berta Lucía Estrada, 2020), e *Las mujeres desaparecidas* (poesía, Chile, 2022).



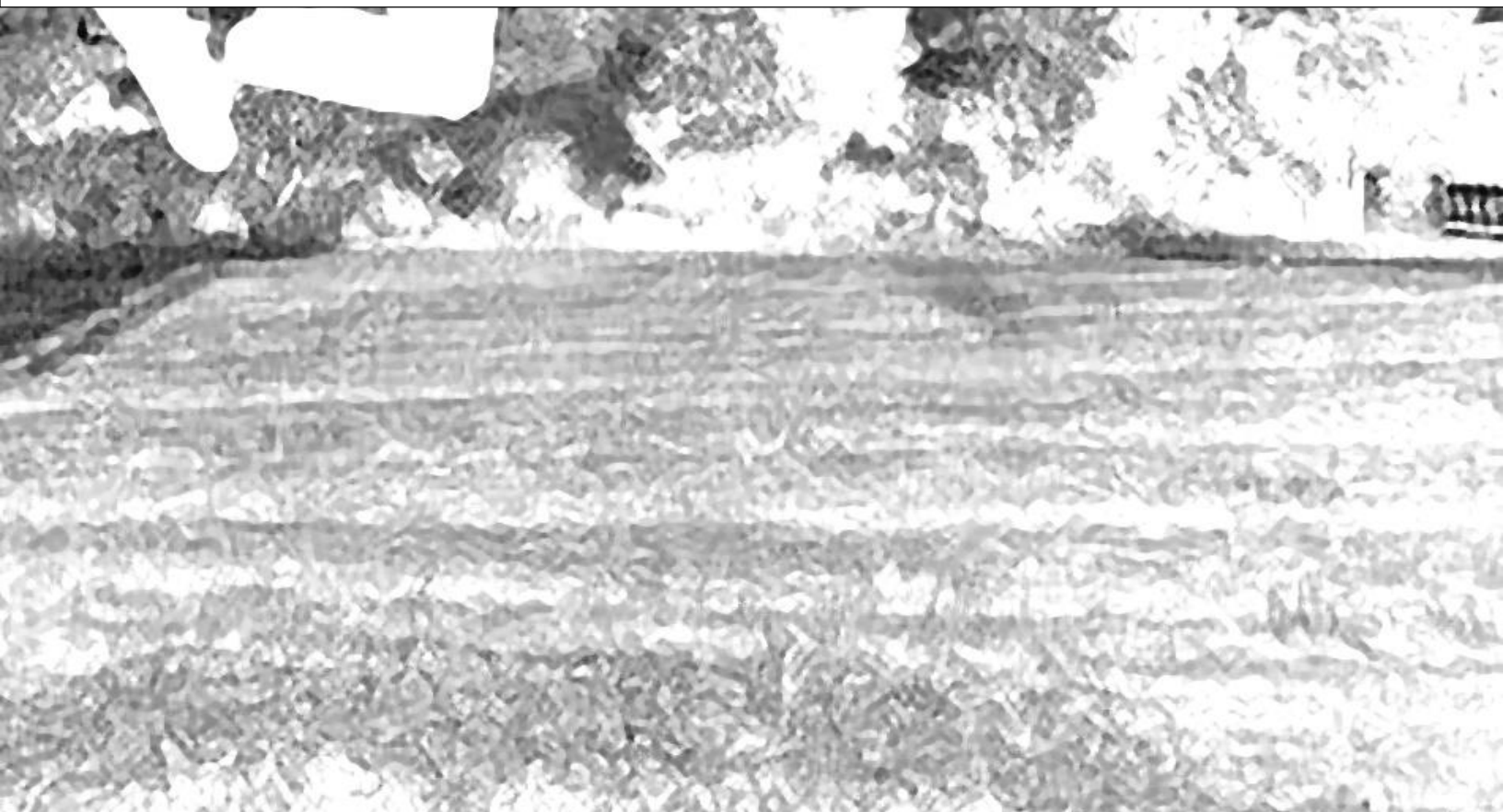
NUNO JÚDICE (Portugal, 1949-2024). Autor dos mais prolíficos da atualidade, renovou a escrita não só nos seus livros de poesia, mas fazendo-a dialogar com outras formas, como a ficção, o teatro e mesmo a teoria. Assim, o próprio poema não raro convive com a narrativa, como se pode ver, por exemplo, em *Teoria Geral do Sentimento* (1999), *Navegação de Acaso* (2013) ou *O Mito de Europa* (2017),

mas também, por outro lado, algumas das suas obras de ficção dialogam e desafiam a história, cruzando o passado com o presente, como no admirável *Os Passos da Cruz* (2009) ou em *A Implosão* (2014), e vários dos seus trabalhos ensaísticos convidam a uma revisão da escrita criativa – *O Processo Poético* (1992) e *A Viagem das Palavras* (2005). A sua poesia foi-se depurando ao longo do tempo, atingindo aparente simplicidade, onde o real e o fantástico se interpenetram, criando um universo imaginário de sombras e de luz, através de um trabalho que privilegia a metáfora e a analogia. Nas narrativas, o quotidiano é atravessado pela memória do passado, com particular relevo para os tempos do Estado Novo, como se cada espaço estivesse impregnado pelas vozes perdidas e pela presença fantasmática de quem o habitou. Teve grande reconhecimento internacional, que também se mede pelas traduções dos seus textos. Tem obras traduzidas em vários países, entre os quais Espanha, Itália, Inglaterra, Venezuela, China e França, tendo uma antologia de poemas seus na prestigiada coleção *Poésie* da Gallimard. Dirigiu a revista *Tabacaria* entre 1996 e 1999 e, a partir de 2009, a *Colóquio/Letras*.



*A canção transfigurada da terra / La canción transfigurada de la tierra Antología poética bilingüe* © Javier se terminó de ensamblar en su versión digital en noviembre de 2024.

En su composición se utilizaron los tipos: Californian FB,  
Typewriter: 10, 12, 14, 18.





2024







**COLECCIÓN LIBROS IMPOSIBLES  
2024**